

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Aline Passuelo de Oliveira

***“Tenemos miedo de nosotros mismos”***

**A construção social do medo em uma situação de conflito prolongado: os  
refugiados colombianos reassentados no Rio Grande do Sul**

Porto Alegre, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Aline Passuelo de Oliveira

***“Tenemos miedo de nosotros mismos”***

**A construção social do medo em uma situação de conflito prolongado: os  
refugiados colombianos reassentados no Rio Grande do Sul**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Coutinho  
Cotanda

Porto Alegre

2012.

**Aline Passuelo de Oliveira**

***“Tenemos miedo de nosotros mismos”***

**A construção social do medo em uma situação de conflito prolongado: os refugiados colombianos reassentados no Rio Grande do Sul**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Porto Alegre, 31 de agosto de 2012.

---

Prof. Dr. Fernando Coutinho Cotanda

Orientador – Programa de Pós-Graduação em Sociologia/PPGS/UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Fagundes Jardim

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS/UFRGS

---

Prof. Dr. Karl Martin Monsma

Programa de Pós-Graduação em Sociologia/PPGS/UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilis Lemos de Almeida

Programa de Pós-Graduação em Sociologia/PPGS/UFRGS

*Dedico essa dissertação à minha nona  
Giuseppina Superti Passuello, que com 11 anos  
atravessou um oceano para salvar sua vida e  
reconstruí-la sua vida no Brasil.*

## AGRADECIMENTOS

Das partes mais singelas de um trabalho científico, coroando uma dura e gratificante jornada.

Inicio agradecendo à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, minha casa desde o Ensino Médio, passando pela Graduação e, agora, Mestrado. É uma grande honra ter a oportunidade de estudar em uma universidade pública em um país como o Brasil, onde infelizmente ainda é ínfima a parcela da população que pode acessar o ensino universitário público.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, pela confiança em um projeto de pesquisa com um tema tão diferenciado. Ao Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva, coordenador desse Programa e orientador de minha monografia de conclusão do bacharelado em Ciências Sociais, pela disponibilidade. À Secretaria do PPGS, especialmente a Regiane e a Fabiana, pela ajuda em momentos cruciais.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Fernando Coutinho Cotanda, que mesmo sendo de outra área da sociologia, abraçou meu projeto desde o início e nunca mediu esforços para me apoiar. Foi uma grande honra tê-lo tido como orientador!

Ao Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos, pela co-orientação do projeto dessa dissertação e pelos apontamentos tão importantes na banca de defesa do projeto. Por ter me acolhido em seus grupos de orientandos e por dividir conosco sua vasta sabedoria. Aos colegas de seu grupo de orientandos do ano de 2010, pelo companheirismo, reflexões e *feedbacks*.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Fagundes Jardim, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, por ter me oportunizado participar de uma disciplina sua e ter participado das minhas bancas de projeto e de dissertação. Sua experiência na área das migrações e suas contribuições servem como inspiração para seguir pesquisando tal tema e lutando por um mundo em que as palavras “estrangeiro” e “fronteira” passem a não ter mais sentido negativo e discriminatório.

Ao Prof. Dr. Karl Martin Monsma, pelas aulas acerca das minorias étnicas, fomentando discussões de alto nível que motivaram o desenvolvimento da minha pesquisa, além da participação na banca de dissertação.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marilis Lemos de Almeida pela pronta disponibilidade de participar e contribuir com a minha banca de dissertação, o meu muito obrigada também!

Tal percurso só faz sentido, se estejamos acompanhados pelos nossos afetos. As minhas famílias: Superti, Passuelo, Miranda e Oliveira. A minha nona Giuseppina, filha de um socialista e que com 11 anos teve que fugir de uma Itália dominada pelo fascismo. Que amava o Brasil acima de tudo, por ter sido a terra que lhe permitiu viver com dignidade.

Agradeço ao meu pai Adolfo e minha mãe Nelia, professores por vocação e grandes inspiradores da minha vida. Pelo incentivo aos estudos e à luta, pelo incentivo ao questionamento e a não naturalização do que está dado. As minhas irmãs Ângela e Andrea, cujos laços afetivos ultrapassam os sanguíneos. Especialmente a Ângela, pelo apoio em todos os momentos da minha vida acadêmica. Pela força nas questões que envolviam a contextualização histórica dessa dissertação, pelo companheirismo e pelos momentos, tão necessários, de lazer. E ao meu querido amigo e cunhado Rafael pelos momentos de descontração.

Aos meus amigos queridos, que compreenderam tão bem minhas distâncias e nunca deixaram de me apoiar: Antonella, Vicky, Giordano e Juan, essa dissertação também é pra vocês. Aos amigos que o curso de Ciências Sociais me trouxe e que fazem parte da minha vida: ao Chico, à Analisa (e à Alice), ao Fabrício, à Fabiela e à Rochelle, verdadeiros companheiros de jornada. Aos meus amigos *sannyasins*, buscadores de suas verdades, pela amizade mais que verdadeira. Em especial, à Fabi e à Ana Roberta, irmãs queridas e tão presentes na minha vida, representando todos os meus irmãos de busca.

A turma de mestrado em Sociologia de 2010 trouxe na diversidade das trajetórias de seus componentes, uma combinação ideal. Trocamos experiências e conhecimentos, temores e momentos de descontração. Especialmente a Kelly, que desde o início foi minha grande companheira! A Milena, colega de mestrado e de busca. Ao Rodrigo, colega desde a graduação, cujo reencontro no mestrado serviu para nos aproximar. Muito obrigada!

Nos caminhos da vida, vamos encontrando pessoas tão especiais, que só podemos agradecer a existência por tal oportunidade. À Bianca, que além de colega de mestrado, divide seu lar comigo. Na convivência diária, nossas dissertações foram sendo escritas e nossas vidas construídas. À Gloria, espetacular cantora que veio lá do Paraguai para encantar com seu talento e sua amizade incondicional e, que juntamente comigo e com a Bianca, faz com que o apartamento do Bom Fim seja um lar tão feliz.

Se hoje concluo esse mestrado e estudo tal tema, é pela inspiração que o trabalho que realizo há seis anos me propiciou. No Programa de Reassentamento Solidário da Associação Antônio Vieira, em Porto Alegre, me inspiro diariamente. Meu agradecimento especial é para a Karin Wapechowski, coordenadora do programa, minha *boss* e amiga querida, que lá em 2003 aceitou o desafio e encampou a ideia de reassentar refugiados no Rio Grande do Sul. Se estamos aqui hoje, ajudando na reconstrução de vidas, isso é fruto de sua coragem e determinação. A Neuza, colega, companheira e amiga, por suas palavras sempre pertinentes e seu exemplo de mulher guerreira. A Raquel, pela amizade e a segurança que sempre passa, sua competência é essencial para o seguimento desses árduo trabalho. Ao Vini, amigo e colega de trabalho, que hoje percorre outros caminhos. A Ana Paula, colega e amiga mais recente, mas que tem dado um ânimo todo especial a essa equipe. E, finalmente, a minha querida amiga Liége, companheira de trabalho e luta. Muito obrigada!

Às vezes a vida nos reserva coisas incríveis, justamente nos momentos mais importantes e, de certa maneira, caóticos das nossas vidas. Ao Eduardo, que chegou no findar da realização desse sonho. Pelo companheirismo, apoio e afeto. Por diariamente me mandar ir escrever. E por me fazer acreditar que a gente pode tão mais e que a vida pode ser tão linda. Sei que é só o começo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os refugiados que tive a oportunidade de conhecer, pelas suas histórias de luta e superação, pela determinação em reconstruir suas vidas. Em especial à aqueles que me permitiram chegar mais perto, ouvir suas histórias e partilhar de suas dores e anseios. A conversão do meu trabalho em causa, encontra neles a motivação necessária para que não esmoreça! Como ilustra um cartaz da Agência da ONU para Refugiados: “é necessário ter coragem para ser um refugiado”. Verdade inquestionável em um mundo em que ainda os conflitos se multiplicam e as pessoas são obrigadas a se deslocar.

**Gratidão!**



## **El miedo global**

Eduardo Galeano

*“Los que trabajan tienen miedo de perder el trabajo. Y los que no trabajan tienen miedo de no encontrar nunca trabajo. Quien no tiene miedo al hambre, tiene miedo a la comida. Los automovilistas tienen miedo a caminar y los peatones tienen miedo de ser atropellados. La democracia tiene miedo de recordar y el lenguaje tiene miedo de decir. Los civiles tienen miedo a los militares. Los militares tienen miedo a la falta de armas. Las armas tienen miedo a la falta de guerra. Es el tiempo del miedo. Miedo de la mujer a la violencia del hombre y miedo del hombre a la mujer sin miedo. Miedo a los ladrones y miedo a la policía. Miedo a la puerta sin cerradura. Al tiempo sin relojes. Al niño sin televisión. Miedo a la noche sin pastillas para dormir y a la mañana sin pastillas para despertar. Miedo a la soledad y miedo a la multitud. Miedo a lo que fue. Miedo a lo que será. Miedo de morir. Miedo de vivir.”*

## **Una refugiada en el amor de Dios**

Brysol

*“Soy una refugiada del horror de la guerra de mi tierra natal, Colombia. Una refugiada en un lugar de paz, que Dios me dio: Es una pequeña ciudad, al Sur de un inmenso país, quiero para explicar en el paraíso que vivo. [...] Una refugiada en la esperanza. Una refugiada en el valor. Una refugiada en la constancia. Una refugiada en la vida. Una refugiada en el amor. Una refugiada en el ánimo. Una refugiada en el futuro. Una refugiada en el amor de Dios. Me escondo del dolor. Me escondo de la tristeza. Me escondo de la pesadilla. Me escondo del terror. Me escondo, atrás de Dios. Cuando estamos dispuestos a que Dios nos acompañe, en el, que, para nosotros es amargo camino, él nos lleva en sus brazos, para no permitirnos caminar, para darnos un eterno descanso. Amado refugiado nunca pierdas tu fe. Descansa en los brazos de Dios. ¡Vamos! ¡Ánimo!”*

## RESUMO

A presente dissertação aborda a situação de conflito prolongado estabelecido na Colômbia a partir da metade do século XX e o impacto que esse embate entre grupos guerrilheiros, grupos paramilitares e o poder estatal tem na população local. A Colômbia é um dos países com o maior número de deslocados internos e refugiados do mundo, demonstrando a centralidade que a temática das migrações tem no cotidiano de sua população. A abordagem aqui empreendida trabalha com deslocados colombianos que pediram refúgio no Equador e necessitaram buscar um terceiro país para serem reassentados, nesse caso no Brasil e, mais especificamente, o Rio Grande do Sul. Diante disso, questiona-se como viver em um país em que há um conflito prolongado influencia no processo de socialização dos indivíduos? Como o medo socialmente construído pela constante presença e ameaça de tal conflito, conforma a trajetória dos indivíduos e faz com a migração seja uma estratégia presente em suas vidas? E, por fim, como o medo continua operando e mobilizando a vida dos refugiados reassentados? Objetiva discutir as principais correntes teóricas que abordam a questão migratória, focando na contribuição que a percepção da violência como fator migratório traz ao campo de discussão das migrações; contextualizar o conflito na Colômbia e analisar como se dá o processo de refúgio no Equador e de reassentamento de refugiados colombianos no Brasil. A partir da trajetória de vida de uma amostra com seis reassentados, buscar apreender como o conflito experienciado em seu país de origem afetou e influenciou suas vidas, objetivando identificar como o medo, enquanto construção social, fez parte da socialização dessas pessoas e de como segue fazendo parte de suas vidas no país de primeiro asilo e no país de reassentamento. As hipóteses que norteiam esse trabalho são que os indivíduos expostos a situações de conflito prolongado desenvolvem disposições para migrar, que são adquiridas ao longo do processo de socialização através do contato com diferentes grupos e espaços, tornando temas como conflito, violência e migração recorrentes nas diferentes esferas da vida social; em sociedades que enfrentam conflitos prolongados, a violência sistematicamente impetrada contra as populações e seus ecos na vida social, faz com que seja desenvolvido um medo coletivo. Esse medo, socialmente construído, influencia na trajetória de vida dos indivíduos, que buscam migrar como estratégia de sobrevivência; o indivíduo que foi socializado nessas condições acaba carregando consigo tal medo socialmente construído e em muitas situações, acaba reproduzindo nas sociedades de acolhida, atitudes e reações pautadas em suas experiências pregressas. Para que seja empreendida tal análise serão utilizados os conceitos de medo socialmente construído, socialização, *habitus* e estratégia. É uma pesquisa de caráter exploratório e os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e entrevistas em profundidade, além da coleta de dados qualitativos que visam identificar a trajetória. Tais dados foram interpretados à luz da análise de conteúdo.

**PALAVRAS-CHAVE:** migrações internacionais – refugiados – reassentamento de refugiados – conflito colombiano – medo socialmente construído – socialização – *habitus* – estratégia

## ABSTRACT

The present dissertation approaches the situation of extended conflict established in Colombia since the middle of the 20th century and the impact that this conflict between guerrilla groups, paramilitary groups and the state power have on the local community. Colombia is one of the countries with the largest number of internally displaced and refugees in the world, demonstrating the centrality that the theme of migration has on the daily life of its population. The approach here undertakes work with displaced Colombians who requested refugee status in Ecuador and needed to seek a third country to be resettled, in this case in Brazil and, more specifically, Rio Grande do Sul. Given this fact, it is questioned how living in a country where there is a prolonged conflict influences the process of socialization of the individuals? How the fear socially constructed by the constant presence and threat of such conflict conforms the trajectory of the individuals and makes the immigration a present strategy in their lives? And, lastly, how the fear keeps operating and mobilizing the lives of the resettled refugees? It is intended to discuss the main theoretical currents that approach the migration matter, focusing on the contribution that the perception of violence as a migratory factor brings to the field of migration discussion; contextualize the conflict in Colombia and analyze how the process of refuge in Ecuador and resettlement of Colombian refugees in Brazil happens. From the life trajectory of a sample of six resettled, seek to learn how the conflict experienced in their country of origin affected and influenced their lives, aiming to identify how the fear, as a social construction, took part of the socialization of those people and how it keeps being a part of their lives in the country of first refuge and in the resettlement country. The hypotheses that guide this work are that the individuals exposed to the extended conflict situations develop willingness to migrate, which are acquired along the process of socialization through the contact with different groups and spaces, making subjects such as conflict, violence and migration recurrent on different spheres of social life; in societies that face extended conflicts, the violence systematically filed against the populations and its echoes on the social life, develops a collective fear. This fear, socially constructed, influences the life trajectory of the individuals which seek to migrate as a survival strategy; the individual that was socialized on those conditions ends up carrying with such fear socially constructed, and in many situations, ends up reproducing in the host society attitudes and reactions based on their previous experiences. To undertake this analysis, it will be used the concepts of socially constructed fear, socialization, *habitus* and strategy. It's an exploratory research and the methodological procedures used were bibliographical researches and in-depth interviews, in addition to qualitative data collection, aimed to identify the trajectory. These data were interpreted in the light of the content analysis.

**KEYWORDS:** international migrations – refugees - resettlement of refugees – Colombian conflict – socially constructed fear – socialization – *habitus* - strategy

## RESUMEN

La presente tesis aborda la situación de conflicto prolongado establecido en Colombia a partir de la mitad del siglo XX y el impacto que ese embate entre grupos guerrilleros, grupos paramilitares y el poder estatal tiene en la población local. Colombia es uno de los países con mayor número de desplazados internos y refugiados del mundo, demostrando la centralidad que la temática de las migraciones tiene en el cotidiano de la población. El enfoque aquí emprendido trabaja con los desplazados colombianos que pidieron refugio en Ecuador y necesitaron buscar un tercer país para su reasentamiento, en este caso Brasil y, más específicamente, en Rio Grande del Sur. Desde esta realidad, se cuestiona: ¿Cómo vivir en un país, a partir de la influencia de un conflicto prolongado en el proceso de socialización de los individuos?, ¿Cómo el miedo socialmente construido por la constante presencia y amenaza de tal conflicto, conforma la trayectoria de los individuos y hace que la migración sea una estrategia presente en sus vidas?, Y finalmente, ¿Cómo el miedo continúa operando y movilizándolo la vida de los refugiados reasentados? Se pretende discutir las principales corrientes teóricas que abordan la cuestión migratoria, enfocando en la contribución que la percepción de la violencia como factor migratorio trae al campo de discusión de las migraciones; contextualizar el conflicto en Colombia y analizar cómo se da el proceso de refugio en Ecuador y de reasentamiento de refugiados colombianos en Brasil. A partir de la trayectoria de vida de una muestra con seis reasentados, buscar aprender cómo el conflicto vivido en su país de origen afectó e influyó sus vidas, objetivando identificar cómo el miedo, en cuanto construcción social, formó parte de la socialización de esas personas y de cómo sigue siendo parte en sus vidas en el país de primer asilo y en el país de reasentamiento. Las hipótesis que orientan este trabajo son: que los individuos expuestos a situaciones de conflicto prolongado desenvuelven disposiciones para migrar, adquiridas a lo largo del proceso de socialización a través del contacto con diferentes grupos y espacios, surgiendo temas como conflicto, violencia y migración habituales en las diferentes esferas de la vida social; en sociedades que enfrentan conflictos prolongados, la violencia sistemáticamente impregnada contra las poblaciones y sus ecos en la vida social, hace que sea expandido un miedo colectivo. Ese miedo, socialmente construido, influye en la trayectoria de vida de los individuos, que buscan migrar como estrategia de sobrevivencia; el individuo que fue socializado bajo esas condiciones acaba llevando consigo tal miedo socialmente construido y que en muchas situaciones, acaba reproduciendo en las sociedades acogedoras, actitudes y reacciones pautadas en sus experiencias pasadas. Para que sea emprendido tal análisis serán utilizados los conceptos de miedo socialmente construido, socialización, *habitus* y estrategia. Es una investigación de carácter exploratorio y los procedimientos metodológicos utilizados fueron la investigación bibliográfica y entrevistas en profundidad, además de la colecta de datos cualitativos que visan identificar las trayectorias. Tales datos fueron interpretados a la luz del análisis del contenido.

**PALABRAS CLAVES:** migraciones internacionales – refugiados – reasentamiento de refugiados – conflicto colombiano – miedo socialmente construido – socialización – *habitus* – estrategia.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                     |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| LISTA DE FIGURAS .....                                                                                                                              | 16        |
| LISTA DE TABELA E QUADROS .....                                                                                                                     | 17        |
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....                                                                                                                | 18        |
| INTRODUÇÃO .....                                                                                                                                    | 19        |
| <br>                                                                                                                                                |           |
| <i>CAPÍTULO 1 – CAMINHOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DAS<br/>MIGRAÇÕES FORÇADAS.....</i>                                                            | <i>30</i> |
| 1.1 TEORIAS DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS.....                                                                                                       | 30        |
| 1.2 CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA E MIGRAÇÃO FORÇADA: .....                                                                                                | 35        |
| 1.3 CATEGORIAS MIGRATÓRIAS FORJADAS EM CONTEXTOS EXPULSORES<br>.....                                                                                | 37        |
| 1.3.1 DESLOCADO INTERNO .....                                                                                                                       | 37        |
| 1.3.2 A CRIAÇÃO DO ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA<br>REFUGIADOS (ACNUR) E A DEFINIÇÃO DE REFUGIADO.....                                   | 37        |
| 1.3.3 REFUGIADO REASSENTADO.....                                                                                                                    | 39        |
| 1.4 O MEDO DE FICAR: A MIGRAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE<br>SOBREVIVÊNCIA.....                                                                            | 40        |
| 1.4.1 O MEDO SOCIALMENTE CONSTRUÍDO NAS SOCIEDADES<br>CONTEMPORÂNEAS E SEU PAPEL SOCIALIZADOR.....                                                  | 41        |
| 1.4.2 A SOCIALIZAÇÃO EM UM “CLIMA DE MEDO”: OS CONCEITOS DE<br>SOCIALIZAÇÃO, <i>HABITUS</i> E ESTRATÉGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O<br>DEBATE..... | 44        |
| <br>                                                                                                                                                |           |
| <i>CAPÍTULO 2 – COLÔMBIA, EQUADOR E BRASIL: CONTEXTOS DE ORIGEM,<br/>REFÚGIO E REASSENTAMENTO .....</i>                                             | <i>49</i> |
| 2.1 COLÔMBIA .....                                                                                                                                  | 49        |

|                                                                                                                                                                          |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 2.1.1 A HISTÓRIA COLOMBIANA NO SÉCULO XX E O DESLOCAMENTO POPULACIONAL FORÇADO .....                                                                                     | 49 |
| 2.1.2 O MEDO DA VIOLÊNCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL EM UMA SITUAÇÃO DE CONFLITO PROLONGADO: O CASO COLOMBIANO .....                                                         | 57 |
| 2.2 EQUADOR .....                                                                                                                                                        | 59 |
| 2.2.1 O EQUADOR COMO PAÍS HISTORICAMENTE RECEPTOR DE REFUGIADOS .....                                                                                                    | 59 |
| 2.2.2 OS COLOMBIANOS EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO NO EQUADOR .....                                                                                                             | 60 |
| 2.3 BRASIL .....                                                                                                                                                         | 61 |
| 2.3.1 A LEI BRASILEIRA SOBRE REFÚGIO E O PROGRAMA BRASILEIRO DE REASSENTAMENTO SOLIDÁRIO: A BUSCA DE UMA SOLUÇÃO REGIONAL PARA OS DESLOCADOS DO CONFLITO COLOMBIANO..... | 61 |
| 2.3.2 PROGRAMA DE REASSENTAMENTO DE REFUGIADOS NO RIO GRANDE DO SUL .....                                                                                                | 63 |

|                                                                                                                                          |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <i>CAPÍTULO 3 – O MEDO QUE MOBILIZA: TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS DE REFUGIADOS COLOMBIANOS REASSENTADOS NO RIO GRANDE DO SUL ....</i>        | <i>66</i> |
| 3.1 A POPULAÇÃO PESQUISADA: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS E DE SEUS LOCAIS DE PROCEDÊNCIA.....                                        | 66        |
| 3.2 COLÔMBIA: O CONFLITO NA CASA, NA ESCOLA E NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO – A SOCIALIZAÇÃO EM UM “CLIMA DE MEDO” .....                      | 75        |
| 3.3 A DIVERSIDADE DE ATORES ENVOLVIDOS NO CONFLITO E A ATUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES ESTATAIS: EM QUEM CONFIAR? .....                         | 80        |
| 3.4 O CONFLITO BATE À PORTA DE CASA: DEIXANDO A COLÔMBIA.....                                                                            | 82        |
| 3.5 CHEGADA AO EQUADOR: A ACOLHIDA NO PAÍS DE REFÚGIO.....                                                                               | 85        |
| 3.6 O PROCEDIMENTO DE SOLICITAÇÃO DE REFÚGIO E A RELAÇÃO COM AS ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS.....                                     | 87        |
| 3.7 O SIGNIFICADO DE SER COLOMBIANO NO EQUADOR: A RELAÇÃO COM A POPULAÇÃO E AS INSTITUIÇÕES .....                                        | 90        |
| 3.8 A AMEAÇA ATRAVESSA A FRONTEIRA E O MEDO VOLTA A RONDAR....                                                                           | 92        |
| 3.9 O CONTATO COM O ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS E O PROCESSO DE REASSENTAMENTO EM UM SEGUNDO PAÍS DE ASILO ..... | 94        |

|                                                                                                                  |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.10. CHEGADA AO BRASIL E A RELAÇÃO ESTABELECIDADA COM A INSTITUIÇÃO DE ACOLHIDA: CONFIAR OU NÃO? .....          | 96  |
| 3.11 EM BUSCA DE TRANQUILIDADE: A RELAÇÃO COM OUTROS COLOMBIANOS NO BRASIL E COM AS INSTITUIÇÕES DO ESTADO ..... | 99  |
| 3.12 A VIDA EM SOLO BRASILEIRO: TRANSITÓRIA OU DEFINITIVA? .....                                                 | 101 |
| 3.13 A COLÔMBIA QUE SOBREVIVE NA MEMÓRIA E NO CORAÇÃO: SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS FUTURA .....                | 104 |
| <br>                                                                                                             |     |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                                                       | 107 |
| <br>                                                                                                             |     |
| REFERÊNCIAS .....                                                                                                | 113 |
| <br>                                                                                                             |     |
| ANEXOS .....                                                                                                     | 120 |
| ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS .....                                                                           | 121 |

## LISTA DE FIGURAS

MAPA 1 – América do Sul ..... 28

MAPA 2 – Colômbia ..... 29



## LISTA DE TABELA E QUADROS

|                                                                                            |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| TABELA 1 – Perfil da população reassentada atendida no Rio Grande do Sul (2003-2012) ..... | 64 |
| QUADRO 1 – Perfil dos entrevistados .....                                                  | 67 |
| QUADRO 2 – Percorso percorrido pelo entrevistados na Colômbia .....                        | 71 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

ANUAR – Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Reestabelecimento

ASAV – Associação Antônio Vieira

AUC- Autodefesas Unidas da Colômbia

CODHES – Consultoria para los Derechos Humanos y el Desplazamiento Forzado

CONARE – Comitê Nacional para Refugiados

ELN – Exército de Libertação Nacional da Colômbia

FARC/EP – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia/Exército do Povo

FLACSO – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

HIAS – Hebrew Immigrant Aid Society

OIM – Organização Internacional das Migrações

OIR – Organização Internacional para Refugiados

ONG – Organização Não-Governamental

SJR – Serviço Jesuíta para Refugiados

## INTRODUÇÃO

Em Reflexões sobre o Exílio, Edward Said consegue resumir em poucas linhas o sentimento de alguém que é obrigado a deixar sua terra natal e recomeçar a vida em outro país:

o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais poderá ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p. 46)

O ano de 1951 é um marco para as questões de refúgio no mundo, a Segunda Guerra Mundial estava findada e havia a necessidade de realocar milhões de pessoas deslocadas. No ano de 1950, a Organização das Nações Unidas (ONU) cria o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). No ano seguinte, é assinada a “Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951”, documento específico para abordar e buscar soluções para os refugiados europeus. No entanto, a multiplicação de conflitos em outros continentes, fez com que instrumentos legais fossem criados regionalmente, buscando ampliar tal definição para dar conta desses novos fluxos.

No contexto da América do Sul, muitos foram os conflitos que assolaram essa região ao longo da história. No século XX, as ditaduras militares em países como Argentina, Uruguai, Chile e Brasil fizeram com que muitas pessoas se deslocassem e buscassem outros países e continentes como alternativa à perseguição impetrada pelos governos a partir das décadas de 60 e 70. Com a redemocratização desses países a partir da década de 80, há uma reorganização social e um importante movimento de retorno de parte dessas pessoas. No entanto, a Colômbia enfrenta o conflito mais longo da região.

A década de 1940 é um marco para a história colombiana, na medida em que a partir de sua metade é iniciado um enfrentamento entre as duas principais forças

políticas presentes no país naquele momento: o Partido Liberal e o Partido Conservador. Uma sucessão de fatos ajudou a configurar o que se conhece como conflito armado colombiano. Diferentes forças atuaram e seguem atuando no país e que podem ser definidas resumidamente como as guerrilhas de esquerda, grupos paramilitares de extrema direita e o poder estatal. Dentro de cada uma dessas categorias há uma infinidade de grupos atuando nos 32 departamentos colombianos, entre esses, muitos seguem ativos, alguns desapareceram e outros tantos, foram reprimidos e se reconfiguraram.

O impacto mais forte e cruel de tal conflito é na população local, que tem que muitas vezes fugir de seu lugar de origem como estratégia de sobrevivência. E nesses fluxos, diferentes são as categorias migratórias presentes: deslocado interno, migrante, refugiado, refugiado reassentado, entre outros. Assim, o deslocamento na Colômbia difere dos movimentos migratórios de outros países, já que a duração do conflito faz com que o deslocamento esteja presente na vida social desse território ao longo de sua história:

ao contrário do que ocorre em muitos países onde eventos de deslocamentos estão associados com atos de guerra concretos, pontuais e específicos que se desenvolvem em lapsos de tempos relativamente curtos e intensos, na Colômbia o deslocamento é um eixo de sobrevivência histórica que atravessa a vida nacional desde a fundação da república até o presente e se expõe ao longo do tempo conjunturas agudas e períodos de relativa estabilidade populacional. (NARANJO, 2001 apud GÓMEZ BUILES, 2010) (tradução nossa).

Sendo assim, a Colômbia é um dos países do mundo que possui a maior quantidade de deslocados internos, isto é, a opção de se deslocar para outras regiões do país para buscar fugir do conflito pode ser compreendida como uma estratégia adotada por boa parte da população. No entanto, não é uma garantia de proteção, já que muitos seguem sendo perseguidos e precisam buscar refúgio em outros países. Muitas pessoas solicitam refúgio após terem tentado o deslocamento interno como primeira tentativa de garantir sua sobrevivência, já outras, buscam o refúgio imediatamente após sofrer algum tipo de ameaça.

Muitos colombianos acabam buscando refúgio nos países fronteiriços, como o Equador, Panamá e Venezuela, por exemplo. A busca desses países pode ser compreendida por vários elementos, dentre eles a possibilidade de uma saída mais rápida para fugir de uma ameaça e a falta de condições financeiras para tentar viajar para países mais distantes. Todavia, a busca de refúgio em países fronteiriços nem sempre se apresenta como uma solução definitiva para tal situação, na medida em que os fluxos entre fronteiras nem sempre é algo controlado pelas autoridades estatais. Então, assim como as pessoas que necessitam de proteção internacional logram atravessar essas fronteiras, o risco de que agentes perseguidores façam o mesmo é bastante grande. Somado a isso, há um crescente aumento da xenofobia nos países de acolhida. Temos como exemplo, o intenso fluxo de colombianos no Equador que, segundo estudos e relatos de refugiados reassentados no Rio Grande do Sul, tem causado reações hostis da população local por diferentes motivações. Portanto, quando o país de refúgio também se constitui como uma ameaça para essas pessoas, seja pela continuidade da perseguição experienciada no país de origem ou pela falta de condições para que haja uma real integração econômica e social, surge como última alternativa o reassentamento em um segundo país de refúgio. Por todas essas razões, a complexa natureza do conflito colombiano e a diversidade de categorias migratórias produzidas por este, demonstram o quão complexa é essa realidade.

A experiência da pesquisadora como socióloga de um programa que reassenta refugiados colombianos no Rio Grande do Sul permitiu a aproximação com a temática. Após seis anos de contato direto com essas pessoas e a incessante escuta de suas histórias, fez com que emergissem muitos questionamentos, que se configuraram com o passar do tempo em pontos passíveis de estudo. Muitas vezes, a equipe multidisciplinar do Programa de Reassentamento Solidário que trabalha diretamente com a integração local dos refugiados, enfrentou situações que tiveram um importante impacto na condução do trabalho. De maneira generalizante, pode se resumir que a grande questão que se apresentou para a equipe como um ponto nevrálgico da implementação do programa foi que com todas as necessidades básicas supridas – bolsa alimentação, aluguel, documentação, saúde, atendimento psicológico, capacitação laboral, inserção no mercado de trabalho, escola – o que faz com que muitos dos refugiados reassentados ainda sigam tendo dificuldades na

adaptação ao país de reassentamento e não se sintam confiantes em estabelecer relações com as pessoas e as instituições? Mesmo que não se tenha relatos da atuação de agentes perseguidores aqui no Rio Grande do Sul, qual razão para que essas pessoas sigam tendo medo? Tais questionamentos podem parecer elementares, podendo demonstrar que a equipe espera um desempenho positivo do refugiado que é parte de tal programa, desconsiderando suas características individuais e socioculturais a ponto de ter certeza de que a oportunidade de estar um país de reassentamento seja uma benesse passível de agradecimento e não de questionamento e crítica. No entanto, há um fator que é central para a compreensão dessa situação, o contato da equipe de trabalho com os refugiados reassentados pode ser irrestrito, ou seja, não há um prazo para que a orientação sobre os mais diversos aspectos da vida seja realizado e muito menos de escuta dessas pessoas. Contudo, o programa financeiro, ou seja, o custeio dessas pessoas é limitado a doze meses. Consequentemente tais inquietações dizem respeito a duas dimensões da organização da vida dessas pessoas, há uma preocupação com a reconstrução real de suas vidas, mas também há o cumprimento de uma exigência de ordem formal e burocrática, que diz respeito ao Programa no qual estão inseridas.

Muitas são as questões que fomentam a reflexão e são pertinentes a tal temática. Uma se destaca como sendo a que conduzirá essa investigação, que se refere ao processo de socialização que os cidadãos colombianos têm passado desde a metade do século passado. Parece que ser socializado no seio de uma sociedade em conflito quase que permanente, faz com que tais pessoas cresçam num ambiente em que a temática da migração para outros países é bastante recorrente. Como se a necessidade de buscar outro país para viver estivesse sempre na agenda dessas pessoas, como se a vida na Colômbia fosse algo compreendido como transitório. O relato de alguns reassentados colombianos no Rio Grande do Sul contatados para essa pesquisa faz pensar que viver em um país em que exista um conflito arraigado, devido a tal prolongamento e o envolvimento de atores diversificados, já esteja entranhado nas mais diversas esferas da vida social. Desta forma, seja na família, com os amigos, nos meios de comunicação, nas instituições, na escola e em qualquer outro espaço social, o conflito seja um assunto cotidiano e, quem sabe, até naturalizado. A migração está presente seja na história

de um parente que saiu da Colômbia, de um conhecido ou um personagem de matérias veiculadas nos meios de comunicação.

Diante do exposto, questiona-se como viver em um país em que há um conflito prolongado, influencia no processo de socialização dos indivíduos? Como o medo socialmente construído pela constante presença e ameaça de tal conflito, conforma a trajetória dos indivíduos e faz com a migração seja uma estratégia presente em suas vidas? E, por fim, como o medo continua operando e mobilizando a vida dos refugiados reassentados?

Assim, essa dissertação objetiva discutir as principais correntes teóricas que abordam a questão migratória, focando na contribuição que a percepção da violência como fator migratório traz ao campo de discussão das migrações; contextualizar o conflito na Colômbia e analisar como se dá o processo de refúgio no Equador e de reassentamento de refugiados colombianos no Brasil. A partir da trajetória de vida de uma amostra com seis reassentados, buscar apreender como o conflito experienciado em seu país de origem afetou e influenciou suas vidas, objetivando identificar como o medo, enquanto construção social fez parte da socialização dessas pessoas e de como segue sendo parte de suas vidas no país de primeiro asilo e no país de reassentamento.

As hipóteses construídas para dar conta dessa problematização são três. A primeira é que os indivíduos expostos a situações de conflito prolongado desenvolvem disposições para migrar, que são adquiridas ao longo do processo de socialização através do contato com diferentes grupos (como família e grupos de amigos) e espaços (como na escola e através meios de comunicação), tornando temas como conflito, violência e migração recorrentes nas diferentes esferas da vida social. Já a segunda, afirma que sociedades que enfrentam conflitos prolongados, a violência sistematicamente impetrada contra as populações e seus ecos na vida social fazem com que seja desenvolvido um medo coletivo. Esse medo, socialmente construído, influencia na trajetória de vida dos indivíduos, que buscam migrar como estratégia de sobrevivência. Por fim, o indivíduo que foi socializado nessas condições acaba carregando consigo tal medo socialmente construído e, em muitas situações, termina reproduzindo nas sociedades de acolhida, atitudes e reações pautadas em suas experiências pregressas.

Para que seja empreendida tal análise, foram utilizados os conceitos de medo socialmente construído, socialização, *habitus* e estratégia. Utiliza-se para compreender o medo enquanto construção social os trabalhos do historiador francês Jean Delumeau e outros autores que trabalharam com essa questão em relação ao conflito colombiano. Já os conceitos de socialização, *habitus* e estratégia foram apreendidos dos estudos do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Além disso, para a compreensão do conflito na Colômbia, as obras de Daniel Pécaut, sociólogo francês e Maria Teresa Uribe de Hincapié, socióloga colombiana, permitem a compreensão dos principais fatos históricos que ocorreram no país no século XX.

É uma pesquisa de caráter exploratório e os procedimentos metodológicos utilizados foram pesquisa bibliográfica, em grande parte construída a partir dos trabalhos de pesquisadores colombianos. Dados do Programa de Reassentamento Solidário da Associação Antônio Vieira (ASAV) em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e o Governo Brasileiro, através do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), também foram coletados com o intuito de descrever a população atendida. Além disso, foram realizadas seis entrevistas com refugiados colombianos reassentados no Rio Grande do Sul. A coleta de dados centrou-se na compreensão de como o medo enquanto um construto social, acompanha a vida dos refugiados e de que maneira aparece em suas falas nas diferentes fases de sua vida. A amostra procurou ter refugiados de diferentes regiões da Colômbia, para enriquecer os dados na medida em que cada região do país tem manifestações e intensidades do conflito específicas, fazendo com que o *corpus* (BAUER e ARTS, 2004) dessa pesquisa tivesse uma diversidade de procedências e experiências. O número restrito de entrevistados também evoca tal medo socialmente construído como justificativa, na medida em que poucos foram os indivíduos que se dispuseram a reviver o trauma e fornecer informações. No entanto, para o que essa pesquisa se presta, as entrevistas realizadas foram bastante produtivas e com falas bastante significativas. Além de fases cronológicas diferentes (infância, adolescência e idade adulta) o roteiro é dividido em três momentos diferentes que dizem respeito a três localizações geográficas distintas, o país de origem (Colômbia), o país de primeiro asilo (Equador) e o país de reassentamento (Brasil). O país de primeiro asilo desse grupo é o Equador, o que traz uma série de fatos importantes para a análise. O Equador é um país fronteiriço



com a Colômbia e em termos territoriais e populacionais é menor. Há relatos de que ocorre um tratamento xenofóbico e discriminatório em relação aos colombianos que lá chegam. Assim, a manutenção dos medos pré-existentes lá pode encontrar um terreno fértil para sua disseminação. Além disso, o reassentamento em um país em desenvolvimento como o Brasil, também conhecido por possuir uma criminalidade bastante importante, também pode agir nesse sentido. Contudo, nem sempre o medo precisa ter um fundamento de realidade para se multiplicar e o “clima de medo” pode ser carregado para onde o indivíduo for. O roteiro de entrevistas (anexo 1) foi construído com o intuito de identificar tanto em termos cronológicos, quanto em termos geográficos, como tais medos são construídos e continuam operando na vida desses indivíduos. No capítulo 3 há uma descrição detalhada do perfil dos entrevistados e de seus locais de procedência na Colômbia, já que há especificidades regionais da dinâmica do conflito que não podem ser desconsideradas.

As entrevistas em profundidade foram centrais para a compreensão de como o indivíduo em deslocamento apreende o mundo no qual vive e ressignifica suas experiências. BENAVIDES (2007), ao trabalhar diretamente com histórias de vida de colombianos na Espanha, faz apontamentos importantes sobre a utilização das histórias de vida em um projeto de pesquisas sobre migrações:

a construção de uma história de vida é a recriação descrita de uma experiência humana e, como tal, depende de várias fases para sua execução. Na etapa inicial da investigação devem desenhar-se perfeitamente os objetivos a serem conseguidos e as pautas mais adequadas na hora de desenvolver a entrevista como instrumento fundamental; e estas deverão estar em função dos objetivos previstos pelo investigador em seu projeto. (BENAVIDES, 2007, p. 147) (tradução nossa).

Para THOMSON (2002): “*o testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram a complexidade do real processo de migração*” (THOMSON, 2002, p. 345). Somente técnicas de pesquisa que consigam dar conta do caráter processual da migração, podem abarcar a complexidade do fenômeno estudado. Para tanto, o testemunho pessoal oferece vislumbres singulares do interior vivido ao longo do processo de migração. Vislumbrar os elementos que fazem parte de todo o

processo é um importante ganho que as pesquisas de caráter qualitativo conseguem oferecer, já que a migração é um processo que começa muito antes que se deixa o país de origem e tampouco termina no momento em que o indivíduo chega à sociedade receptora. Para BENAVIDES (2007):

(...) o que se pretende é conhecer a vida dos sujeitos que viajam a outros países: desde as causas que influenciaram na sua tomada de decisão – fatores econômicos, políticos e familiares, entre outros – até indagar sobre seus referenciais culturais e simbólicos, sobre o país de acolhida e em relação com seu país, visto desde a perspectiva do migrante. As histórias de vida de migração se ocupam de pôr em contraste o ponto de vista subjetivo – o que o indivíduo pensa que é – como o sujeito social classificado como imigrante em uma sociedade ajustada a leis e protocolos de atuação plenamente definidas. (BENAVIDES, 2007, p. 148-9) (tradução nossa).

A análise de conteúdo foi utilizada para interpretar os dados coletados nas entrevistas em profundidade. Cabe ser mencionado que as entrevistas foram bastante extensas, produzindo falas densas e complexas. As leituras de BARDIN (1997) e BAUER (2004) auxiliaram nesse processo, na medida em que diante de tal riqueza de dados, foi necessário estabelecer o que seria aproveitado para essa investigação e o que poderia ser guardado para estudos futuros.

Por conseguinte, para dar conta das múltiplas facetas dessa problemática de pesquisa, essa dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo é denominado “Possibilidades teóricas para a compreensão das migrações forçadas” e está formado pela revisão bibliográfica das principais teorias que abordam as migrações internacionais, passando pela relação entre contextos de violência e migração forçada, além de uma descrição de categorias migratórias forçadas em contextos expulsivos: deslocado interno, refugiado e refugiado reassentado. Segue abordando o medo de permanecer e a migração como estratégia de sobrevivência e o medo socialmente construído nas sociedades contemporâneas e o papel socializador que tal sentimento desempenha em determinadas situações. Por fim, é discutida a socialização em um “clima de medo” e são introduzidos os conceitos de socialização, *habitus* e estratégia e a contribuição destes para o debate.

O segundo capítulo é chamado “Colômbia, Equador e Brasil: contextos de origem, refúgio e reassentamento”. Inicia fazendo um levantamento acerca dos

principais fatos históricos colombianos ao longo do século XX e identifica as razões pelas quais há o deslocamento forçado de populações de maneira tão impactante. Além disso, discute o medo da violência como construção social em uma situação de conflito prolongado, discutindo o caso colombiano em relação a isso. Na parte seguinte, fala sobre o Equador enquanto país historicamente receptor de refugiados e como são tratados os colombianos em situação de refúgio naquele país. Finaliza, falando sobre os colombianos no Brasil e apresenta o Programa Brasileiro de Reassentamento Solidário, sua constituição e como é implementado no Rio Grande do Sul.

O terceiro capítulo é denominado “O medo que mobiliza: trajetórias migratórias de refugiados colombianos reassentados no Rio Grande do Sul”. Inicia descrevendo a população pesquisada, caracterizando os entrevistados e seus locais de procedência na Colômbia e passa a abordar as categorias utilizadas para a análise das entrevistas. Do tempo na Colômbia, identifica como se lidava com o conflito em casa, na escola e pelos meios de comunicação; a diversidade dos atores envolvidos e a atuação das instituições estatais e o momento em que o conflito se torna uma ameaça palpável para o indivíduo e o momento de deixar o país de origem. Acerca da vida no país de refúgio, o Equador, discute a chegada lá; como se deu o procedimento de solicitação de refúgio e a relação com as organizações não governamentais; o significado de ser colombiano no Equador e como a população local e as instituições lidam com essa população; a volta da perseguição e o contato com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados e o processo de reassentamento em um terceiro país de asilo. Por fim, a chegada ao Brasil e a relação estabelecida com a instituição de acolhida; a relação com outros colombianos no Brasil e com as instituições estatais; a vida em solo brasileiro e se essa é concebida pelos indivíduos como transitória ou definitiva e, finaliza, tocando em um ponto delicado para os refugiados, que é a Colômbia, que sobrevive na memória e no coração, e as perspectivas futuras do conflito em seu país.

MAPA 1 – AMÉRICA DO SUL



MAPA 2 – COLÔMBIA: DIVISÃO POLÍTICA



## **CAPÍTULO 1 – CAMINHOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DAS MIGRAÇÕES FORÇADAS**

### **1.1 TEORIAS DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS**

Múltiplos são os fatores que levam indivíduos e grupos populacionais a serem impelidos a migrar e buscar em outros locais a construção de suas vidas. O fenômeno migratório se constitui assim, num complexo objeto de estudo, envolvendo diferentes dimensões, motivações e objetivos. Diferentes áreas do conhecimento científico buscam compreender tal fenômeno e isso faz com que existam muitas abordagens teóricas para dar conta disso.

Entre o final do século XIX e início do século XX, período correspondente à constituição das Ciências Sociais, segundo SASAKI e ASSIS (2000), a temática das migrações não era uma questão relevante para os estudos sociológicos. Sua abordagem pelos autores do período era sempre vinculada como uma consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo. Ao longo do século XX, o interesse pelo tema foi crescendo e sendo disperso por várias ciências, fazendo com que não haja uma teoria geral das migrações. No entanto, conforme PEIXOTO (2004), essa “terra de ninguém” pode ser vista sob outro ponto vista, como uma das vantagens da interdisciplinaridade.

O precursor dos estudos da área é o geógrafo e cartógrafo inglês Ernest Georg Ravenstein, citado em trabalhos das diferentes áreas das Ciências Sociais. No final do século XIX publicou dois textos em que desenvolve o que denominou “Leis das Migrações” que se consistiu em uma dedução teórica baseada na realidade empírica. Através da análise do primeiro recenseamento britânico de 1881 e dados de outros países europeus e norte-americanos, criou assim sete leis que seriam gerais para o fenômeno migratório como um todo. Atualmente, é consensual que é impossível aplicar leis que se pretendam gerais para explicar a totalidade dos fenômenos migratórios, no entanto, o caráter inovador do autor para a compreensão do tema merece destaque. Muitos termos e conceitos que seguem sendo estudados já aparecem nesse esforço teórico e analítico do autor, como: classificação dos

migrantes como temporários ou de curta e média distância, influência dos estímulos econômicos, regiões de atração e repulsão, migração feminina, etc.

Nesse contexto histórico, o estabelecimento das fronteiras nacionais passou a determinar de maneira mais objetiva quem pertencia a qual Estado Nacional. Além disso, a intensificação dos fluxos migratórios do Velho Mundo para o Novo Mundo fez com que a migração se transformasse em um problema social e isso determinou o olhar dos pesquisadores, convertendo a temática em problema sociológico. O intenso deslocamento de europeus para os Estados Unidos no início do século XX, fez com que os sociólogos norte-americanos colocassem a migração como um problema. O estudo pioneiro foi a obra de THOMAS & ZNANIECKI (1918) *“The Polish Peasant in Europe and America”*, tratando da integração dos cerca de dois milhões de migrantes poloneses para os Estados Unidos entre 1880 e 1910. Ao abordar um caso bastante específico, trabalhou com questões mais gerais, como a quebra dos laços de solidariedade que ocorrem durante o processo migratório. Além da contribuição para o desenvolvimento dos estudos sobre migração, esse trabalho também foi pioneiro ao conseguir articular de uma maneira bastante harmônica a construção de uma teoria interpretativa com uma pesquisa empírica bastante densa. Assim, é uma obra central da Escola de Chicago e propiciou o início de estudos sobre sociologia urbana e sociologia do desvio.

Tomando como base o tratamento analítico que os autores deram ao camponês polonês nos Estados Unidos, outro expoente da Escola de Chicago, Louis Wirth, analisou a desorganização social de famílias de judeus ortodoxos no contexto norte-americano. Esse estudo foi sua dissertação de mestrado, denominada *“Cultural Conflicts in the Immigrant Family”* em 1925. Já sua tese de doutorado foi a extensão desse estudo, ampliando para os imigrantes judeus em Chicago como um todo, denominada *“The Ghetto”* (RUFFATO, 2010).

Após esses trabalhos pioneiros, os estudos posteriores da Escola de Chicago focaram suas análises das migrações nos processos de aculturação, adaptação e assimilação de grupos imigrantes dentro da sociedade norte-americana. Havia a crença entre os teóricos de que os imigrantes seriam totalmente assimilados pela sociedade de acolhida e esse processo de assimilação ou ‘americanização’ seria denominado como *melting pot*, referindo-se a grupos mais homogêneos e a um não

abandono pelos imigrantes de seus valores. Conforme SASAKI e ASSIS (2000), tal orientação teórica não se sustentou por muito tempo, na medida em que o *melting pot* não se realizou, pois ao invés dos grupos terem sido assimilados, eles se tornaram grupos étnicos, recebendo um tratamento que afirmou suas diferenças dos nacionais.

Outra importante contribuição para os estudos das migrações, proveniente do campo das Ciências Sociais, é a da Sociologia Econômica. Nesta área, são variadas as abordagens do ponto de vista econômico dedicadas aos estudos migratórios. Destaca-se a perspectiva neoclássica, que concebe que a migração internacional é realizada devido às diferenças entre as taxas salariais entre países, baseada numa escolha racionalmente orientada do indivíduo, calculando custos e benefícios de suas ações migratórias.

Um autor chave nessa articulação entre migrações e sociologia econômica é Alejandro Portes. Este contribui para o debate dos novos fluxos migratórios propondo alguns princípios analíticos para observar essa realidade, como a influência centro-periferia, modos de incorporação, grupos intermediários e economia informal, entre outros. Atualmente, os estudos econômicos têm tirado o foco no indivíduo, deslocando para os grupos ou famílias como unidades mais amplas aonde a tomada de decisão acerca do movimento migratório tem ocorrido (SASAKI e ASSIS, 2000). Segundo PEIXOTO (2004), uma das vantagens da sociologia econômica é combinar a ideia da escolha racional do indivíduo, que seria o enfoque fundador da economia neoclássica, com o que denominou como uma sociologia holística, baseada nos vínculos estabelecidos com as forças sociais de caráter estruturantes.

Ainda em PEIXOTO (2004), há uma distinção entre as teorias micro e macro sociológicas que abordaram a questão migratória. Cabe ressaltar, no entanto, que não existe uma separação total entre esses dois níveis de perspectivas e que sim, existem áreas de confluência entre tais dimensões. Isto é, as perspectivas micro observam majoritariamente a influência das estruturas no processo decisório individual, já as perspectivas macro buscam compreender o papel do indivíduo nos fluxos migratórios. No entanto, como a área de migrações é interdisciplinar, parece



que a busca de uma diferenciação entre diferentes correntes e teorias auxilia num mapeamento dessas de uma maneira mais inteligível.

Segundo o mesmo autor, o ponto em comum entre as teorias micro-sociológicas é o foco no indivíduo como agente, isto é, apesar de muitos serem os condicionantes que podem embasar a decisão de migrar, é a racionalidade individual que definirá essa escolha. Nesse sentido, a maioria das teorias identificadas como micro-sociológicas têm uma raiz econômica. Como exemplos, os modelos de *push-pull* (atração e repulsão) e do capital humano. Na primeira, o percurso migratório é definido pelo conhecimento prévio que o migrante em potencial tem sobre sua região de origem e as condições econômicas que esta possui e as informações acerca da possível região de destino. O trabalho de Ravenstein (1885) previamente descrito tem um parentesco com essa concepção, cujo mote é: “(...) *os indivíduos apenas se movem quando os custos do movimento são inferiores aos benefícios esperados*” (PEIXOTO, 2004, p. 15). Já a teoria do capital humano, coloca em perspectiva a ideia de que levar em consideração custos e benefícios não devem ser aplicados numa análise apenas em curto prazo, pois os deslocamentos do indivíduo e sua família envolve um investimento em longo prazo. O indivíduo migrante investe em seu potencial produtivo e o aumento dos rendimentos como resultado do processo migratório só teria um impacto em seus rendimentos com a existência de custos em curto prazo. A análise nessa perspectiva teórica também envolve um mapa de custos e benefícios, no entanto, envolve o elemento tempo para a realização de tais objetivos. Além dessas perspectivas micro-sociológicas, cabe ressaltar duas correntes estritamente sociológicas que são ciclo de vida e trajetória social. Estão focadas na influência que o ciclo de vida individual e familiar e da trajetória de mobilidade social, com destaque para a mobilidade com a entrada na vida adulta e profissional, tem sobre os percursos territoriais<sup>1</sup>.

Por outro lado, em muitos casos não são apenas as decisões individuais que mobilizam um percurso migratório, já que estas estão socialmente condicionadas por organizações ou instituições. As teorias que pensam as migrações numa perspectiva macro-sociológicas conseguem identificar de forma mais clara as dinâmicas de

---

<sup>1</sup> Para maiores detalhes, ver PEIXOTO, 2004.

mobilidade. Um das principais correntes teóricas de perspectiva macro é a do mercado de trabalho segmentado. A partir da década de 1970, com as alterações estruturais que as economias sofreram, identificou-se que determinados nichos do mercado de trabalho passaram a atrair migrantes. A economia informal, também denominada mercado secundário, é um setor de grande atração para essas populações. No entanto, não é apenas o mercado secundário que atraem migrantes, pois segundo PORTES (apud PEIXOTO, 2004), os modos de incorporação são variados, assim, os migrantes atraídos pelo mercado primário apresentam como principais características a entrada através de canais legais e o acesso ao emprego.

Por fim, se tem o conjunto de teorias que buscam analisar as migrações sob a perspectiva do estudo das redes sociais. Tais teorias são aplicadas no estudo dos deslocamentos de acordo com dois eixos principais: de um lado, são utilizadas como mecanismos heurísticos com o objetivo de fazer uma análise alternativa à difundida perspectiva econômica; por outro lado, aparecem como problema empírico de fato. Segundo FAZITO (2002), tais utilizações ainda são pouco claras e consistentes, podendo gerar uma confusão entre base teórica e metodológica e suas aplicações. Com o objetivo de sintetizar de alguma maneira tal conjunto teórico, o autor acima citado se utiliza de DEGENNE e FORSÉ (1999 apud FAZITO, 2002) para explicitar os quatro eixos fundamentais da análise estrutural das redes sociais, eis que são: a estrutura social afeta a ação através de um fraco determinismo; a estrutura social afeta as percepções de auto-interesse; indivíduos racionais tomam suas decisões em função de interesses sociais e, finalmente, a estrutura emerge das interações sociais e é reforçada constantemente por essas. Assim, o objetivo central da análise de redes sociais aplicada ao caso das migrações é estudar as redes pessoais concretas que os migrantes possuem e que estão interconectadas e as relações sociais que os indivíduos estabelecem ao longo do processo de deslocamento.

Após esse apanhado acerca de algumas correntes teóricas que podem ser utilizadas para trabalhar os processos de deslocamento, AYDOS (2010) sintetiza:

(...) as teorias conhecidas como neoclássicas, enfocam o indivíduo como ser racional, que exerce escolhas quanto aos deslocamentos através da análise de vantagens e desvantagens de migrar. (...) Em contraposição a estas teorias surgiram as teorias estruturalistas, que enfocam as causas das

migrações nas desigualdades regionais estruturadas pelo capitalismo. (AYDOS, 2010, p. 44)

Tais teorias se preocuparam excessivamente com a origem dos fluxos migratórios, integração na sociedade de acolhida, adaptação no mercado de trabalho e, assim, desconsideraram outros fatores que se colocam nesse processo. Um elemento que é relegado constantemente das análises é, em primeiro lugar, diferenciar fluxos migratórios de caráter mais espontâneos dos realmente forçados. Sem dúvida que essa diferenciação nem sempre é possível de ser realizada, na medida em que diversos são os fatores que favorecem o surgimento de uma vontade ou necessidade de migrar. No entanto, existem situações em que a fuga se torna a única estratégia de sobrevivência e é acerca de um contexto dessa natureza que está focado esse estudo. Assim, o próximo ponto deste capítulo, versará sobre quando a exposição de populações a condições de violência se torna um elemento central para deslocamentos.

## 1.2 CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA E MIGRAÇÃO FORÇADA:

A violência como um fator importante para mobilizar a migração é, geralmente, abordada nas teorias interpretativas juntamente com uma série de outros fatores, não recebendo o destaque que deveria ter em algumas situações. Para que seja criada uma nova agenda de pesquisas migratórias, que coloque o fator violência como centro de alguns processos, segundo VAINER (2002) é necessário que:

o primeiro passo é romper com a verdadeira camisa de força imposta aos estudos migratórios pelas abordagens correntes – neoclássicas e estruturais – que abstraíram do campo da teoria e da pesquisa os processos de localização e deslocamento territoriais diretamente associados às relações de poder, à coação, à violência (...) O reconhecimento da violência como fator migratório constitui um programa teórico de maior importância, do qual depende introduzir no campo dos estudos migratórios o conjunto de processos de deslocamentos de populações que tem como elemento central e dominante o exercício do poder. (VAINER, 2002, p. 67)

Nesse sentido, é importante que se busquem abordagens teóricas que deem conta da especificidade de diferentes contextos. Dentre os deslocamentos forçados, podem-se observar diferentes situações em que estes ocorrem, como por exemplo: guerras, violação de direitos humanos, grandes projetos econômicos e desastres ambientais (AYDOS, 2010, p. 46). Existem fluxos migratórios que são determinados por situações em que a violência perpetrada contra as populações não deixa outra alternativa que a fuga e a busca de outro local para a sobrevivência.

Além dos elementos já elencados acima, o trabalho de BUILES, ARIAS e MINAYO (2008) complementa ao afirmar que o deslocamento forçado pela violência é um fenômeno de caráter sociodemográfico importante já que determina, entre outras coisas, os processos de urbanização das cidades. Ao buscar refúgio, seja em cidades de outras regiões do país, seja em cidades de outros países, a reconfiguração dos espaços urbanos se dá de maneira caótica e desordenada. Entre os efeitos negativos, o preconceito e a estigmatização dessas populações que chegam, podem ocorrer por parte dos habitantes locais.

No entanto, nem todas as pessoas que buscam outro país como consequência de uma migração forçada terão o mesmo *status* migratório. Cada país possui uma legislação própria, constituída a partir de marcos legais internacionais e que são adaptados as realidades locais. Assim, algumas pessoas poderão ser consideradas refugiadas no país de acolhida, já outras por não terem uma história de perseguição que seja julgada por tal país como passível de obtenção de refúgio, poderão ter outro *status* migratório. No próximo ponto, serão abordados três tipos de categorias migratórias forjadas em contextos expulsos que auxiliam na compreensão da situação colombiana: o deslocado interno, a criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados e a definição do termo e, finalmente, refugiado reassentado. Abordar o contexto de criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), como agência da Organização das Nações Unidas (ONU) que possui o mandato de discutir as questões sobre refúgio, é necessário nesse momento para embasar a compreensão do alcance e limites do que significa na prática ser um refugiado.

## 1.3 CATEGORIAS MIGRATÓRIAS FORJADAS EM CONTEXTOS EXPULSORES

### 1.3.1 DESLOCADO INTERNO

O deslocado interno ou *desplazado* (termo utilizado para as vítimas do conflito colombiano) é toda aquela pessoa que teve que se sair de seu local de origem e buscar dentro do seu próprio país outra região para viver por conta da violência impetrada contra si e seus familiares. Por não ter atravessado a fronteira nacional entre seu país e um país vizinho, não conta com uma identificação e proteção tão claras quanto as que são dispensadas ao refugiado reconhecido de acordo com a proteção humanitária internacional. A questão do deslocamento interno é bastante significativa e impactante para a compreensão do conflito colombiano. Segundo o ACNUR<sup>2</sup>, o governo colombiano forneceu a cifra de 3,7 milhões de deslocados internos no país em maio de 2011. No entanto, a organização não-governamental CODHES (*Consultoria para los Derechos Humanos y el Desplazamiento Forzado*), remonta um número que supera os 5 milhões de deslocados internos. Dessa forma, o impacto que os deslocamentos por conta do conflito têm dentro da Colômbia é bastante grande. No próximo ponto, será abordado quem são aqueles que cruzam a fronteira e buscam a proteção em outro país.

### 1.3.2 A CRIAÇÃO DO ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR) E A DEFINIÇÃO DE REFUGIADO

Ao longo da história mundial sempre se observou a existência de deslocamentos populacionais frutos de diversos fatores. No entanto, é no século XX que se observa o início de uma mobilização entre os países no intuito de buscar soluções para os milhões de deslocados que as grandes guerras produziram, sendo que tal mobilização se torna mais operativa com o fim da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>2</sup> Maiores informações podem ser obtidas em: <http://www.acnur.org/t3/operaciones/situacion-colombia/desplazamiento-interno-en-colombia/>

Com o fim da Segunda Guerra Mundial a Europa estava devastada e cerca de 40 milhões de pessoas se encontravam deslocadas de seus lares. Antes do fim do conflito, já estava dado que seu término traria junto a necessidade de soluções para esse problema e, em 1943, foi criada a Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento (ANUAR). Os esforços da ANUAR eram concentrados na repatriação das pessoas deslocadas, entre maio e setembro de 1945, cerca de 7 milhões de pessoas foram repatriadas. No entanto, muitas dessas pessoas não queriam retornar e isso acabou gerando uma polêmica de caráter ideológico, em um período em que a Guerra Fria estava tomando forma.

A necessidade da criação de outro órgão com um mandato ampliado era flagrante e, em 1947, foi criada uma agência não permanente das Nações Unidas pela Organização Internacional para Refugiados (OIR), seu principal objetivo era o repatriamento ou a reinstalação no país de residência habitual. Cerca de 73.000 pessoas foram repatriadas e 1 milhão foram reinstaladas em países como Estados Unidos, Austrália, Israel, Canadá e outros vários da América Latina. O mandato da organização acabou em 1950 e em 1951 cerca de 400.000 pessoas ainda estavam deslocadas, havendo assim a necessidade de criar um órgão que pudesse dar uma resposta efetiva a essa situação.

Nesse contexto de endurecimento da Guerra Fria, suas tensões ideológicas estavam presentes nos debates e decisões tomadas pela Organização das Nações Unidas (ONU). Além disso, estava claro que o fenômeno dos refugiados não era algo temporário, restrito ao pós-guerra. Finalmente, após uma série de debates e polêmicas, em dezembro de 1950 foi criado pela Assembleia Geral da ONU, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Suas ações foram definidas e orientadas de acordo com duas vertentes: proporcionar proteção internacional aos refugiados e buscar soluções permanentes para o problema dos refugiados, auxiliando Governos a facilitar a repatriação voluntária ou a integração destes nas comunidades de acolhida.

Em 1951 é assinada a “Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados”, que contém a definição clássica de refugiado:

qualquer pessoa que, devido a um temor bem fundado de perseguição por razões de raça, religião, nacionalidade, participação em determinado grupo social ou opiniões políticas, está fora do país de sua nacionalidade, e não pode ou, devido a este temor, não quer valer-se da proteção daquele país. (NAÇÕES UNIDAS, 1951)

A definição de refugiado nesse documento estava focada no problema dos deslocados na Europa no pós-guerra. Em 1967, em Nova Iorque foi assinado o “Protocolo relativo ao Estatuto dos Refugiados”, considerando também novas demandas de refugiados provenientes de novas regiões de conflito. Conforme os conflitos foram se alastrando pelo mundo, as operações do ACNUR foram se multiplicando, atualmente este atua em 126 países<sup>3</sup> com uma população de interesse estimada em 43 milhões de pessoas, entre solicitantes de refúgio, refugiados, apátridas, deslocados internos e repatriados. A partir disso, os continentes foram criando documentos regionais que dessem conta de suas especificidades<sup>4</sup>, no contexto latino-americano, a “Declaração de Cartagena” de 1984 é um marco bastante importante, pois amplia o conceito de refugiado abarcando também pessoas vindas de regiões em que há grave e generalizada violação de direitos humanos, isto é, não há mais a necessidade de que a perseguição seja individual para embasar uma solicitação de refúgio. No próximo capítulo, a legislação brasileira será abordada, mostrando que a união da definição clássica a essa ampliação é a base do instrumento legal nacional para refugiados.

### 1.3.3 REFUGIADO REASSENTADO

Segundo dados do *site* do ACNUR, no âmbito de seu mandato, existem três soluções denominadas por este órgão como duradouras para os refugiados: a repatriação voluntária – os refugiados sonham e esperam poder retornar para seus lares no momento em que o conflito cessar e o ACNUR trabalha com os países de origem para que isso ocorra; a integração local – criação de condições favoráveis

---

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.acnur.org/t3/portugues/>

<sup>4</sup> O papel desempenhado pela América do Sul e Brasil nesse contexto será explicitado no capítulo 2.

para que os refugiados se integrem social e economicamente no primeiro país de asilo; e o reassentamento – nem sempre todos os refugiados logram uma integração na sociedade de acolhida e, muitas vezes, como no caso de muito colombianos refugiados no Equador, os agentes perseguidores seguem atuando no país de refúgio. Nesse caso, muitos refugiados necessitam ser reassentados em um terceiro país. No capítulo seguinte, a inserção do Brasil enquanto país de reassentamento será discutida.

A abordagem proposta neste estudo é trabalhar com indivíduos fruto de deslocamento forçado por conta de um conflito prolongado, em que a violência e a usurpação de direitos são o principal fator levado em conta no momento de deixar seu país. Assim, o ponto central a ser compreendido é como viver em um contexto de conflito prolongado e estar exposto a essa violência cotidianamente, conforme as práticas e as estratégias de sobrevivência desse indivíduo. No próximo ponto, será discutido de que maneira o medo pode ser uma categoria analítica importante para tal realidade.

#### 1.4 O MEDO DE FICAR: A MIGRAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA

O conflito colombiano será amplamente discutido no próximo capítulo dessa dissertação, no entanto, alguns dados podem ser adiantados para que seja compreendida sua magnitude e importância na vida da população local. Segundo o relatório *“Déjennos en paz!”* da Anistia Internacional (2008), nos últimos 20 anos, 70.000 pessoas morreram em consequência do conflito. Entre 3 a 4 milhões foram obrigadas a deslocar-se de seus lares, estima-se ainda que 15.000 e 30.000 desapareceram e, nos últimos 10 anos, 20.000 foram sequestradas ou tomadas como reféns. Assim,

(...) esta é só uma parte do quadro. Colômbia segue sendo um país em que milhões de civis, especialmente os que vivem fora das grandes cidades e nas zonas rurais, seguem sendo os mais castigados por este conflito violento e prolongado. Suas vozes são silenciadas de maneira crescente porque suas histórias vividas e convincentes minariam a versão oficial de que este é um



país que superou em grande medida seu passado sangrento (ANISTIA INTERNACIONAL, 2008, p. 16) (tradução nossa)

Diante desse quadro, a população civil age de diferentes maneiras para salvar suas vidas e propriedades. Dependendo da região de origem, principalmente os que se encontram nas zonas rurais, muitos optam pelo deslocamento interno. Assim, buscam regiões do país em que o conflito não esteja tão rigoroso no momento, geralmente se deslocando para as grandes cidades. Outras acabam buscando uma última solução, que seria a saída para outros países, muitas vezes fazendo o percurso que parentes e amigos anteriormente realizaram. Assim, o prolongamento do conflito acaba fazendo parte do cotidiano dos indivíduos, sempre sendo assunto das notícias, suscitando debates familiares e entre amigos. Em uma situação em que a violência se impõe e acaba modificando trajetórias de vida, um elemento surge como chave para compreender este intrincado fenômeno de migração forçada: o medo enquanto construção social.

#### 1.4.1 O MEDO SOCIALMENTE CONSTRUÍDO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS E SEU PAPEL SOCIALIZADOR

O historiador francês Jean Delumeau é precursor nos estudos sobre como o medo é socialmente construído e busca na historiografia um meio para que isso seja demonstrado. Ao analisar as manifestações sociais do medo nos séculos XIV e XVIII, acaba por construir uma verdadeira história das mentalidades. Divide sua pesquisa em como os temores internos e externos originaram as noções sobre pecado, culpa e medo; como foi realizada a construção dos sentimentos de segurança e como isto está atrelado às práticas religiosas e, por fim, busca nas representações de felicidades e nas diferentes concepções de paraíso, isto é no outro lado da moeda, a formação dos medos.

Segundo DELUMEAU (2006):

[...] o medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, ele é uma reação normal, uma fortaleza essencial, uma garantia contra os perigos e as surpresas ameaçadoras, um reflexo indispensável permitindo ao organismo se mobilizar e escapar – provisoriamente – da morte. (DELUMEAU, 2006, p. 12)

Assim, é um sentimento e uma reação normais às ameaças vindas do exterior. No entanto, se observamos diferentes formações sociais, percebemos que assim como outras categorias constituídas para a compreensão do mundo, os medos são construtos sociais e suas características falam muito mais sobre o grupo em questão do que se imaginaria numa análise mais superficial. Assim, estudar as diferentes dimensões dos medos, como a social, a cultural e coletiva é uma fonte bastante frutífera para a compreensão do social. Em VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA e JARAMILLO ARBELAÉZ (2003), o medo é assim definido:

o medo é um sentimento que nasce da percepção de uma ameaça real ou imaginária. O que o gera é a consciência sobre um perigo que, se acredita, ameaça o sentido de conservação. Quer dizer, está mediado por processos cognitivos e de representação. Se um perigo não é percebido como ameaça, somente, embora exista objetivamente, não adquire o caráter de fonte de temor. (VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA, JARAMILLO ARBELAÉZ, 2003, p. 14) (tradução nossa)

A utilização do conceito de medo enquanto construção social se justifica nessa dissertação por conta de sua função como elemento socializador. Os sujeitos aprendem ao longo do processo de socialização, quando, como, a que e a quem temer. E isso ocorre a partir de diferentes fontes tais como experiências próprias, experiências de outras pessoas, nos espaços cotidianos de socialização, nas representações que circulam pelos meios de comunicação, nas agendas globais que indicam quais são os problemas cruciais para a sociedade, nos saberes e crenças a partir dos quais são construídos os sentidos sociais. Percebe-se que o processo de globalização abarca muito mais que elementos econômicos e culturais. É também uma globalização de discursos sobre o que se deve considerar ameaçador.

O processo de construção social do medo se ocupa de nomear algumas ameaças e não outras, como fontes de medo. E a validação de tais discursos também pressupõe um conjunto de respostas para enfrentar tal temor. Concomitante

a isso, há a construção de uma ideologia baseada na intolerância e na vigilância constante, que permitem a formação de novos vínculos sociais ao redor do sentimento compartilhado de medo. Isto é, uma comunidade de sentido que produz uma espécie de solidariedade pelo medo que estabelece uma oposição entre o outro ameaçador contra um nós protetor.

No entanto, o processo socializador baseado nos medos construídos envolve outro elemento chave: a incerteza, que é composta pelos medos concretos acrescidos de um clima de medo. O clima de medo torna a vida incerta, colocando o indivíduo numa situação de temor constante, já que sobrepõem diferentes medos e densidades desses. A vida se torna incerta na medida em que o indivíduo toma consciência de que há uma descontinuidade entre presente e futuro, uma impossibilidade de prever a partir do familiar, cotidiano e conhecido como pode ser o amanhã (VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA e JARAMILLO ARBELAÉZ, 2003, p.17). Logo, o medo e a incerteza não são produtos somente de uma insegurança produzida por fenômenos como a criminalidade. Mas também de uma relação mais frágil e incerta com os homens e as coisas, que é a impossibilidade de compreender o que se passa, sendo este um elemento bastante importante nesses processos.

Nas pesquisas realizadas por LIRA e CASTILLO (1991) no campo da psicologia política sobre o medo constituído na sociedade chilena no período da ditadura militar, as autoras observaram que o medo é que extrapola a dimensão psicológica, para ser afirmado também como um processo de ordem política. Segundo as autoras, as violações sistemáticas de direitos humanos se configuraram como ameaças permanentes e o efeito psicológico gerado é o desenvolvimento de um sentimento de medo generalizado e crônico. Dessa maneira, o medo crônico deixa de ser uma reação específica a situações concretas e se transforma, praticamente, em um estado permanente na vida cotidiana. Logo, o medo enquanto ameaça constante, se estabelece a partir de uma relação social específica definida por um contexto político. Assim, tal medo é gerado na subjetividade de sujeitos concretos, uma experiência privada e socialmente invisível. Em situações em que milhares de sujeitos são ameaçados simultaneamente, a ameaça e o medo se tornam relações sociais. Tais relações incidem na conduta e consciência do sujeito e, assim, a vida cotidiana se transforma. O medo internalizado acaba por delimitar o espaço da existência dessas pessoas.

Nesse sentido, se o medo opera em um patamar em que é responsável pela delimitação do espaço da existência do sujeito, observa-se que o processo de socialização em um “clima de medo” contém diversas especificidades, no próximo ponto do capítulo se discutirá alguns aspectos acerca desses processos.

#### 1.4.2 A SOCIALIZAÇÃO EM UM “CLIMA DE MEDO”: OS CONCEITOS DE SOCIALIZAÇÃO, *HABITUS* E ESTRATÉGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE

Compreender as trajetórias desses indivíduos, seus processos pessoais, percursos internos e geográficos exige que atentemos para muitos detalhes que em uma primeira análise poderiam passar despercebidos. A questão central que se apresenta para que tal compreensão seja feita é identificar como se deu a formação dos agentes na sociedade de origem, isto é, como durante o processo de formação das personalidades, aqui denominado socialização, temas referentes ao conflito instalado surgiam e se apresentavam de forma recorrente nos diferentes espaços de socialização. Por exemplo, como a família, vizinhos, escola e meios de comunicação apresentavam tais temas e qual a importância que o conflito tinha nas dinâmicas da vida social.

Dessa maneira, a base da reflexão teórica proposta por este estudo é analisar tal realidade à luz de três conceitos fundamentais: socialização, *habitus* e estratégia. A socialização ligada à ideia de como esta é influenciada pelo medo socialmente construído e os reflexos disso na formação do *habitus* desses agentes, como tal incorporação desses valores inicialmente introjetados no processo socializador reflete nas trajetórias de vida dessas pessoas e são atualizados ao longo do tempo. E por fim, compõe esse quadro teórico o conceito de estratégia, para elucidar como a migração passa a compor esses processos.

Através do processo de socialização é que o agente aprende a identificar as fontes de perigo através da incorporação de um conjunto de saberes, procedimentos e alternativas de respostas e, assim, aprende a controlar suas próprias reações

diante disso. REGUILLO (2000) define os seguintes nexos entre socialização e medo, demonstrando como o ator social aprende a ter medo durante este percurso:

[...] o pertencimento a uma matriz cultural não somente modela o medo, mas também contribui para gerar no ator individual que compartilha dessa cultura, a segurança de que seus “alarmes” operam de acordo com o coletivo do qual faz parte e que seus modos de resposta são compartilhados por seu grupo – no sentido amplo de referência. (REGUILLO, 2000, p. 4) (tradução nossa).

Muitos são os medos denominados “invisíveis”, como por exemplo, a crise sistêmica, a desconfiança nas instituições e a percepção difusa das fontes de ameaça e, para responder a estes, cada sociedade constrói figuras, relatos e personagens que são convertidos em algozes daquele grupo (REGUILLO, 2000). Assim, a apreensão do medo se torna algo socialmente partilhado e, ao mesmo tempo, desigualmente sentido de acordo com as posições ocupadas pelos diferentes indivíduos no espaço social:

o medo pode ser sentido por indivíduos de diferentes culturas, mas o motivo pelo qual é ativado é antes de tudo cultural. De que tenho medo? De quem tenho medo? Difere segundo a posição do indivíduo dentro do grupo social. O entorno fornece alguns elementos para interiorizar e definir o tipo de relações que se estabelecem com o mundo que nos rodeia, em um processo que o homem “aprende a sentir” e essa aprendizagem está dada culturalmente e tem grande incidência no tipo de relação estabelecida entre os membros do grupo. (NIÑO MURCIA, 2002, p. 194) (tradução nossa).

De acordo com isso, tal repertório de conhecimentos sociais sobre o que temer e de que maneira atuar diante disso, pode ser compreendido a partir do conceito de *habitus*, que diz respeito à formação e a atualização dos construtos sociais durante a vida dos indivíduos. Os *habitus* são sistemas de disposições, modos de perceber, de sentir e de fazer. As disposições são plásticas, flexíveis e adquiridas a partir da interiorização das estruturas sociais. Dessa forma, as rotinas corporais e mentais inconscientes permitem agir sem pensar, pois são produtos da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação que ocorre entre elas. Sua composição é formada por três dimensões conceituais e que operam de modo combinado e simultâneo, que podem ser brevemente definidas como: *ethos* – valores em estado prático e não conscientes; *héxis* – princípios

interiorizados pelo corpo, como por exemplo, posturas e expressões e, finalmente, *eidos* – apreensão intelectual da realidade (PETERS, 2010). Assim, surge na mediação entre as estruturas e as condutas individuais, isto é, funciona como um sistema de esquemas geradores de estratégias que podem ser objetivamente de acordo com os interesses de seus autores, sem que tenham sido concebidos como tal (BOURDIEU, 1983). Segundo WACQUANT (2007) são duas dimensões do mesmo processo, a socialização – as categorias de juízo e ação são partilhadas e a individuação – cada pessoa possui uma trajetória e localização únicas no mundo, buscando assim, também reintroduzir a capacidade inventiva do agente. Dessa maneira, o *habitus*:

[...] é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquiridas nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (SETTON, 2002, p. 63)

Diante disso, pode-se afirmar que Bourdieu dota os agentes de uma competência que é bastante específica que é a de ocupar um lugar no espaço social em que tal presença não é reduzida à mera execução de normas. A existência tem um sentido prático. No entanto, ao racionalizar as operações da prática ao resolver necessidades do presente imediato com esquemas herdados do passado e estabelecer potencialidades futuras, tais sistemas de disposição, ajustam-se virtualmente ao mundo social objetivo e, assim, atua gerando possibilidades que são possíveis dentro do campo de atuação. Portanto, o *habitus* é uma potencialidade corporizada mediante a interiorização das condições exteriores de existência (WILKIS, 2004).

A conservação do *habitus* e para elucidar o conjunto de práticas do agente que possuem uma direção ou intencionalidade objetiva sem ser conscientemente assumida, Bourdieu introduz o conceito de estratégia. Os sistemas de estratégias são sequências ordenadas e orientadas que todo o grupo empreende para produzir-se enquanto grupo:

são empregadas pelos grupos a fim de que possam se produzir ou se reproduzir, isto é, para criar e perpetuar sua unidade, sua existência enquanto grupo, o que é quase sempre, em todas as sociedades, a condição da perpetuação da sua posição no espaço social. (BOURDIEU, 1990, p. 40)

Assim, as estratégias empreendidas pelo agente atuam dentro de um campo de possibilidades que é múltiplo e, ao mesmo tempo, limitado. Transpondo esses conceitos para o contexto colombiano, pode-se pensar em várias hipóteses interpretativas. Segundo Bourdieu: *“a sociedade busca sua constância e se defende das mudanças sociais”* (BOURDIEU, 2009, p. 106). Assim, pode-se refletir acerca da função que o conflito e os deslocamentos cumprem na sociedade colombiana. Como na análise que LIRA e CASTILLO (1991) fizeram sobre a sociedade chilena durante o período da ditadura militar e de como a ameaça política atuava como uma forma de controle social e colaborava com a organicidade daquela formação social. Assim, a estratégia de migrar colaboraria no contexto do conflito colombiano para manter a ordem estabelecida. Em uma sociedade que foi constituída sob a égide dos deslocamentos, a circulação de pessoas em um território muitas vezes descoberto da presença estatal pode ser um fator importante para sua perpetuação. A ótica de tal análise, por conta de seu caráter exploratório, reflete de algum modo sobre a constituição de um tipo de *habitus* nacional colombiano. Ao romper com as características dos diversos grupos nacionais presentes no país, tal estabelecimento poderia contribuir para a conservação daquela formação social. Ou como o referido por Peters (2010): *“a multiplicidade dos cenários de socialização permite a existência de um mesmo cenário de intersecção de modalidades socializativas – até mesmo da formação de um habitus nacional”* (PETERS, 2010).

Por fim, cabe reassaltar, que o conflito para Bourdieu é a fundamentação de uma ordem e de um poder de dominação que são legítimos, reajustando as práticas integrativas no seu interior. Cumprindo assim, um papel de atualizar dentro dos campos sociais o que as distâncias e ausências exprimem (KOURY, 2006). Dessa maneira, o campo de análise empírica dessa dissertação será observado a partir de tais categorizações supra definidas. Em uma situação de conflito prolongado, em que o medo é socialmente construído e reconstruído ao longo dos processos de socialização dos indivíduos, os conceitos de *habitus* e estratégia contribuem na medida em que elucidam como a migração, enquanto busca da sobrevivência, se

apresenta dentro do campo de possibilidades dos indivíduos que por ora estão reassentados no Estado do Rio Grande do Sul.

Após essa explanação de caráter teórico, o próximo capítulo cumprirá o papel de abordar a situação dos três contextos migratórios percorridos pelos refugiados reassentados colombianos: a Colômbia em relação à constituição e atualidade do conflito, o Equador como país de primeira acolhida dos refugiados colombianos e o Brasil e seu papel de país de reassentamento.



## **CAPÍTULO 2 – COLÔMBIA, EQUADOR E BRASIL: CONTEXTOS DE ORIGEM, REFÚGIO E REASSENTAMENTO**

### **2.1 COLÔMBIA**

Nos próximos pontos, a Colômbia será contextualizada de acordo com duas dimensões. Primeiro, sua história no século XX e o deslocamento de populações. Segundo, o medo da violência como construção social.

#### **2.1.1 A HISTÓRIA COLOMBIANA NO SÉCULO XX E O DESLOCAMENTO POPULACIONAL FORÇADO**

A leitura de dois importantes teóricos como Daniel Pécaut (PÉCAUT, , sociólogo francês e Maria Teresa Uribe de Hincapié, socióloga colombiana permite a compreensão dos principais fatos históricos colombianos do século XX e a atual situação política do país. Isto é, que fatos que contribuíram para que a Colômbia tivesse contabilizado na primeira década desse século cerca de três milhões de deslocados internos e milhares de solicitantes de refúgio nos países vizinhos (ACNUR, 2011). Além desses dois autores, os trabalhos de BARRENECHE CORRALES (2007) e ESTRADA MEJÍA (2010) também foram utilizados para dar conta desse mapeamento histórico.

O passado dos países latino-americanos sempre esteve repleto de histórias doloridas, já que estes foram todos colonizados, conquistados e saqueados. Talvez, por isso, a Colômbia tenha se formado e surgido dentro da violência e não ao contrário. A sucessão de guerras terminaria gerando um verdadeiro imaginário coletivo, que inclusive levaria muitos colombianos a afirmar que a violência seria inerente a sua história ou, até mesmo, a sua natureza. De fato, ao longo dessa trajetória histórica se evidencia uma tensão entre ordem e violência, que nada mais são que as duas faces do mesmo processo. Essa histórica violência estaria ligada

aos insistentes esforços de construção de uma ordem, talvez explicada pela tímida presença do Estado na sociedade.

Esse estado de guerra prolongado presente na Colômbia demonstra que o controle do território é o que sempre esteve em jogo, revelando a existência de domínios de terra contra-estatais e paraestatais que colocam em xeque, principalmente, a soberania do Estado. A ausência de soberania tem como conseqüência as confrontações civis, toda forma de violência e a anarquia. No caso colombiano, a soberania sempre esteve em disputa por grupos armados de diversas tendências ideológicas, localização territorial e categoria social.

O país sempre foi dividido entre duas culturas políticas: a do Partido Liberal, que enfatizava a soberania popular; e a do Partido Conservador, cuja crença sempre foi que os princípios religiosos constituem a base da ordem social. A lealdade partidária implicava em duvidar da noção de unidade nacional. Assim, a aliança e alternância no exercício do poder marcariam com a mesma intensidade a cultura política colombiana. Além disso, tanto a fragmentação quanto a ocupação do território colombiano influíram e influem na estabilidade e na violência. Devido a sua geografia peculiar, para atravessar o país é necessário superar alturas de três mil metros, a presença do Estado em áreas fronteiriças é quase inexistente. Essa fragmentação espacial trouxe como conseqüência a consolidação de diversas elites.

Os fatos sintomáticos que norteiam a história desse país são: a colonização permanente e a violência incessante. O que se vive hoje é, portanto, conseqüência do que aconteceu anterior na história da Colômbia:

\* *Guerra dos Mil Dias* (18/10/1899 – 21/11/1902: Tratado de Wisconsin):  
Conservadores X Liberais

\* *Massacre das Bananeiras* (1928): surgimento do movimento operário-camponês; greve geral dos trabalhadores da United Fruit Company contra as más condições de trabalho na zona bananeira, a empresa não negociou com os grevistas, o governo ofereceu apoio militar a empresa e expediu o decreto legislativo número um, que ordenava dissolver toda a reunião maior de três

indivíduos e ameaçava atirar na multidão se fosse preciso, sendo assim, foi cumprida a lei.

\* *La Violencia* (1945-1957): foi a sucessão de fatos que mais marcou a história coletiva do país. Em 1945, começou a desenhar-se a estratégia dos conservadores de aplicar um plano de violência de “baixa intensidade” nos campos e povoados, para impedir o triunfo eleitoral do caudilho liberal Jorge Eliécer Gaitán Ayala, desmobilizar as massas, anular a capacidade de resistência e recuperar o controle da terra para o grande latifúndio. O ímpeto revolucionário das massas diluiu-se rapidamente e o país ficou a mercê de uma violência geral. Começaram a ser organizados grupos de autodefesa armada para proteger a população civil, entre eles as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC. “*La Violencia*” evoluiu para o que hoje se chama conflito armado e gera ainda o deslocamento forçado da população.

\* *El Bogotazo* (09/04/1948): foi o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán Ayala que era um verdadeiro caudilho que despertava a admiração do povo. A morte do chefe do liberalismo espalhou-se pelo país e a revolta explodiu em focos. Esse assassinato mudou a história do país, pois significou a perseguição política dos liberais e fez evidente a crise de legitimidade do Estado. Como consequência da violência do campo, foram iniciados os primeiros deslocamentos para as cidades.

\* *Marquetalia* (nascimento das FARC – 1964): o exército colombiano com assessoria norte-americana invade uma região chamada Marquetalia (Departamento de Caldas), onde existia um pequeno movimento de autodefesas camponesas que haviam organizado uma espécie de governo autônomo, desconsiderando as normas do governo central. Os homens que conseguiram escapar dessa investida do exército, se reorganizaram e celebram em 1966 uma conferência que dá o nome as FARC, elaborando um regulamento do guerrilheiro e criando uma nova estrutura orgânica e de mandos. A luta já não é só por terra, mas também pelo poder. Em 1983, após os primeiros “diálogos de paz” com o governo, as FARC expõem as bandeiras

de um novo movimento político, a União Patriótica (UP) que, entre outras coisas, implantou um regime de terror no campo para minar a base social de guerrilha, forçando o deslocamento de pelo menos um milhão e meio de camponeses para as cidades a partir de 1985.

\* *Autodefesas e Paramilitarismo – CONVIVIR (1994)*: através de um decreto de 1994, as autodefesas são criadas para que os fazendeiros e os novos ricos se defendessem da extorsão e de roubos que a guerrilha fazia. Eram grupos armados compostos por civis que prestavam apoio às forças militares. Em 1995 começam a ser chamadas de Convivir, isto é, cooperativas de vigilância e segurança privadas e oficialmente destinadas para auxiliar as autoridades na luta contra os grupos armados ilegais. A principal crítica feita as Convivir foi a de fomentar conflito entre civis e privatizar a manutenção da ordem pública, competência essa do Estado.

\* *Narcotráfico e Sicariato (final dos anos 80)*: a cultura e a ordem moral eram ditadas pelo dinheiro, pelo poder e pela droga e emergem, nesse cenário, as figuras de Pablo Escobar, o cartel de Medellín e o cartel de Cali. No início dos anos 90, o governo declara guerra ao narcotráfico, a perseguição a Pablo Escobar, seu assassinato e a detenção de muitos membros dos cartéis. O cartel de Medellín praticava o terrorismo e o cartel de Cali a corrupção. Logo surgiu a guerra entre cartéis. Surgem também, os sicários, homens vindos do deslocamento do campo para a cidade, fruto da violência anterior, que eram cooptados pelo narcotráfico, seduzidos por um modo de vida melhor. Era o braço armado dos cartéis terroristas, gerando a formação de gangues que agiam como máfias dentro desse contexto.

Esses episódios podem ser explicados também por uma falta de uma regulação social global. Os vínculos sociais teriam sido conduzidos por relações de força e isso possibilitaria com freqüência o surgimento de conflitos violentos. Podemos dividi-los em quatro estratos do conflito colombiano. O primeiro estrato correspondeu à época da “*La Violencia*”, que implicou num processo de deslocamento populacional acelerado. O dispositivo que possibilitaria as modificações demográficas seria de origem política e teria como ferramenta a

guerra. O segundo estrato foi marcado por esquemas revolucionários expressados no desejo de se definir como minorias ativas. Já num terceiro estrato houve a radicalização das guerrilhas. E, finalmente, o quarto estrato é baseado na ênfase da acumulação de meios econômicos através também, da corrupção e dos tráficos ilegais e terrorismo.

Atualmente, a camada mais recente do conflito é marcada pela desterritorialização de maneira exponencial e insólita. Em muitos casos a população é forçada a abandonar o território para poder sobreviver ao prolongamento desse estado de guerra, trazendo como consequência milhares de deslocamentos internos, além de migrantes e refugiados em países vizinhos ou mais longínquos. Uma parcela dessa população busca as favelas das grandes cidades como Bogotá, Cali e Medellín para recomeçar suas vidas. Outros prosseguem sua trajetória além das fronteiras nacionais, no desejo de fugir das perseguições e ameaças. Nesse movimento, os “chefes” da guerra local se apropriam desses territórios e os incorporam como seus, concluindo um processo de reterritorialização. É importante salientar que o deslocado interno (em espanhol: *desplazado*), se torna não em uma pessoa de carne e osso que foge da violência, mas um objeto inscrito, classificado, verificado e, ainda mais, despolitizado e silenciado.

A crise econômica, política, social, militar e a generalização da violência no território colombiano contribuíram para a geração de um ambiente de insegurança e incerteza, no qual a migração surgiria como uma saída viável e até aconselhável para setores cada vez mais amplos da sociedade colombiana. Além desses fatores, outros dois contribuíram significativamente para gerar a migração massiva de colombianos: em um nível macro, a consolidação e a expansão do mercado internacional das drogas, que favoreceria a demanda de mão-de-obra para a operacionalização destes negócios e, em um nível micro estrutural, a consolidação e o amadurecimento das redes sociais transnacionais. No entanto, a partir de meados dos anos 80, o conflito armado na Colômbia se tornaria o pano de fundo do processo de deslocamento forçado interno, conseqüentemente externo, caracterizado pelo crescente número de municípios atingidos e pelo incremento das ações violentas.

Mesmo sendo grave e de grande expressão, o deslocamento forçado não foi avaliado a fundo seja por parte do Estado, quanto pela sociedade em geral. A partir dessa década, ocorreu também uma progressiva desterritorialização da guerra, já que as cidades se tornaram também campo de batalha. A guerra se urbanizaria, acarretando o deslocamento intra-urbano, cujas conseqüências e dinâmicas são semelhantes às do contexto rural. A gradativa desterritorialização do conflito está atrelada a deterioração de suas expressões, seja de um ator ou outro.

O deslocamento forçado na Colômbia abrange também atores de outros setores, como o da economia da droga e o seu vínculo com grupos paramilitares ou guerrilheiros, a introdução nas instâncias políticas locais, a importância na concentração da propriedade da terra e na apropriação daquelas de onde são despejados os deslocados. Assim sendo, o deslocamento forçado constituiria uma estratégia para garantir o controle de territórios abundantes em biodiversidade, recursos petrolíferos, minérios ou férteis para plantações ilegais.

Segundo ESTRADA MEJÍA (2010), ao lançar um olhar sobre a história recente dos fluxos de viajantes forçados colombianos revelaria que estes se caracterizam por serem massivos, contínuos, heterogêneos (social e regionalmente) e dirigidos a múltiplos destinos, mesmo no interior dos próprios países receptores, configurando o que alguns denominam como diáspora colombiana. Somente a partir da segunda metade da década de 90 que estes fluxos atingiriam uma aceleração sem precedentes.

O período de 1965 a 1975 foi marcado pela fuga dos sobreviventes de “*La Violência*”, fruto do começo do conflito armado interno. O novo contexto emergido a partir de meados da década de 60 abriria as fronteiras dos Estados Unidos à imigração latino-americana, caribenha e asiática em geral, ao mesmo tempo em que acontecia uma aguda queda na imigração proveniente da Europa. Após 1975 até 1985, ocorreria um importante fluxo migratório em direção ao Reino Unido, em vista de que o governo inglês autorizaria a entrada de mão-de-obra estrangeira não qualificada para trabalhar no então crescente setor de serviços comerciais, hotelaria e restaurantes. Entre 1960 a 1980, a Europa continuaria sendo o destino principal das elites colombianas, embora novos atores tomassem o mesmo destino dessas elites: refugiados, políticos de esquerda, intelectuais, artistas e estudantes.

Em meados da década de 80 se registraria um fluxo significativo de pessoas de origem colombiana nos Estados Unidos que estaria relacionado com a queda do Produto Interno Bruto (PIB) do país e a acelerada expansão do tráfico de drogas. De 1996 em diante, se produz uma inusitada aceleração nos fluxos de migrantes de origem colombiana que está ligada a uma agudização do conflito interno armado e à crise econômica do final do século. Segundo dados da Organização Internacional das Migrações (OIM, 2011) do ano de 2008, há cerca de 4 milhões de colombianos no exterior, isto é, cerca de 9% da população nacional.

Em termos da situação atual do país é importante ressaltar o papel desempenhado por Álvaro Uribe, último presidente eleito no país. Em 2002, surge a figura de Álvaro Uribe Vélez como um candidato a presidência da República, independente e sem patrocínio partidário e vai triunfar com uma proposta de mão firme e de guerra a guerrilha. O programa de governo de Uribe se sintonizou perfeitamente com essa decepção ao oferecer segurança, derrota militar aos inimigos e moralização dos costumes políticos. O governo Uribe se apóia nos seguintes pilares, a desinstitucionalização do aparato público e a despolitização da sociedade; a política de segurança e o exército como modelo de organização social; e o giro patriótico ou a busca de um fundamento não deliberativo para a conservação da ordem, a propagação de símbolos patrióticos. O regime de Uribe não constituiria a rigor uma ditadura nem o Estado seria um Estado colapsado. O sucesso de Uribe veio da desagregação e decadência dos partidos políticos, junto a uma péssima conjuntura econômica, marcada pelo empobrecimento da maioria da população, por um endividamento e desemprego.

As intervenções de Uribe perante a “opinião pública” seriam feitas com um estilo que distaria do clássico populismo, a “opinião pública” não é o povo. Uribe discursaria pedagogicamente com grupos em particular. Os encontros entre o “poder” e a população aconteceriam durante os chamados “consejos comunitários ou comunais”. Esses “consejos” marcaram como uma revolucionária forma de governar, onde se derruba a intermediação política tradicional e nasce um vínculo direto e estreito entre comunidade e governante. Para alguns analistas estes “consejos” funcionariam como uma espécie de plataforma política, um novo tipo de populismo latino-americano, estratégia que possibilitou a reeleição de Uribe em

2006. O combate as guerrilhas constituiria o eixo no qual se fundaria a relação carismática entre Uribe e a “opinião pública”.

O fenômeno paramilitar na Colômbia explodiu entre 1993 e 1997, quando começaram a se desagregar os “cartéis” da droga e quando fracassaram as possibilidades de conversações de paz com ELN (Exército de Libertação Nacional) e as FARC. O seu ponto de inflexão se alcançaria em 1997 quando se funde as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), uma organização civil defensiva em armas, anticomunista que atuava em prol da propriedade privada, da livre empresa e do capital, por uma Colômbia livre da subversão.

Além da tragédia em termos de direitos humanos e da perda de controle por parte do Estado, o fenômeno paramilitar, potenciaria a erosão institucional no âmbito local. Ao mesmo tempo, questionaria a atitude das forças militares, que habitualmente cooperariam com ele ou fingiriam não saber de nada. O projeto de reeleição de Uribe (2004) surgiria justamente em um clima de alta tensão entre o governo e as organizações não-governamentais, as quais denunciariam constantemente as violações dos direitos humanos na Colômbia. A constituição política colombiana de 1991 que proibia reeleição presidencial imediata seria reformada por meio de ardilosas estratégias, que ainda hoje não foram devidamente esclarecidas e punidas, e que estão ligadas à denominadas “*Yidispolítica*” (escândalo político ocorrido em 2008 onde a ex-congressista Yidis Medina, admitiu ter recebido ofertas de dádivas em troca de seu voto favorável ao projeto de reforma constitucional por parte de funcionários do governo nacional). A reforma constitucional daria via livre ao projeto de reeleição de Uribe.

Mesmo assim, a popularidade de Uribe permaneceria intata, pois o que contaria realmente para a opinião seriam os resultados da sua política de Segurança Democrática. O coração dessa política continuaria sendo a ofensiva as FARC. A maioria dos colombianos estaria convencida do sucesso da Segurança Democrática em função da melhoria do seu cotidiano, redução do índice de homicídios, segurança nas estradas, significativa diminuição dos seqüestros, redução da extorsão e fim do cerco que as FARC tinham estabelecido em volta das grandes cidades. Porém, até 2005 os resultados seriam limitados, já que a ação dos grupos



paramilitares. O recuo das FARC poderia constituir uma estratégia temporária, enquanto as ações da força pública diminuiriam.

Após esse breve resumo sobre os fatos históricos que colocaram a Colômbia como um dos países com maior número de deslocados internos e externos do Mundo, o próximo ponto irá se ocupar de analisar como o medo da violência instalada no país há mais de cinco décadas influencia na socialização dos cidadãos colombianos e coloca a imigração, em muitos casos, como a única saída viável para muitos.

### 2.1.2 O MEDO DA VIOLÊNCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL EM UMA SITUAÇÃO DE CONFLITO PROLONGADO: O CASO COLOMBIANO

O clima de medo e de instabilidade é algo que acompanha a realidade colombiana ao longo do século XX. Isso pode ser observado através desse breve apanhado dos fatos sobre a história recente do país e os dados sobre imigração para outros países. Segundo OSORIO (2007):

os medos são individualmente experimentados, socialmente construídos e culturalmente compartilhados, e o medo da morte, por exemplo, continua estando presente com muita força em nossa cultura e sobretudo com a história da violência que se vive na Colômbia. (OSORIO, 2007, p. 185) (tradução nossa)

A presença do narcotráfico no país e as proporções que isso tomou, é um dos principais marcos para a construção de grande parte dos medos coletivos na Colômbia. Segundo VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA, JARAMILLO ARBELÁEZ (2003):

a percepção do narcotráfico como ameaça varia segundo se considerar como causa da violência, a crise de valores ou a decomposição moral da sociedade. A associação narcotráfico – violência é evidente na memória de

eventos que implicam morte, derramamento de sangue, destruição material e enfraquecimento do tecido social. (VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA, JARAMILLO ARBELÁEZ, 2003, p. 29) (tradução nossa)

Ao lado disso, está o conflito armado que é também uma grande fonte de temor e incertezas. Não apenas pelas múltiplas ameaças que representa, como também pela impossibilidade de apreender tal fenômeno de maneira reflexiva, já que sua configuração é modificada tão rapidamente. Qualquer análise que pretenda compreender sua lógica, práticas e atores envolvidos, é absolutamente frágil. Dentre as falas de refugiados sobre a maneira de atuação dos atores envolvidos no conflito, há muitos que falam sobre seqüestros, reiterando que até mesmo a pessoa mais humilde pode ser vítima disso:

pelas sequelas físicas e mentais, produto da privação da liberdade e as condições em que transcorre o cativeiro, os efeitos emocionais e morais na pessoa objeto do seqüestro, nos familiares, amigos e chegados, e pelos efeitos econômicos no patrimônio familiar, o seqüestro adquire o caráter de uma experiência coletiva onde se mesclam diversos medos e uma sensação de incerteza que se pode prolongar por longo tempo. (VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA, JARAMILLO ARBELÁEZ, 2003, p. 40) (tradução nossa)

Outra prática comumente realizada pelos atores do conflito é a extorsão, ou cobrança de *vacuna*, como é conhecida popularmente. Se trata da cobrança por parte de grupos armados de um imposto que justificam como um pagamento de serviço de segurança que dizem prestar. O não pagamento gera uma grande tensão nos indivíduos: *“o temor das represálias pelo não pagamento da ‘vacuna’ favorece a ação de quem extorque e leva a uma certa aceitação de sua inevitabilidade”* (VILLA MARTÍNEZ, SANCHEZ MEDINA, JARAMILLO ARBELÁEZ, 2003, p. 41) (tradução nossa). Assim, a agressão física, a expulsão de suas terras e a morte são as estratégias utilizadas pelos atores armados que infundam o terror na população e pressionam o pagamento de tais cotas.

Assim, é fácil compreender a necessidade de fuga e as incertezas que tudo isso traz consigo. Deixar o local aonde se construiu a vida para seguir sem rumo, a um local desconhecido. O medo pode imobilizar ou fazer o indivíduo se movimentar. No entanto, mesmo que tenha um lado positivo o temor, a desestabilização nos

ritmos da vida cotidiana e a ruptura do tecido social que por conta do histórico do conflito já é bastante frágil, é apenas o início das perdas desses indivíduos. Em OSORIO (2007) há uma menção ao surgimento dos sentimentos de incerteza e de ruptura. A combinação entre passado, presente e futuro são obstáculos à integração e a reconstrução dos projetos de vida dos refugiados. O rompimento das referências, ideais e metas somado a continuação dos temores e medos que levaram ao exílio, provocam importantes alterações físicas e psíquicas. Dessa maneira: *“a experiência de refúgio em si mesma é qualificada como de múltiplas perdas, em termos de perda de país, de status de atividade, de pontos de referência cultural, de redes sociais, e, sobretudo de familiares”* (OSORIO, 2007, p. 190) (tradução nossa).

## 2.2 EQUADOR

O contexto equatoriano será explicitado a partir de sua vocação histórica na recepção de refugiados de países vizinhos e de como se dá a presença de colombianos no país.

### 2.2.1 O EQUADOR COMO PAÍS HISTORICAMENTE RECEPTOR DE REFUGIADOS

O Equador é um dos menores países da América do Sul e é o que mais acolhe refugiados na região. Segundo dados do ACNUR de 2011, existem cerca de 53.000 refugiados reconhecidos no Equador, na maioria de colombianos. No período das ditaduras militares sul-americanas, o país recebeu um grande número de refugiados provenientes desses países. Atualmente, o grande impacto é o de colombianos no território e isso tem gerado situações de discriminação por parte da

população local e mesmo das instituições estatais, como será relatado no próximo ponto.

### 2.2.2 OS COLOMBIANOS EM SITUAÇÃO DE REFÚGIO NO EQUADOR

Em 2011, a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) sediada no Equador com o apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), realizou uma pesquisa sobre os processos de inserção urbana da população colombiana refugiada em Quito e em Guayaquil. A pesquisa contou com uma amostra de 1500 cidadãos colombianos e contou com a aplicação de metodologia quantitativa e qualitativa: cerca de 1200 pessoas responderam um questionário e 300 participaram de grupos focais, entrevistas em profundidade e oficinas de mapeamento social.

De acordo com a pesquisa da FLACSO em 2011, os equatorianos percebem os colombianos como uma “luz negativa”, 68,3% dos pesquisados disse que desconfia de colombianos. Na pesquisa da FLACSO em 2011 com refugiados urbanos em Quito e Guayaquil, 52% dos colombianos responderam que se sentem discriminados em espaços públicos, no trabalho, na saúde e na educação. Entre as razões para a discriminação, 58% dos que se sentem discriminados mencionaram sua nacionalidade, 18% por serem refugiados, 10% por serem mulheres, 8% por serem pobres e 5% pela cor de sua pele. Há a indicação de há uma resistência com a presença dos refugiados, com quase dois terços dos entrevistados que acreditam que a imigração representa um problema para os equatorianos: 87% da população entrevistada concordam que o Equador tem mais refugiados do que o país poderia ter; 81% concordam que o Equador não deveria mais receber mais refugiados porque isso custa muito caro.

O desemprego e a criminalidade são os principais problemas percebidos como consequência da imigração, com declarações como o a criminalidade no país aumentou com a chegada de imigrantes de países vizinhos e imigrantes dispostos a trabalhar por rendimentos mais baixos estão levando os equatorianos ao

desemprego, alcançaram um alto nível de pessoas que concordam com isso. Adicionalmente, 12% acreditam que estrangeiros promovem assassinatos. As mulheres colombianas sofrem uma discriminação adicional, por serem refugiadas e mulheres. As mulheres chefes de família são freqüentemente forçadas a trabalhar fora de casa por longos períodos e crianças menores e adolescentes são deixados sozinhos, sem um suporte comunitário para apoiar e expor explorações e abusos. Os adolescentes e criança maiores são forçados a desempenhar o papel de adultos e cuidar de seus irmãos mais novos, prejudicando assim seus estudos. As adolescentes têm um risco adicional de serem submetidas a sexo pra sobreviver e sofrer violência sexual baseada em gênero.

Assim, estar num ambiente hostil faz com que o cruzamento da fronteira tenha dois sentimentos envolvidos: a tranqüilidade de se distanciar do conflito armado por um lado e por outro, o temor de não estar suficientemente longe (RIÑANO-ALCALÁ, 2008).

## 2.3 BRASIL

A acolhida do Brasil de refugiados colombianos através do Programa Brasileiro de Reassentamento Solidário será explicitado para contextualizar a atuação do país na questão do refúgio.

### 2.3.1 A LEI BRASILEIRA SOBRE REFÚGIO E O PROGRAMA BRASILEIRO DE REASSENTAMENTO SOLIDÁRIO: A BUSCA DE UMA SOLUÇÃO REGIONAL PARA OS DESLOCADOS DO CONFLITO COLOMBIANO

A legislação brasileira sobre refúgio é a Lei número 9474/91997, construída após uma mobilização da sociedade civil que trabalha diretamente com essas populações desde a época da ditadura militar.

O Brasil ampara legalmente 4500<sup>5</sup> refugiados de 77 nacionalidades diferentes. Deste total, 3822 são refugiados de primeiro país de refúgio, ou seja, aqueles que fogem de seus países e ao entrar aqui solicitam refúgio. Os demais são refugiados que chegam ao país por meio do Programa de Reassentamento Solidário. O Brasil tem exercido uma liderança regional no auxílio a realocação de pessoas que necessitam de novo lar e perspectiva de vida. Em 1999 o Brasil assina com o ACNUR o Acordo Macro para Reassentamento de Refugiados. O reassentamento é uma das três modalidades de soluções duradouras para refugiados: a primeira é a repatriação voluntária, isto é, a cessação do conflito no país origem viabilizaria o retorno; a segunda é a integração local no país e asilo e a terceira o reassentamento. Com a impossibilidade de retorno e de integração local, é possível que o refugiado se candidate por meio do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR, do país de asilo ao reassentamento.

Em 2001 o primeiro grupo de reassentados chegou ao Brasil, formado por vinte e três afegãos que estavam asilados na Índia. O grupo foi instalado em Porto Alegre numa parceria entre o Comitê Nacional para Refugiados – CONARE, sociedade civil organizada e ACNUR.

Em uma iniciativa regional para auxílio às vítimas do conflito colombiano liderada pelo Governo Brasileiro, o país recebe no fim de 2003 o primeiro grupo de reassentados colombianos. Tal iniciativa é mobilizada pelo “Plano de Ação do México”, documento regional assinado em 2004 na Cidade do México que versa sobre a necessidade de um maior engajamento dos países da América Latina na resolução dos problemas regionais. O Rio Grande do Sul iniciou esse processo e os estados de São Paulo, Rio Grande do Norte e o Distrito Federal foram sendo agregados. Em 2007, o Governo Brasileiro aceitou receber um grupo de 108 refugiados palestinos proveniente do Campo de Rweyshed, na fronteira do Iraque com a Jordânia. Com a invasão norte-americana ao Iraque, o grupo teve que fugir do país onde moravam e foram em direção à Jordânia. Contudo, não puderam entrar no país e viveram por cinco anos em um campo fechado. Desse grupo, 52 foram reassentados no Rio Grande do Sul e os demais em São Paulo.

---

<sup>5</sup> Dados em <http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJ7605B707PTBRIE.htm> |> Acesso em: 28 jun 2012

Já passaram pelo Programa de Reassentamento no Rio Grande do Sul cerca de 230 refugiados. Destes, cerca de 140 colombianos. A implementação do programa no estado é realizada pela Associação Antônio Vieira, pessoa jurídica da Companhia de Jesus. Anualmente o Brasil realiza missões de seleção para o Equador com o intuito de selecionar reassentados para cá. O objetivo da seleção é identificar refugiados que possam se integrar ao Brasil e não é discutida a elegibilidade do pedido de refúgio, visto que este já foi concedido pelo Equador. No próximo ponto será explicado como é desenvolvido o programa em solo gaúcho.

### 2.3.2 PROGRAMA DE REASSENTAMENTO DE REFUGIADOS NO RIO GRANDE DO SUL

A partir do projeto básico do Programa de Reassentamento Solidário no Rio Grande do Sul, escrito por WAPECHOWSKI (2012), é que o trabalho realizado aqui será explicitado. Seu início foi no ano de 2003, ocasião em que a Associação Antônio Vieira (ASAV) firmou um acordo com o ACNUR para sua implementação. É um programa de caráter tripartite: ASAV como representante da sociedade civil, ACNUR representando a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), órgão multiministerial sediado no Ministério da Justiça representando o governo brasileiro. Visa a integração local dos indivíduos e famílias de reassentados em uma nova sociedade de acolhida; o resgate da cidadania, dos direitos humanos, sociais e da auto-estima e a promoção da autonomia financeira. Dentre as atribuições da agência implementadora estão: criar uma rede de parceiros cooperativos, sensíveis e discretos em relação aos casos e situação de cada núcleo; fazer a acolhida, que consiste na preparação de infraestrutura básica de subsistência como moradia, móveis, eletrodomésticos, vestimentas; promover ações de integração social, cultural, e de cidadania; promover o acesso à educação, saúde, serviços sociais e de incentivo à autonomia do indivíduo reassentado e, finalmente, manter ACNUR e governo brasileiro informados sobre o andamento dos trabalhos e dificuldades encontradas. A tabela abaixo mostra a população atendida pelo programa no Rio Grande do Sul desde o ano de 2003 até julho de 2012.

Tabela 1 - Perfil da população reassentada atendida no Rio Grande do Sul  
(2003-2012)

| Faixa etária | Homens<br>(cifras<br>absolutas) | (%) | Mulheres<br>(cifras<br>absolutas) | (%) | Total<br>(cifras absolutas) | (%)  |
|--------------|---------------------------------|-----|-----------------------------------|-----|-----------------------------|------|
| 0-4          | 15                              | 6%  | 5                                 | 3%  | 20                          | 9%   |
| 5-17         | 31                              | 12% | 31                                | 14% | 62                          | 26%  |
| 18-59        | 75                              | 34% | 63                                | 28% | 138                         | 62%  |
| 60 >         | 6                               | 2%  | 2                                 | 1%  | 8                           | 3%   |
| Total:       | 127                             | 54% | 101                               | 46% | 230                         | 100% |
| RS           |                                 |     |                                   |     |                             |      |

Dos 230 atendidos, 54% é formado por homens e 46% por mulheres. O ciclo de integração dos refugiados é formado por três fases distintas. Na primeira fase ocorre a missão de seleção da delegação brasileira ao país de primeiro asilo, os casos são trazidos para a reunião do CONARE e é realizada uma análise dos perfis dos casos e a definição dos locais mais adequados para o reassentamento. Assim, há a identificação de organizações parceiras nas cidades de reassentamento. No Rio Grande do Sul, a opção da dispersão territorial foi definida como um dos pilares do programa, objetivando aumentar a segurança dos refugiados e as oportunidades de integração local, especialmente para as vítimas do conflito colombiano. É feita uma organização da infra-estrutura para a recepção dos refugiados (definição e locação de moradia, busca de escolas e serviços de saúde, etc.).

Na segunda fase é a da recepção dos reassentados. Os refugiados são acolhidos pela agência no aeroporto, recebendo na chegada o documento de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil. É feito o encaminhamento aos órgãos públicos para a confecção dos documentos (carteira de identidade, cadastro de pessoa física e carteira de trabalho). São encaminhados para a realização da revisão médica e vacinas básicas. Além das questões mais burocráticas, faz-se uma análise conjunta com os beneficiários de seus perfis, com o objetivo de desenhar um plano de inclusão no mercado de trabalho e com cada adulto é construído um plano de trabalho individual, definindo atividades e prioridades. Também, são feitas



reuniões de orientação social e cultural inicial (locomoção, transportes, comidas, costumes, moeda e serviços públicos disponíveis).

A terceira e última fase é a da integração propriamente dita. São oferecidas aulas de português pelo período mínimo de três meses. Recursos financeiros mensais são entregues para subsistência, pagamento de aluguel e de medicamentos não disponíveis na rede pública. Tal assistência financeira dura doze meses. Os reassentados frequentam cursos de capacitação profissional. A educação e saúde são proporcionadas pelo governo, através de seu sistema público de acesso universal.

O programa é custeado pelo ACNUR. O governo oferta acesso a documentação e aos sistemas públicos. Desde o ano de 2010, a Associação Antônio Vieira tem investido recurso direto no programa. Uma equipe multidisciplinar é responsável pela implementação, formada pela coordenadora, socióloga, assistente social, psicóloga, auxiliar administrativo e auxiliar financeiro.

Após a descrição dos três contextos nacionais percorridos pelos refugiados e suas inserções na temática, o próximo capítulo se encarregará de dar voz a essas pessoas.

### **CAPÍTULO 3 – O MEDO QUE MOBILIZA: TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS DE REFUGIADOS COLOMBIANOS REASSENTADOS NO RIO GRANDE DO SUL**

A escuta dos refugiados foi uma das premissas centrais na construção deste estudo. A maneira como essas pessoas elaboram sua condição e, acima de tudo, contam e rememoram seus percursos por três países da América do Sul, é central para buscar compreender estratégias de sobrevivência. Além de justificar determinadas posturas adotadas diante das situações que foram apresentadas. Assim, para além de uma definição enquanto categoria jurídica do Direito Internacional, esses indivíduos são portadores de uma história própria. Para tanto, esse capítulo inicia com uma descrição de quem são esses refugiados que se dispuseram a contar suas histórias, além de algumas reflexões sobre as especificidades do conflito na Colômbia e qual influência tiveram na condução dessa pesquisa.

#### **3.1 A POPULAÇÃO PESQUISADA: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS E DE SEUS LOCAIS DE PROCEDÊNCIA**

Como já citado anteriormente, mais de uma centena de refugiados colombianos passaram pelo Programa de Reassentamento Solidário no Rio Grande do Sul desde o ano de 2003. No entanto, muitos se desligaram do programa por conta própria e suas localizações atuais são desconhecidas, já outros, através de pedido de repatriação voluntária, retornaram a Colômbia.<sup>6</sup> Contudo, nem todos se sentem à vontade para falar de suas histórias de perseguição, na medida em que essas ainda são muito presentes em suas vidas. Dessa maneira, não foi possível a construção de uma amostra que comportasse uma diversidade de perfis muito abrangente. A relação já estabelecida entre a pesquisadora e os refugiados, por conta de sua participação na equipe técnica do Programa de Reassentamento

---

<sup>6</sup> O ACNUR viabiliza repatriações voluntárias para países em que o conflito que ocasionou o deslocamento forçado tenha se encerrado. No caso colombiano, como o conflito é regionalizado, é realizado um estudo sobre a região para onde o refugiado solicita retorno e de acordo com questões de segurança é concedida ou não a repatriação.

Solidário, em nem todos os casos garantiu a participação. Sendo assim, um grupo foi selecionado, tendo por base uma diversidade de sexos, idades, locais de procedência, graus de instrução, profissões, agentes perseguidores, entre outros. E a partir dessa seleção prévia foram realizados os contatos para explicação dos objetivos da pesquisa e a identificação dos interessados. Diante desse quadro, pode-se afirmar que o entrevistado é que selecionou a pesquisa, isto é, se dispôs a participar da mesma.

A descrição detalhada desse processo se faz necessária. O medo que é inculcado no indivíduo socializado sob a égide de um conflito prolongado como o colombiano, continua operando em sua vida, mesmo este estando distante quilômetros do local da perseguição. E isso é demonstrado mesmo em situações que devem ser orientadas pela ética, como a pesquisa científica. A garantia de que os dados pessoais não são divulgados, especialmente a localização, nem sempre é suficiente. A falta de confiança, tanto nas pessoas, mas principalmente nas instituições, é algo central para a compreensão de determinadas posturas adotadas pelos refugiados colombianos e ao longo do capítulo, tais questões fundamentais serão retomadas. O perfil dos entrevistados pode ser visualizado no quadro abaixo:

QUADRO 1- Perfil dos entrevistados

| Nomes <sup>7</sup> | Sexo | Idade | Colômbia<br>Local de nascimento<br>(cidade e departamento)<br><br>Outras localidades | Equador<br>Local de refúgio | Brasil<br>Local de reassentamento e ano da chegada ao Brasil | Grau de instrução e profissão                                                    |
|--------------------|------|-------|--------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|--------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| Victor             | M    | 32 a  | Tuluá – Valle del Cauca<br><br>Pereira - Risaralda                                   | Quito-Ecuador               | Região Metropolitana de POA<br><br>2011                      | Superior Completo em Sistemas de Informação<br><br>Atendente de Recursos Humanos |

<sup>7</sup> Os nomes foram modificados para garantir o sigilo das informações coletadas e a segurança dos entrevistados. As entrevistas foram traduzidas do espanhol pela pesquisadora.

|                                    |   |      |                                                                  |                        |                                                                                              |                                                                                               |
|------------------------------------|---|------|------------------------------------------------------------------|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|
| Maria                              | F | 38 a | Bogotá –<br>Cundinamarca<br><br>Ipiales - Nariño                 | Quito -<br>Equador     | Região<br>Serrana do<br>RS<br><br>2006                                                       | Superior<br>Incompleto em<br>Psicologia<br><br>Auxiliar<br>Administrativo                     |
| Ernesto                            | M | 31 a | Caicedônia –<br>Valle del Cauca<br><br>Cáli – Valle del<br>Cauca | Quito -<br>Equador     | Região central<br>do RS<br><br>Atualmente<br>está no<br>interior de<br>São Paulo<br><br>2009 | Superior<br>Incompleto em<br>História<br><br>Cursando<br>Ciências<br>Sociais<br><br>Estudante |
| Violeta                            | F | 40 a | Bogotá -<br>Cundinamarca                                         | Guayaquil –<br>Equador | Região<br>Metropolitana<br>de POA<br><br>2010                                                | Costureira                                                                                    |
| Alejandra<br>(filha de<br>Violeta) | F | 23 a | Bogotá –<br>Cundinamarca                                         | Guayaquil –<br>Equador | Região<br>Metropolitana<br>de POA<br><br>2010                                                | Cuida Dora de<br>crianças                                                                     |
| Jose<br>(esposo<br>de<br>Violeta)  | M | 37 a | Manizales -<br>Caldas                                            | Guayaquil-<br>Equador  | Região<br>Metropolitana<br>de POA<br><br>2010                                                | Alfaiate                                                                                      |

A amostra contou com três entrevistas individuais e uma em conjunto, com três entrevistados. O primeiro dos entrevistados é Victor. Ele saiu da Colômbia sozinho e assim segue. Sua cidade natal chama-se Tuluá, pertencente ao departamento de Valle del Cauca. Nas entrevistas nunca falou abertamente sobre os motivos que o fizeram deixar seu país e pedir refúgio no Equador, os mesmos que o levaram a ser reassentado no Brasil. No entanto, em seus relatos, sempre se refere às FARC como o agente perseguidor, podendo levar a pensar que talvez seja com essa guerrilha seu problema. Chegou no mês de julho de 2011, devido a sua qualificação e experiência de trabalho na gerência de Recursos Humanos de uma multinacional na Colômbia, conseguiu se colocar rápido no mercado de trabalho brasileiro. Tem uma vida bastante solitária, demonstra ter uma espécie de pânico que o identifiquem como colombiano e nunca menciona que é um refugiado. Além desses estigmas que acredita possuir é homossexual e sempre afirma que o “mundo

gay” é muito diferente do heterossexual. Ele crê que neste mundo ao qual pertence, todos se conhecem e que sendo estrangeiro e refugiado é muito mais fácil ainda de ser identificado. Por tudo isso e também para buscar melhores oportunidades de trabalho, pretende sair de Porto Alegre e ir para uma cidade maior.

A segunda entrevistada é Maria. Ela chegou ao Brasil acompanhada de seu casal de filhos e de sua irmã, igualmente com um casal de filhos. Chegou no mês de julho de 2006 e foi para uma cidade da Serra Gaúcha, local aonde sua mãe, padrasto, irmãos e cunhadas já estavam reassentados desde abril do mesmo ano. Nasceu na capital do país, Bogotá e sua família tinha fazenda de criação de gado em Quipile, no departamento de Cundinamarca. A região era disputada pela guerrilha das FARC e os paramilitares da AUC. Os paramilitares começaram a cobrar *vacuna*<sup>8</sup> da sua família, pois tinham uma boa situação financeira e o grupo teve que fugir de Quipile. Atualmente, trabalha na prefeitura do município em que reside no interior do Rio Grande do Sul.

O terceiro entrevistado é Ernesto, nascido em Caicedônia, departamento de Valle del Cauca, e vivia em Cáli com sua mãe e irmãos aonde estudava História na universidade. Sempre fez parte de movimentos de esquerda na Colômbia e participava de projetos de educação em comunidades vulneráveis. Em maio de 2006 participou da organização de uma marcha com cerca de 100.000 participantes, objetivando a negociação do fim do conflito armado, além de uma reforma agrária real, acesso à saúde e a educação gratuita para a população colombiana, entre outros. As forças militares reprimiram fortemente esse movimento, culminando com assassinatos e desaparecimento de líderes comunitários por paramilitares e agentes do Estado. Foi acusado de ser terrorista e guerrilheiro, mas afirma que seu trabalho sempre foi aberto e independente de qualquer organização armada. Foi procurado na casa de sua mãe e identificado como um “terrorista disfarçado de ativista de direitos humanos” foi para o Equador e voltou a ser perseguido. Foi reassentado na Região Central do Rio Grande do Sul. Atualmente, cursa Ciências Sociais em uma universidade federal no interior de São Paulo e desenvolve um projeto sobre deslocados forçados no Amazonas.

---

<sup>8</sup> como é conhecido o imposto cobrado pelos diferentes atores do conflito armado colombiano.

A entrevista em conjunto foi realizada com uma família reassentada em que no mesmo núcleo há dois históricos de perseguição diferentes: a enteada, residente na capital do país foi sequestrada pela guerrilha, caso que acabou culminando com a perseguição de sua mãe e dois irmãos; e o caso do padrasto, residente no interior da Colômbia e que também foi perseguido pela guerrilha. A constituição do núcleo familiar se deu no Equador e a família em questão foi reassentada na Região Metropolitana de Porto Alegre. Violeta nasceu em Bogotá e desde pequena conviveu com casos de drogadição em sua família, vivia num bairro pobre da capital colombiana e convivia diariamente com o narcotráfico e a violência. Trabalhava com a venda de roupas em uma loja própria e, sua filha Alejandra, estudava e a ajudava, lá conheceu um rapaz que viria a cobrar *vacuna*. Este era um guerrilheiro e Alejandra foi sequestrada, ficando quase dois anos no cativeiro. Sua mãe denunciou e passou a ser perseguida, tendo que fugir com seus dois filhos para o Equador. Já estava há quase dois anos lá quando sua filha conseguiu fugir e encontrar a família. Foi neste tempo no Equador que Violeta conheceu Jose, também refugiado colombiano, e se casaram. Jose vivia em Manizales, no departamento de Caldas onde seu pai tem uma fazenda de produção de café e cacau e paga *vacuna*. Tem cinco irmãos e nenhum deles está na Colômbia, um está na Costa Rica e os outros quatro na Argentina. A perseguição a Alejandra voltou a acontecer e foram reassentados na Região Metropolitana de Porto Alegre. Aqui na capital, trabalham com costura e já conseguiram comprar algumas máquinas. Após se inscreverem no programa “Minha Casa, Minha Vida” do Governo Federal, foram contemplados com uma casa.

Como se observa, alguns dos entrevistados fizeram alguns percursos ao longo de suas vidas dentro da Colômbia. Como já foi demonstrado, o conflito é bastante regionalizado e complexo, o quadro abaixo se encarregará de demonstrar o percurso percorrido por cada um:

QUADRO 2– Percurso percorrido pelos entrevistados na Colômbia

| Nomes     | Cidade/departamento                                            |
|-----------|----------------------------------------------------------------|
| Victor    | Tuluá/Valle del Cauca – Pereira/Risaralda- Bogotá/Cundinamarca |
| Maria     | Bogotá/Cundinamarca – Ipiales/Nariño                           |
| Ernesto   | Cacicedônia/Valle del Cauca – Cáli/Valle del Cauca             |
| Violeta   | Bogotá/Cundinamarca                                            |
| Alejandra | Bogotá/Cundinamarca                                            |
| Jose      | Manizales/Caldas                                               |

A Colômbia possui 32 departamentos, como são denominados as regiões. Podem ser identificados alguns denominadores comuns entre as diferentes regiões, que agregados aos elementos que dizem respeito estritamente ao conflito, tornam a situação ainda mais insustentável. Estes são a concentração de propriedade, construção de megaprojetos ou a exploração de recursos em grande escala que acabam por ocasionar a expulsão e deslocamento de populações. Entre os anos de 1985 e 1997 há uma expansão do deslocamento interno, com os grupos armados garantindo territórios e populações através de métodos de terror, como massacres. Entre 1998 e 2003, os deslocamentos passam a ser mais diversificados, atingindo seu auge num êxodo intenso ocorrido durante o governo do Presidente Andrés Pastrana (1998-2002), cujo triunfo eleitoral se deu com a divulgação de uma foto do seu encontro com o chefe das FARC, Manuel Marulanda Vélez, gerando assim uma expectativa de solução negociada. A disposição do governo em iniciar os diálogos com a criação de uma zona desmilitarizada para a realização das negociações de paz com 42.000 km<sup>2</sup> de extensão, localizada entre os municípios de San Vicente del Caguan, La Uribe, Vista Hermosa, Mesetas e San Vicente (entre os departamentos de Meta e Caquetá), foi convertida em um fator gerador de tensões e o conflito armado ficou mais acirrado (JARAMILLO, 2008a).

Os entrevistados para esta pesquisa vivenciaram o conflito sob a ótica de cinco departamentos colombianos: Cundinamarca, Valle del Cauca, Nariño, Risaralda e Caldas. Devido às diferenças geográficas, econômicas, de composição populacional, entre outras e a regionalização do conflito, com características e dinâmicas próprias, uma breve contextualização sobre cada um se faz importante.

O departamento de Cundinamarca foi criado em agosto de 1886, está localizado na região central da Colômbia e sua capital é também a capital federal, Santa Fé de Bogotá. A região metropolitana de Bogotá conta com 11 municípios e a população estimada da cidade é de cerca de seis milhões de habitantes. A dinâmica do conflito neste departamento é, em grande parte, fruto do abandono estatal, que resulta na crise social e econômica que afeta principalmente os jovens de camadas populares que residem nas cidades. As FARC tem uma forte presença no departamento e isso começou a partir dos anos 80, segundo VÁSQUEZ (2002), tal processo de fortalecimento se deu após o início da entrada de dinheiro proveniente do narcotráfico para financiar ações da guerrilha. A Frente 22 das FARC é a mais antiga que atua na região e a ela se somam, a partir de meados da década de 90, as frentes Manuela Beltrán e Policarpa Salvarrieta. Em Bogotá, o grupo é representado por milícias urbanas que operam nos bairros Ciudad Bolívar e Kennedy, ao sul da cidade. A guerrilha realizada nas áreas rurais tem um caráter móvel e migratório, já as milícias urbanas atuam estabelecendo locais permanentes com o intuito de ampliar territórios, de uma maneira mais invisível. Além de se estabelecerem nas cidades para recrutar jovens de bairros populares que possuem, dentre outras características, a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho. O grupo guerrilheiro ELN possui células urbanas na capital também, concretizando esporádicas ações como sabotagens e atentados contra bancos e edifícios públicos. Os paramilitares atuam em Cundinamarca desde a década de 80 com o auge do narcotráfico e da exploração de esmeraldas. Tiveram vários enfrentamentos históricos com as Frentes 22 e 43 das FARC pelo controle do território. Os arredores de Bogotá é uma das regiões que mais recebem deslocados forçados e isso tem um impacto grande na organização das cidades, contribuindo para a pauperização e marginalização dessas populações.



O Valle del Cauca foi criado em abril de 1910 por meio de um decreto, com a extensão territorial de 21.195 km<sup>2</sup>, agregando as jurisdições de Cartago, Buga e Cali. Segundo AHUMADA CASAS e TAPIA GÓNGORA (2006), no ano de 2003 o departamento contava com uma população de 4.389.486 de habitantes, sendo que 86% correspondem à população urbana e 14% rural. A capital do departamento Cáli, é a segunda maior cidade da Colômbia, concentrando 52% da população do Valle del Cauca. Os autores afirmam que o departamento foi estabelecido em torno de uma cultura da violência, como a observada nos anos 50 durante o conflito partidário que assolou o país. Na década de 70, grupos guerrilheiros começaram a aparecer na região e a partir da década seguinte, o narcotráfico se dissemina. Alguns anos depois, o narcotráfico passa a se apoiar em grupos de segurança privados, buscando controlar a região. Atualmente, com a desmobilização por parte do governo dos grupos paramilitares, há uma reconfiguração do conflito no Valle del Cauca. O rearmamento de parte desses grupos e a reativação da mobilidade das guerrilhas pelo interior faz com que a disputa pelo controle da região fique mais acirrada. Os atores armados que estão presentes nas regiões de Tuluá e Caicedônia são as FARC, representadas pelas Colunas Víctor Saavedra, Alirio Torres e Alonso Cortés, além dos grupos a serviço do narcotráfico, como Los Rastrojos e Los Machos. Há uma grande disputa pelo controle geoestratégico da região, cujo cultivo de ilícitos perto dos rios é bastante forte. Os crimes mais comuns observados são sequestros, assassinatos seletivos, massacres, extorsões e os enfrentamentos entre os grupos rivais. Na zona metropolitana de Cáli, além da atuação das FARC e dos grupos a serviço do narcotráfico, há uma importante presença de paramilitares não desmobilizados.

Na fronteira da Colômbia com o Equador se localiza o departamento de Nariño, cerca de 57% de sua população reside em áreas rurais e 43% nas cidades. Tem como capital San Juan de Pasto e a agropecuária é sua principal atividade econômica, segundo dados de REVELO HERNÁNDEZ (2009), com o processo de desestabilização política e administrativa enfrentados nos anos 80, vários grupos insurgentes foram ocupando este departamento, como as FARC com importante presença militar e a ELN, com presença política. As FARC são representadas pela 8ª Frente, da 2ª também conhecida como Alfonso Arteaga, a Frente 63 Aruto Medina e as Colunas Daniel Aldana, Jacinto Matallana e Mariscal Sucre. Já a ELN, após

enfrentamentos com a força pública na década de 90, saiu fortalecida e conseguiu estabelecer três colunas na região: Mártires de Barbacoa, Héroes del Sindagna e a Companhia Camilo Cienfuegos. O final da década de 90 foi marcado por uma massiva e violenta atuação dos paramilitares, que buscavam conquistar o poder regional. As AUC obedecem duas linhas de atuação em Nariño, o grupo de Carlos Castaño – importante chefe dos paramilitares – através da coluna Libertadores del Sur e o Bloque Central, representado pelas Águilas del Sur. Por ser uma região fronteiriça do país, Nariño é uma passagem para a comercialização de insumos químicos e o tráfico de cocaína, morfina e heroína. Pessoas provenientes de Bogotá, Cali, Medellín e Pereira, de organizações ligadas ao narcotráfico, se deslocam para lá para desenvolver tais atividades. Para tanto os municípios de Ipiales e Tulcán foram convertidos em importantes epicentros das negociações entre os dois países. Além disso, o departamento é grande receptor de deslocados internos por conta do conflito.

Um dos principais núcleos da economia nacional colombiana é o chamado Eixo Cafeeiro, formado pelos departamentos de Quindío, Risaralda e Caldas. Há uma estreita ligação entre a crise do setor agrícola, especialmente na cafeicultura na década de 80, e a disseminação do conflito nessas regiões que por muito tempo foram muito tranquilas. A qualidade de vida das populações decaiu e, com isso, houve um aumento da vulnerabilidade das mesmas frente a grupos armados. O departamento de Caldas, cuja capital é a cidade de Manizales, possui aproximadamente um milhão de habitantes, segundo PALACIO VALENCIA e CIFUENTES PATIÑO (2005), o conflito armado na região se tornou mais visível a partir de 1997 e o departamento se tornou um dos palcos nacionais de deslocamentos massivos. Um dos elementos que contribuiu para isso é a desarticulação do departamento por conta da precariedade das vias de comunicação entre o oriente e o ocidente. Os atores envolvidos no conflito na região, conforme NUÑEZ (2010a) são as FARC presente com as Frentes 47 e 9 desde os anos 90, a ELN com as Frentes Cacique Calarcá, Ernesto Che Guevara e Carlos Alírio Buitrago e os paramilitares através das Autodefensas Campesinas del Magdalena Medio. Estes foram desmobilizados em 2006, mas voltaram a atuar com nomes diferentes e o grupo neo-paramilitar mais forte que atua na região é o Águilas Negras.

O departamento de Risaralda surgiu em 1966 numa divisão do departamento de Caldas, tendo como capital a cidade de Pereira, possuindo uma população estimada de cerca de um milhão de pessoas. A cooperação entre os grupos guerrilheiros, grupos paramilitares e narcotraficantes com os políticos da região é bastante forte, em NUÑEZ (2010b), há um mapeamento dos atores envolvidos no conflito na região. As FARC atuam com a Frente 47, Frente Aurelio Rodriguez e a Coluna Jacobo Arenas nas áreas urbanas. A ELN, através da Frente Cacique Calarcá e Ernesto Che Guevara nas zonas rurais e o núcleo urbano Marta Elena Barón na capital do departamento. Assim como em Caldas, a desmobilização dos paramilitares é acompanhada pelo surgimento de bandos emergentes que buscam reconquistar territórios e são representados pelo Cartel del Norte del Valle. O ingresso dos paramilitares na região, assim como nas demais citadas, é realizado através dos narcotraficantes.

Após essa breve contextualização das regiões da Colômbia por onde os entrevistados passaram ao longo de suas vidas, serão expostas as falas que buscam recriar os percursos percorridos e como são elaborados esses acontecimentos. Os próximos pontos serão divididos seguindo os trajetos dos entrevistados, dizendo respeito a três contextos nacionais diferentes: Colômbia, Equador e Brasil.

### 3.2 COLÔMBIA: O CONFLITO NA CASA, NA ESCOLA E NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO – A SOCIALIZAÇÃO EM UM “CLIMA DE MEDO”

A socialização numa situação como a colombiana, em que o conflito já se prolonga há várias décadas e está presente nas mais diversas esferas da vida social, acaba sendo permeada por um constante “clima de medo”. Nas falas dos entrevistados, é possível observar como tal “clima” se apresenta e afeta suas vidas. Victor explica como em sua cidade isso aparecia:

[...] era uma cidade pequena, todos sabem que o conflito existe. Além disso, eu trabalhava numa empresa, que digamos que tinha muitas filiais, em povoados muito menores que Tuluá. Então, nesses povoados o conflito é ainda mais conhecido pelas pessoas, as pessoas sabem e convivem com o conflito, porque é inevitável, faz parte do dia a dia. [...] Digamos que mesmo que as pessoas saibam do conflito, ninguém vai querer que o conflito chegue de uma maneira ou outra na sua vida, né? É uma coisa que tem mais de quarenta anos. O conflito e as coisas estranhas que acontecem, sempre se está escutando, colocaram isso, fizeram aquilo. Mas tu tens que continuar a tua vida, é como aqui, a delinquência faz parte, mas tem que continuar vivendo a vida.

Sobre os meios de comunicação, Victor afirma que o jornalismo tem se encarregado de mostrar as coisas que acontecem. Analisando tal situação, diz que parece que as pessoas na Colômbia estão se acostumando com esse tipo de fato:

estão se acostumando com esse tipo de coisa, porque depois de tantas coisas, acho que as pessoas começam a se acostumar, passa a ser do seu dia-a-dia. Porque a Colômbia é muito linda, tem muitas coisas bonitas, muitas regiões, tem muitas paisagens, muitas coisas para as pessoas de fora conhecer. Mas pelo o que as pessoas escutam, vão ficando com medo e digamos que esse medo vai aumentando.

Maria, que vivia na chamada *zona roja*, como são denominadas as regiões do país em que o conflito está presente de maneira mais forte, afirma que sempre ouviu dos pais que não comentasse, que deveriam sempre “[...] *passar como cegos e surdos para não buscar a morte*”. Sobre os meios de comunicação, relata:

os meios de comunicação sempre mostravam as coisas, mas sempre superficialmente, porque a realidade vivida era pior. (...) o temor era um hábito e isso se mostrava claramente, pois nem entre os vizinhos se falava, já não se confiava em ninguém porque os grupos armados obrigavam as pessoas a agir como eles mandavam.

Já Violeta conviveu com esse “clima de medo” relacionado aos problemas enfrentados em uma grande cidade como Bogotá, envolvendo uma convivência mais próxima com o problema das drogas. Desmentindo uma versão bastante disseminada entre os colombianos e mesmo pelos meios de comunicação, de que o conflito não chegaria à capital. No entanto, ele chega e toma características específicas do contexto:

desde pequena sempre se conviveu com a drogadição. Meu pai foi drogado toda vida. Vivíamos num bairro que era muito pobre, todo dia se ouvia falar de morte, drogadição, narcotráfico. Desde pequenos ouvíamos isso do meu pai, da minha mãe e na escola. Todos nós somos filhos dos que consomem drogas, dos que são narcotraficantes ou até dos que matam. Todos somos filhos disso e vamos crescendo nessa escalada. Morava no centro de Bogotá, num bairro chamado Las Cruces. Por natureza é um bairro que se encontram mortos, é um bairro bem, bem perigoso. Falar que o conflito não chega a capital é uma grande mentira. Creio que todas as cidades, todas têm narcotráfico, todas têm sequestros. Há poucos dias ainda colocaram três bombas no centro de Bogotá. Então não se concentra só no campo, só nas fazendas. Se concentra porque lá moram eles, os acampamentos deles. Vão para as cidades, pois estão lá as pessoas que têm dinheiro, pra recrutar crianças. Porque eles recrutam as crianças, esperam que tenham 8 anos, 10 anos e já estão recrutando. Na televisão eles têm anunciado crianças com 8, 10 anos já com fuzis para matar pessoas. E é esse o medo que temos, pessoas que foram criadas nessa realidade, quando nos damos conta que nossos filhos correm o mesmo perigo, a única coisa que temos a fazer é fugir para outros países.

Segue relatando como o conflito chegou à sua família e como as pessoas conseguiam mandar filhos para morar em outro país:

nossa família foi morta pela guerrilha. Por parte da minha mãe, o que a minha mãe conta para nós é que meus avós estavam na casa e um dia chegou a guerrilha, pois meu avô tinha dinheiro. Mas ele não queria mais seguir dando dinheiro pra eles. Chegaram e tiraram fora a cabeça do meu avô e da minha avó. E o irmão menor de minha mãe, o menor deles, também o mataram. E a minha avó conseguiu salvar minha mãe e meus dois tios. Minha mãe foi para uma cidade chamada Tolima. Minha mãe foi criada num internato. De Tolima foi levada para um internato em Bogotá e lá ela conheceu meu pai. Meu pai contava que era drogado desde que tinha 8 anos. E neste internato já havia drogas, já havia máfia, você sabe isso é uma cadeia. Tenho um tio que conseguiu demonstrar que tinha dinheiro e foi para os Estados Unidos. Muitos narcotraficantes demonstravam ter dinheiro e conseguiam mandar os filhos para outros países, Canadá, Estados Unidos. Era o mesmo que pagar um visto que valia tantos milhões de pesos. E eles por ter dinheiro, conseguiam o visto para os filhos. Isso era comum, pagavam os cônsules e conseguiam tirar as pessoas.

Violeta especifica como era a criminalidade em Bogotá e como isso era abordado pelos meios de comunicação:

um medo tão grande que depois das 5, 6 da tarde tu não podia mais estar na rua. Roubavam, matavam, sequestravam muitos que consumiam droga. E em Bogotá se via muito isso. E agora que está um pouco calmo, mas porque agora eles sabem induzir os jovens, induzem nas escolas, nos colégios. Sabem como atraí-los com dinheiro. Agora estamos com um problema com um sobrinho. Ele tem 17 anos e sua mãe está quase louca. Envolveu-se com um grupo e saiu de casa. E ele é o filho único deles. A mãe está passando por uma situação igual ao que um dia passei. E moram num bairro que não é pobre. É um bairro de classe média baixa. Na televisão eles tratam de falar. Mas não contam toda a verdade, já que também seria um horror para todas as pessoas. São bastante as pessoas que fogem, bastante. Porque temos medo de nós mesmos.

A vida de Violeta em Bogotá não se diferencia muito da de Ernesto em Cáli, devido ao tamanho e importância dessas cidades, como ele mesmo conta:

a maior parte de minha vida morei em uma das principais cidades do país. Na cidade de Cáli, o conflito social e armado sempre foi uma constante em todo o território, embora as regiões do campo sempre fossem as mais afetadas. Não obstante nas principais cidades, o conflito armado também se sentia em um grau diferente, os problemas que mais ameaçavam a estabilidade das pessoas nas cidades sempre foi o conflito social, a violência generalizada, produzida pelos altos níveis de desigualdade social que foram o combustível para tal violência, além da repressão estatal, por parte de seus organismos coercitivos, que historicamente tiveram uma maior responsabilidade no incremento da violência que atinge todo o país. A violência sempre foi uma constante, que golpeou a maioria das pessoas especificamente as camadas mais pobres. Meus avós e meus pais também foram vítimas do conflito. Desde os anos cinquenta, meus avós que eram camponeses foram expulsos de suas terras pela violência bipartidarista daquele momento. E desde esse então minha família passou a morar nas cidades, nas zonas periféricas excluídas dos principais direitos. Portanto o tema sobre o conflito, a desigualdade e a repressão sempre foram um tema constante, tanto em minha família como no resto das pessoas pobres que de uma ou de outra forma também foram atingidas por esse conflito.

No que tange o papel desempenhado pelos meios de comunicação diante da situação enfrentada pelo país, Ernesto afirma que eles sempre foram parciais e que desempenham papel semelhante ao da mídia internacional. Seu argumento é que obedecem a interesses bastante específicos e que a manipulação da informação acaba exacerbando o conflito e segue dizendo que:

os principais meios de comunicação da Colômbia sempre foram de duas ou três famílias que historicamente têm tido uma alta representação nos diferentes governos. A mídia colombiana é uma das principais responsáveis pelo conflito colombiano, sua capacidade de alienar e de manipular as pessoas tem feito que o conflito tenha se prolongado durante tanto tempo.

A respeito da migração de colombianos, Ernesto relata:

desde pequeno me dei conta de muitos colombianos moravam no exterior, só que a informação que recebia era que as pessoas saíam por motivos econômicos. Porém, com o tempo me dei conta que também muitas pessoas saíam do país por razões políticas. Os meios de comunicação da Colômbia pouco mostravam sobre os fluxos de emigração por razões de violência ou por deslocamento forçado. Atualmente, uma grande parte da população não sabe que existem mais de quatrocentos mil colombianos que moram no exterior por razões políticas e que existem outros quatro milhões de pessoas deslocadas internas na Colômbia, que foram expulsos do campo durante os últimos vinte anos, e que em sua grande maioria são camponeses que foram expulsos de suas terras.

O entrevistado faz uma conexão entre o medo e a situação econômica da população. Diz que em Cáli a maioria da população é pobre e que o medo atinge de uma maneira maior essas pessoas que:

viviam com medo, medo de não ter trabalho, medo de não ganhar dinheiro para comer, medo de ser assassinado pela polícia ou pelo crime organizado, medo de ser roubado e medo por ser pobre, etc. Porém parece que as pessoas aprenderam a viver com esse medo, um medo que começa a fazer parte de sua rotina, de seu dia-a-dia.

As diferentes falas, cada uma de seu ponto de vista e local de procedência, remetem a situações em que o medo é uma constante nas vidas, presente desde as mais tenras idades, permeando a relação que essas pessoas estabelecem com o mundo a seu redor. No próximo ponto, será abordado como tal conflito é compreendido pelos entrevistados, devido à diversidade de atores envolvidos e entre eles o Estado. Como viver ou sobreviver em uma situação por vezes tão controversa?

### 3.3 A DIVERSIDADE DE ATORES ENVOLVIDOS NO CONFLITO E A ATUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES ESTATAIS: EM QUEM CONFIAR?

Diferentes atores foram citados pelos entrevistados como partes do conflito. Victor explicita um desconhecimento inicial sobre quais forças atuavam em sua região de origem e que só ao ser vinculado de alguma forma a situação que culminou com sua perseguição, que passou a entender como isso operava:

digamos que eu fiquei sabendo depois, porque antes era uma coisa que eu nem sabia que existia. Mas digamos que não era parte da minha vida, eu nem sabia. Mas fiquei sabendo que era do pessoal das FARC, eles que atuavam nessa região, em regiões menores. De alguma maneira isso migrou para as grandes cidades. E cada vez tem mais gente fazendo parte de um ou de outro lado.

Sobre a questão da confiança e dos sentimentos envolvidos nesse processo, Victor afirma que:

a princípio eu tinha confiança. Mas depois que o conflito chegou a minha vida, acabei não confiando muito. Digamos que não é muito fácil tu querer confiar depois do que acontece com a tua vida. Vem medo, vêm outros sentimentos.

Na região do qual Maria é procedente, havia uma presença de diferentes atores disputando o espaço:

paramilitares, guerrilha e exército estavam presentes e entre eles havia vários enfrentamentos e acontecia no meio da população. Não sabíamos quem era quem, porque todos se vestem igual. No entanto, sabíamos que os dois grupos, guerrilha e paramilitares disputavam o mando na região. Sabíamos do fator corrupção presente nas instituições e por outro lado os grupos também dominam o governo sob ameaças, sequestros de suas famílias e mais coisas.

As instituições do Estado também são citadas como permeadas por disputas e interesses de diferentes atores:

[...] dentro da polícia estava a guerrilha, muitos políticos eram da guerrilha. Nesses dias saiu na notícia de uns políticos que foram sequestrados em 2000, 2002, que foram como 12 políticos que foram sequestrados. E na



notícia deu que um deles era guerrilheiro, infiltrado entre eles. E ele havia comandado o sequestro dos próprios amigos e no cativeiro, quando eles descobriram que era ele, que ele era o mau, ele se deu conta e matou todos. Faz pouco tempo que libertaram ele e descobriram que ele que havia mandado matar todos os amigos. E ele está na cadeia. A guerrilha, os paramilitares. Todos vivem misturados. Dinheiro que entra ilegal no país é dinheiro para a guerrilha, dinheiro ilegal é do narcotráfico. Eles não declaram por isso.

Em Cáli, conforme a avaliação de Ernesto, as forças estatais agiram de maneira mais contundente do que em outros locais do país:

em Cáli, por ser uma cidade grande com quase 4 milhões de habitantes, a principal força que dominava a região eram as forças do Estado: exército e os paramilitares. Porém, também havia outros grupos que exerciam um alto poder coercitivo sobre a população, como os grupos do narcotráfico, o crime organizado e, em menor medida, havia pequenas células de guerrilha que também tinham controle de algumas zonas. As periferias das grandes cidades, sempre foram consideradas como 'zonas rojas', o bairro onde morava era assim considerado pelos altos níveis de violência que existia.

Segue relatando que sempre foram, ao se referir aos mais pobres, amedrontados pelas instituições de segurança vinculadas ao Estado: militares e paramilitares. Interessante notar que o entrevistado vincula os paramilitares como parte do corpo estatal, não os dissociando deste. Isso pode ser observado também no estudo de ÁLVARO RODRÍGUEZ (2009), quando se refere ao poderio paramilitar como sendo de um verdadeiro exército privado:

a autonomia dos grupos paramilitares, seus laços com o narcotráfico, o respaldo social e das elites regionais e nacionais aponta um fenômeno de grande poder militar, político, econômico e social. (ÁLVARO RODRÍGUEZ, 2009, p. 80) (tradução nossa).

Ernesto faz uma reflexão sobre a violência:

o recusar uma série de coisas estabelecidas é um fator que faz dar medo numa sociedade altamente desigual e violenta. O medo principal que sempre me causava bastante aflição era o desaparecimento forçado, prática muito frequente utilizada pelos atores armados, principalmente pelos organismos estatais. Eu nunca tive confiança nas instituições estatais.

A temática dos atores envolvidos no conflito, dentre eles as instituições estatais, é bastante delicado e diz muito a respeito do lugar de onde o entrevistado está falando. As falas são diferenciadas, mas não divergentes, na medida em que expressam um medo real e quase que palpável, das diferentes formas de violências impetradas, seja por parte da guerrilha, dos paramilitares e mesmo do Estado de fato. As diferentes maneiras de compreender o que assola sua cidade, departamento e mesmo país, demonstram que apesar do conflito ser um tema recorrente, há uma ideia de que nunca serão afetados de maneira objetiva por ele. O próximo ponto vai discutir o momento em que tal conflito passa a estar presente, se convertendo em uma ameaça real e faz com que a saída da Colômbia seja um único horizonte para essas pessoas.

#### 3.4 O CONFLITO BATE À PORTA DE CASA: DEIXANDO A COLÔMBIA

Nesse ponto serão explicitadas as histórias em que as ameaças e o medo de fato passaram a fazer parte da vida dos entrevistados e de em quais circunstâncias foram obrigados a deixar a Colômbia. Em Alcalá-Riaño (2008) as visões do perseguidor e da vítima de perseguição são sucintamente demonstradas:

[...] para os atores armados a geração do medo e o uso do terror são parte da guerra e constituem uma estratégia que busca obter como resultado o deslocamento da população. "Mas, para quem tem que fugir, o deslocamento representa uma estratégia de sobrevivência, e é, muitas vezes, a única resposta possível." (ALCALÁ-RIAÑO, p. 410, 2008) (tradução nossa).

Victor em nenhum momento conta de forma clara quais acontecimentos fizeram com que tivesse que sair de seu país. Contudo, sua fala expressa que tais acontecimentos foram graves e que a fuga era algo que deveria ser feita rapidamente:

eu fui direto para o Equador. Não tinha mais o que fazer, eu pensei, depois daquilo tudo, digamos que cheguei num ponto onde estava cansado. Estou cansado, de mudar tudo, estar aqui, estar ali, uma noite aqui, amanhã... sabe? A tua vida fica, não sei como falar, é muita instabilidade emocional. É um acúmulo de coisas. Quando eu fui pro Equador, eu fui porque era o lugar mais perto. O Panamá é bem mais longe do lugar onde eu estava... digamos que a primeira opção que eu tive foi o Equador.

O intenso controle sobre o paradeiro das pessoas por parte dos agentes perseguidores é um ponto importante levantado por Maria e como isso determinou a saída da Colômbia:

saímos para salvar nossas vidas. Esta opção sempre está. Os grupos estão situados por todo o país, com suas frentes organizadas por números. Entre eles se comunicam e têm atualizadas as informações das pessoas deslocadas, assim a perseguição continua aonde quer que se esteja eles encontram. Graças a Deus a união familiar também serviu nesses momentos, pois estávamos todos e a decisão foi tomada em grupo: ficarmos e nos entregarmos diante da situação ou lutar e ficarmos vivos. Saímos depois de meses de deslocamento, escondidos, transformações com cores e cortes de cabelo. Fomos por avião.

O papel e a importância do grupo familiar são enaltecidos por Maria. As condições financeiras também ajudaram a determinar em como a viagem seria feita, diferente dos outros entrevistados que saíram por meios terrestres, eles foram de avião. A fala de Violeta também é bastante focada na família, reconstituindo como sua filha Alejandra passou a ser alvo da guerrilha:

começou a acontecer todos os problemas com meus filhos adolescentes no colégio, eles estudavam no Colégio Almirante Padilla, que é um colégio semi-militar. Assim, com regras militares. Gostava muito desse colégio. Começou a acontecer que eles saíam da escola e eu trabalhava todo dia, não sabia aonde iam eles depois da escola. Eu vendia roupas e também tinha um bazar. E aí acontecia. Você olhava qualquer pessoa como uma pessoa normal, tu não acreditavas que isso poderia acontecer com eles. Mas aconteceu, minha filha foi sequestrada e tirei meus dois filhos do colégio e fugi para o Equador. No Equador fui trabalhar em costura. Na Colômbia eu tinha colocado uma denúncia de que minha filha tinha sido sequestrada. No Equador falei sobre isso, aí passei por psicólogo. Lá que deram andamento ao caso. Eu fui primeiro com os meus dois filhos e depois recuperamos a filha.

Alejandra passou a ser cortejada por um rapaz que fazia parte das FARC, semanalmente ia à loja de sua mãe para cobrar o imposto da guerrilha. No entanto, Violeta nunca contou aos filhos o que aqueles homens faziam em sua loja. Um dia, com a desculpa de levar Alejandra para um passeio, esse rapaz a sequestrou. A moça passou dois anos em um dos acampamentos das FARC no interior do país, a mãe e os irmãos tiveram que ir para o Equador sem ela.

O engajamento nas lutas sociais e as questões políticas envolvidas nisso conferem diferenças entre a trajetória de Ernesto, dos demais entrevistados:

fugi por razões políticas, para preservar minha vida e liberdade. Não tinha mais opção senão sair do país, as outras possibilidades foram esgotadas e insuficientes. Saí do país clandestinamente, com documentação falsa para conseguir atravessar a fronteira. Não tive possibilidade de trazer minha família, minha companheira naquele momento decidiu ficar com sua família. Saí do país utilizando transporte veicular, até o local onde fiz a solicitação de refúgio.

Parece que esse envolvimento com tais questões, lhe dava um maior senso da realidade em seu entorno, isto é, Ernesto sempre soube que o Estado seria provavelmente seu agente perseguidor. Isso lhe dava uma noção de quem temer, informação ou clareza que nem sempre os demais entrevistados tiveram.

O histórico das perseguições e a fuga da Colômbia para o Equador foram o objeto desse ponto. Os entrevistados definem o Equador como única estratégia possível para salvar suas vidas. E essa proximidade entre os dois países ofereceu ao entrevistado (no momento em que ainda não era convertido a refugiado) e pode dar para quem acompanha suas falas, a ideia de que a entrada no país mudaria os rumos da história pessoal de cada um e garantiria a tranquilidade que perderam em seu país. No entanto, RiAÑO-ALCALÁ (2008) contribui com esse debate ao afirmar que a fronteira entre Colômbia e o Equador funcionaria como um limiar entre a proteção e o risco. Assim, ao cruzar a fronteira tem início um processo de estabelecimento em outra realidade e que se podem identificar dois sentimentos, a tranquilidade ao se distanciar do conflito e o temor de não estar suficientemente longe da perseguição. Assim, o próximo ponto aborda a chegada ao país de refúgio e como se deu esse processo.

### 3.5 CHEGADA AO EQUADOR: A ACOLHIDA NO PAÍS DE REFÚGIO

A chegada ao país de refúgio, no caso o Equador, converte esse cidadão colombiano em público-alvo da proteção internacional:

os indivíduos são confrontados com a condição espaço-temporal do exílio que os leva a atuar com uma série de práticas jurídicas-políticas transnacionais e com estruturas de poder que os redefinem como um 'novo tipo de pessoa': ser refugiado, solicitante de refúgio, indocumentado, negado ou migrante ilegal." (RIANO-ALCALÁ, p. 414, 2008) (tradução nossa).

Maria, de maneira objetiva, toca nesse assunto: *“uma incerteza completa em meio à alegria de saber que estávamos vivos.”* A maneira como Víctor relata sua entrada no Equador e todos os sentimentos que perpassam tal processo, dá importantes pistas para pensar em como ocorre essa redefinição a um “novo tipo de pessoa”, como afirmou RIAÑO-ALCALÁ (2008). O entrevistado conta tal passagem:

o tempo é uma coisa muito louca, como diz o Cazuzo: o tempo não pára, já fez dois anos desde que tudo começou. Foi em 2010, no final do ano. Fui de ônibus. Eu pensava: estou deixando tudo, estou deixando a minha vida, não vou voltar e quem sabe o que vai acontecer comigo daqui pra frente? Só queria chegar lá, talvez preservar a minha vida. Eu pensava que lá podia ter uma vida, arrumar um trabalho, um emprego. Porque a minha intenção não era sair do Equador. Eu cheguei a uma cidade que chama Tulcán, logo que passava a fronteira. Foi horrível, porque eles têm medo que tu vai passar com drogas para o Equador. Digamos que eu tinha a mala toda arrumada e eles tiraram tudo da mala, as roupas. Perguntaram aonde eu ia, quando tempo ia ficar. Eu falei que ia ficar lá um mês, que ia voltar para a Colômbia, de passeio. [...] Eu sabia que não ia voltar, mas eu não ia falar isso com eles. Daí peguei outro ônibus, no meio do caminho parou a polícia de novo, tive que descer do ônibus, de novo: pra onde que vai? Viraram a mala de novo. Eu não conhecia Quito, não sabia aonde ia ficar. E em Quito tem duas rodoviárias, uma no norte e outro no sul da cidade. O motorista perguntou para onde eu ia, pro sul ou norte? Eu não sabia. Disse pra ele que queria ficar num lugar que tivesse um hotel e que não fosse muito caro. Então, ele me disse que eu ia pra rodoviária do sul. Só que lá era muito perigoso, mas eu não sabia, daí eu fiquei lá com a minha mala. E depois fiquei sabendo que esse lugar era muito perigoso, imagina poderia ter acontecido qualquer coisa [...] eu não sabia, pelo menos eu estava em outro país. Fiquei com muito medo.

As incertezas desse momento acabam deixam de lado o sentimento de alívio trazido pelo deslocamento do local que lhes era hostil e ameaçador. No entanto, é

necessário sobreviver nessa nova realidade desconhecida, num país que mesmo tendo características parecidas com a Colômbia, possui todo universo novo a ser desbravado, com o acréscimo de que não eram cidadãos equatorianos. Então o que seriam no Equador? Violeta reconstitui sua chegada ao país:

estamos em 2012, cheguei lá em 2006. E comecei a trabalhar em um atelier de costura. Fui para Guayaquil, que fica a cinco horas de distância de Quito. Fiquei lá seis anos. Soube por outras pessoas que já eram refugiados que eu poderia pedir refúgio.

Em Guayaquil, Violeta conheceu Jose, seu esposo, que contou sobre sua saída da Colômbia:

quando conheci minha esposa já era refugiado reconhecido pelo governo equatoriano. Vinha da cidade de Manizales. Era outro caso. Meu pai tem uma fazenda grande de café e isso chama muita atenção da guerrilha. Se eles entram na fazenda hoje e dizem: matem essa vaca para nós, tem que fazer. Senão nos matam. Tive que fugir porque meu pai é fazendeiro, ainda é de café e cacau. Todos os filhos dele são homens, são seis homens, mas todos estão fora. Nenhum está ficando com ele, tem quatro que estão na Argentina, eu estou aqui e outro foi pra Costa Rica.

A família de Violeta mostra que mesmo no exílio no Equador, muitos colombianos acabam convivendo entre si e muitas vezes partilhando de experiências similares. Mais para frente será abordado de que maneira os colombianos são tratados no Equador e isso contribui para refletir sobre como relações com os conterrâneos são estabelecidas.

Ernesto comenta que sua chegada ao país foi bastante tensa, pois tinha muito medo de ser pego e deportado para a Colômbia. O medo já existente no país de origem segue operando na vida dessas pessoas e a fala de Ernesto se insere na ideia desenvolvida por RIAÑO-ALCALÁ (2008), que diz:

a complexidade e a dificuldade das circunstâncias de violência na qual as pessoas se veem obrigadas a tomar a decisão de fugir e as vivências de um medo profundo empurraram, no caso de várias pessoas refugiadas em Quito,

a empreender uma jornada pouco planejada a um destino que somente definem no trajeto. (RIAÑO-ALCALÁ, p. 415, 2008) (tradução nossa).

O desconhecimento da proteção internacional e de que o contexto que enfrentaram na Colômbia permite a solicitação de refúgio em outro país é compartilhada pelos entrevistados. O próximo ponto abordará como se deram os procedimentos de solicitação de refúgio.

### 3.6 O PROCEDIMENTO DE SOLICITAÇÃO DE REFÚGIO E A RELAÇÃO COM AS ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS

O desconhecimento dos procedimentos legais e da realidade equatoriana é explícito na fala de Victor:

eu não sabia disso. Primeiro que tinham milhões de colombianos lá. Não sabia que tinham organizações que podiam ajudar colombianos. Nada! Pra mim esse tema foi uma coisa nova. Eu sabia que o Equador era um país irmão da Colômbia, que ficava no sul, um país pequeno. Isso de refugiados e organizações que ajudam, tudo isso foi assunto novo. Na rodoviária do sul, aonde eu cheguei encontrei casualmente uma colombiana. E ela me falou que tinha uma organização, aonde eu poderia ir. Ela me comentou que tinha relação com HIAS<sup>9</sup>. Tu vais pra lá, eles vão te ajudar, eles vão te encaminhar. Daí outro dia eu fui com a minha maleta. [...] Falei mais ou menos pra eles a minha história. Eu estava muito fraco, não estava comendo direito, um monte de dias numa viagem. Eles falaram: nós podemos te ajudar, mas tu precisa ter um cartão. E eu falei pra ela que não tinha pra onde ir. E ela me disse que amanhã eu tinha que ir ao Ministério das Relações Exteriores pra fazer o cartão. Daí ela me falou que eu podia ficar num albergue. Tu ficas lá e amanhã tu vai ao Ministério.

A estada no albergue para Victor não foi algo muito agradável, apesar de estar obtendo um local para dormir, se deparou com uma realidade bastante delicada:

---

<sup>9</sup> HIAS – *Hebrew Immigrant Aid Society*, organização não governamental que mantém convênio com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) para acolher os refugiados no Equador.

a maioria lá é de colombianos e também pessoas de rua. Imagina pra mim o assunto era desconhecido, imagina! Pra guardar as coisas, tinha armários, mas eu tinha que conseguir um cadeado. Estava muito frio, a comida era muito ruim, pra mim era muito ruim, eu passava no banheiro. Mas depois fiquei sabendo, eu comecei a fazer amizades com as pessoas que trabalhavam lá e quando chegavam as compras do mercado, eles me davam as coisas melhores. Lá não tem elevador e eu ajudava a subir as compras quando chegavam e eles me davam as coisas melhores, alguma fruta. Porque eu sabia que tinha que ter uma alimentação melhor, mas adequada.

Sua estada no albergue durou cerca de 20 dias. Durante o dia ia fazer a documentação, fazer as entrevistas de solicitação de refúgio no Ministério de Relações Exteriores do Equador e frequentava a terapia psicológica na HIAS. Sobre o pedido de refúgio, conta que:

no Ministério tu vais pra pedir o refúgio. Tem uma fila enorme, eu tinha muito medo. Eu saí da Colômbia por causa daquele conflito e chego lá tá cheio de colombianos. Tu estás saindo de uma coisa pra entrar na outra, o medo é muito grande, tu estás rodeado de pessoas, tu ficas desconfiando de cada um. Se me perguntavam, eu falava: estou aqui, cheguei, vamos ver... não tinha como comentar nada. Daí lá tem uma pequena entrevista, essa entrevista foi curtinha. Tu saís de lá com um cartão. Na HIAS perguntam as coisas mais detalhadas, porque, quais os motivos que eu saí de lá. Vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, vamos procurar emprego. Cada vez era uma pessoa. Tinha umas pessoas que se encarregavam de avaliar sua história, indagar, eram os entrevistadores. Além disso, tinha assistente social, que perguntava como que tu estás, como tu estás se sentindo. Além disso, tinha uma pessoa encarregada da parte de trabalho, fazer currículos, avaliar. Um dia me ligaram de lá e disseram que eu tinha que ir às Nações Unidas, nesse endereço, dia tal, com essa pessoa. A entrevista no ACNUR é com muita pressão, as pessoas de lá acho que são mais profissionais, eles sabem muito. Lá têm que falar, eles vão perguntando tudo: por que, por que, por que, por que... do lado tinha um copo de água grande, porque as pessoas têm que falar tanto que por isso eles já deixam ali pras pessoas irem tomando.

O processo de Maria não foi demorado e, tanto ela quanto sua família tiveram apoio para tramitá-lo. No entanto, observa sobre o desempenho dos trabalhadores humanitários: *“nesses tipos de cargos assistenciais devem ter o sentido da humanidade. O tratamento deixou muito a desejar. Mas, no fim isso faz parte da luta, encontrar com essas coisas”*.



Já o processo de Violeta foi bastante demorado, como conta:

imagine que só depois que recuperei a minha filha e ela chegou ao Equador, dois anos depois que eu já estava e eu ainda não tinha conseguido o visto de refugiado. Eu procurei o ACNUR e conheci uma funcionária que é estadunidense e falei para ela que a minha filha tinha sido sequestrada. Quando pegaram minha filha, sabe, a polícia me entregou ela e eu passei com ela pela fronteira, pois ela não tinha nenhum documento. Ela chegou doente, passou por psicólogos, todas essas coisas. Ainda assim, só um ano depois que conseguimos refúgio. Três anos, esperamos três anos. Imagina! E quando começou o esquema de 50.000, 10.000 vistos, todos os que chegaram receberam<sup>10</sup>. Deram-nos colchonetes, coisas de cozinha. Todo mês, duas cestas básicas. É obrigatório, durante seis meses não fui, quando voltei me deram todas as mercadorias desse tempo. Porque é uma obrigação deles entregar e receber assinatura. Na verdade, nós lá não necessitávamos.

A familiaridade de Ernesto com algumas questões desconhecidas pelos demais entrevistados também é verificada no tema do refúgio:

desde o momento em que saí da Colômbia, sabia o caráter do ACNUR e que a única possibilidade de conseguir o status de refúgio era através dele. Entrei em contato com esse organismo diretamente na cidade de Ibarra, ao norte de Equador, onde fiz a solicitação de refúgio. A situação veio a melhorar e ficar um pouco mais calma quando consegui fazer a solicitação de refúgio, o qual me brindava com a legalidade temporal. Não fui acolhido por nenhuma ONG, e tampouco estabeleci contato algum com as ONGs que trabalham em parceria com ACNUR no Equador. Existia uma pequena ajuda econômica para as pessoas em condição de refúgio, administrada por uma ONG chamada HIAS, que trabalhava em parceria com ACNUR, mas preferi não utilizar essa ajuda, pois não tive boas referências dessa ONG encarregada de administrar os recursos do ACNUR para os refugiados. Meu pedido de refúgio foi rápido, demorou aproximadamente três meses para que o Ministério de Relações Exteriores do Equador aprovasse minha solicitação. Obviamente não foi fácil, sobretudo pelo relacionamento que tive com os funcionários do ministério, que era bastante tenso. Porém, normalmente os processos de pedido de refúgio no Equador demoravam muito mais. Tinham pessoas que levavam até três anos esperando uma resposta de aprovação ou de desaprovação.

Na pesquisa de VILLA (2008) sobre os mecanismos de refúgio no Equador, os refugiados colombianos também mencionaram a quantidade de entrevistas as quais devem se submeter para encaminhar os pedidos de refúgio e benefícios por

<sup>10</sup> A entrevistada se refere ao “Registro Ampliado” que foi uma mobilização do governo equatoriano para registrar e conceder de maneira mais rápida o *status* de refugiado, aos solicitantes de refúgio, ocorrido entre 2009 e 2010. Maiores informações podem ser obtidas em: <http://www.flacsoandes.org/web/imagesFTP/13680.SIMA2.pdf>. Acesso em: dez 2010.

parte das ONGs responsáveis por sua acolhida. Além disso, e não menos importante também se refere ao desconhecimento sobre o direito a solicitar refúgio. Esses elementos são importantes para compreender tanto a condição dessas pessoas no país, quanto à reação dos nacionais e mesmo das instituições estatais para com eles. O próximo ponto desse capítulo se encarregará de discutir esse aspecto.

### 3.7 O SIGNIFICADO DE SER COLOMBIANO NO EQUADOR: A RELAÇÃO COM A POPULAÇÃO E AS INSTITUIÇÕES

Victor não teve contato com outros colombianos, pois teve que ficar sempre escondido e isolado no Equador. Já Maria revela que, tanto ela quanto sua família, *“[...] controverso por parte da população. A maioria nos tachava de narcotraficantes e prostitutas. Alguns poucos, mas significativos, foram muito, muito especiais na sua solidariedade e apoio”*.

Já a fala de Violeta foi bem mais explicativa e contundente sobre o tratamento que receberam:

em todo país, aqui ou lá, todos têm preconceito: “tem pó branco”, “tem maconha”, “colombianos ladrões”, “narcotraficantes”, preconceito de nós. Eu não sofri preconceito por ser mulher, porque na verdade conheci gente muito boa. Na verdade o que acontece é o que acontece em todo país, tem muita mulher sem-vergonha. A discriminação que tem no Equador contra a mulher colombiana, pois há uma cidade chamada Pereira e desta cidade saíram muitas mulheres para trabalhar na prostituição e as mulheres equatorianas pensam que somos todas de Pereira. A maioria dessas mulheres enrolavam os homens. Elas iam pra lá e usavam seus corpos e enrolavam os homens. Não tive problemas, depois que as pessoas me conheciam daí viam que não era. Mas contra os homens têm muito preconceito sim, dizem que são ladrões, narcotraficantes. Há uns dois anos atrás, quando já estava aqui, aconteceu um crime em Salinas no Equador. Uns colombianos emprestavam dinheiro naquele lugar, eles desceram de uma moto e viram um senhor com uma maleta cheia de dinheiro. Esse senhor caiu e esses colombianos foram ajudá-lo e quando o senhor escutou pelo sotaque de que os rapazes eram colombianos, começou a gritar. Sabe que todas as pessoas se uniram e queimaram os dois. E eles não tinham nada que ver, eles só queriam ajudar aquele senhor. E como no Equador a justiça é feita pelas mãos. Em Quito também, um rapaz também morreu assim. Ele era colombiano e foi pegar um celular numa loja e também o queimaram. O governo não faz nada. Se lhe pegam roubando, se lhe pegam emprestando dinheiro, todos esses têm que

pagar uma propina a polícia equatoriana. Aqui a polícia é mais rígida. No Equador não, é uma máfia também. Queimaram também uma senhora que dormiu com um homem. Acontecem coisas terríveis lá.

Tal tratamento preconceituoso também é mencionado por Ernesto:

havia por parte de alguns cidadãos equatorianos manifestações de xenofobia, que chegaram a se concretizar em casos extremos. Existiram casos onde colombianos foram mortos tanto por policias como por cidadãos equatorianos, por motivos explicitamente xenofóbicos. Existia uma enorme recusa aos colombianos, tanto de algumas instituições como pessoas. Porém também conheci pessoas equatorianas que tive uma boa relação com elas. Contudo, existia uma tensão muito forte pelo fenômeno da xenofobia que existia no Equador particularmente contra colombianos.

O entrevistado relata que nunca quis procurar emprego formal no Equador, que trabalhava com artesanato e assim podia sobreviver. Sobre os direitos aos quais tinha acesso no Equador e o medo que continuava sentindo estando lá:

nunca senti que tinha uma igualdade de direitos e oportunidades no Equador. Na realidade, penso que nunca se tem igualdade de direitos e de oportunidades nem no país próprio de origem, nem no país onde se é estrangeiro. No caso de Equador esses direitos eram muito limitados, pra não dizer inexistentes. De certa forma me amedrontava o Equador, pela insegurança que tinha em suas fronteiras, tinha muito fluxo de colombianos. Além disso, existiam indícios claros de que corpos de segurança do Estado colombiano, como o DAS (Departamento Administrativo de Segurança) estavam infiltrados no Equador, fazendo trabalhos de escuta e de espionagem e compilando informação sobre alguns colombianos que estavam como refugiados. Essa situação me preocupava bastante.

O impacto que o fluxo massivo de colombianos tem no Equador é bastante grande, ficando expresso nas impressões dos entrevistados. Mesmo sendo um país vizinho, parece que o tratamento dispensado aos cidadãos colombianos era bastante hostil e discriminatório, tanto por parte da população local, quanto das instituições estatais (ilustrado pela atuação da polícia naquele país, como alguns se referiram). O medo, concebido nesse estudo como parte do processo de socialização dos indivíduos, segue operando no país de refúgio e a fronteira entre os países não é uma garantia de proteção. O próximo ponto abordará como as ameaças são transpostas da Colômbia para o Equador.

### 3.8 A AMEAÇA ATRAVESSA A FRONTEIRA E O MEDO VOLTA A RONDAR

Victor estava havia poucos dias instalado no albergue, quando aconteceu o seguinte evento:

um dia no albergue me ligaram e disseram que eu tinha que arrumar as minhas coisas e que iam me buscar. Disseram que era pra ficar tranquilo, era dezembro de 2010. Disseram que eu tinha que arrumar as minhas coisas, que não fizesse perguntas. [...] Vai um carro aí te pegar. Eu fui no carro apavorado. Acho que o motorista tinha experiência nisso. Fui pra um hotel, a mulher que me atendeu já sabia de tudo, me deu as chaves do quarto, disse os horários das refeições e fiquei num quarto bem no fundo. Eu estava apavorado, não entendia o que ela dizia. Era em Sangolqui, fica perto de Quito, uma hora. Fiquei uns 2, 3 meses lá. Depois fiquei em outro hotel. Eles me diziam pra ficar tranquilo. Eu ficava lá fechado. Era horrível, eu chorava [...] me visitavam, mas se vinham hoje, só voltavam depois de 15 dias. Eu não tinha com quem falar. Tanto que até hoje me lembro disso.

Victor somente soube que a mesma ameaça da Colômbia tinha lhe encontrado no Equador depois que já estava em um local seguro. No caso de Maria e sua família, um familiar foi ameaçado e teve que contar o paradeiro:

fomos encontrados pelos paramilitares por meio de um familiar que sabia onde estávamos. Sequestraram eles e a sua família e o obrigaram a os levar para o lugar onde estávamos. Creio que o medo é uma marca que infelizmente os grupos conseguem deixar nas nossas vidas. Bom, não tínhamos a permissão para trabalhar e diziam que se fizéssemos isso seríamos deportados ao nosso país por infringir as leis. Não sei como se poderia chamar isso que não medo.

A entrevistada retoma novamente o tema do medo impingido pelos perseguidores para explicar sua situação no país de refúgio. A falta de acesso ao mercado de trabalho auxiliava a majorar tal sentimento. No caso de Violeta, Jose e Alejandra, a vida no Equador estava tranquila e a retomada das ameaças foi um choque:

nós estávamos muito seguros. Não faltava nada, lá se formou algo como uma Colômbia pequena. Chegamos a ter tanta confiança, que um dia a perdemos. Tínhamos tudo e um dia acabou tudo. Lá no Equador nós perdemos tudo, casa, moto, carro [...] tudo. Nós não ficamos loucos por puro milagre, um dia você tem tudo e no outro dia, nada. Foi tão difícil, ainda até o dia de hoje não acredito. Sabe que às vezes parece que estamos dormindo? É uma coisa que dói ainda, que nosso corpo não se acostumou. Esse dia estávamos indo renovar o visto, já que lá se troca todo ano. Estava de carro com o meu esposo indo para Cuenca fazer isso e, já havíamos recebido umas ligações, sabe? Perguntando pela minha filha. No dia anterior já tinham ido em casa perguntar por ela. Ela saía cedo de casa e ficava até tarde, porque saía com as amigas. Ela fazia aulas todo dia, fazia enfermagem. Nesse dia em Cuenca, quando chegamos de volta a casa quando uma amiga ligou pra mim, contando que tentaram levar suas duas filhas pequenas. E ela se colocou a chorar e machucaram ela toda, deram golpes na cabeça. Graças a Deus morávamos nesse lugar que tinha muita gente que gostava de nós. E ela gritava muito. Lá sim, saem com paus e facas se tem um ladrão. Correm e os matam, os queimam. Isso foi bom. A minha amiga se abraçou nas meninas e eles foram embora depois que viram tanta gente vindo. Ela me ligou do hospital e disse que tinham perguntado o tempo todo pela minha filha. Nossa, não acreditei. Chegamos em casa e meu marido pegou a moto e foi atrás da minha filha no colégio. Ele parou na padaria para comprar uns pães e levou minha filha na casa de uma senhora conhecida. Chegou em casa sozinho para disfarçar. Saímos no mesmo dia de casa. Só minha filha não, pois esta senhora a levou para uma cidade chamada Quevedo. Ficamos sem ela por cerca de vinte dias. Nós estávamos em Cuenca escondidos num hotel, estressados. Tentando solucionar algo, deixamos tudo pra trás. Sim. Pois em Cuenca nos encontraram, estávamos no terceiro piso de um edifício e chegaram perguntando pelos colombianos. E mandaram um carro da Cruz Vermelha a uma da manhã e nos levaram pra Quito. Fomos pra uma fazenda em Quito, depois um hotel.

Diferente da experiência de Violeta e sua família, que estavam experienciando um clima mais calmo em Guayaquil, Ernesto continuava temendo represálias, mesmo estando em outro país:

tive um leve temor de continuar sendo perseguido. O Equador não era um país seguro naquele momento, a conjuntura política que havia entre os dois países era tensa e existia uma constante instabilidade e insegurança, o que me deixava com uma constante preocupação. Nos primeiros meses não senti tanto medo de ser perseguido. Mas aconteceu uma situação que me obrigou a ter que sair novamente. Fui alvo de uns disparos na rua perto do lugar onde morava, por indivíduos desconhecidos. Novamente um estado de incerteza foi colocado para mim, que me obrigou a sair de lá. Tive pouca relação com pessoas colombianas por motivos de segurança. Existia bastante desconfiança pela conjuntura daquele momento. Assim, o melhor que podia fazer era minimizar meu vínculo com pessoas de meu mesmo país. Não tive contatos duradouros ou permanentes com os outros colombianos que se encontravam no Equador.

De acordo com as vivências e as trajetórias dos entrevistados, tanto no Equador, quanto no seu histórico de perseguição prévio no país de origem, é que as falas são construídas. Alguns sentiam uma tranquilidade em estar no Equador e não cogitavam que teriam de sair de lá, já outros continuaram tendo temores de continuidade da perseguição. Neste momento, as ameaças previstas ou não pelos entrevistados, já foram consumadas. O próximo ponto vai abordar como se deu o contato com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e a possibilidade de reassentamento em um segundo país de asilo.

### 3.9 O CONTATO COM O ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS E O PROCESSO DE REASSENTAMENTO EM UM SEGUNDO PAÍS DE ASILO

A continuidade da perseguição no Equador vem de encontro com a observação de VILLA (2008) sobre as projeções e perspectivas de vida dos refugiados nessa situação:

o futuro, para a grande maioria, não é animador, diante da impossibilidade de retornar e das precárias condições de integração, a única esperança parece ser a de serem reassentados pelo ACNUR em outro país. (VILLA, 2008, p. 113) (tradução nossa).

E pode ser complementada tal fala com o fator mais amedrontador de tal contexto, que é a já citada continuidade da perseguição. Victor incorpora muito tal temor e assim descreve os fatos que o levaram a ir para um terceiro país:

em outro dia eu fui ao ACNUR e falaram. Eu tinha ficado mais apavorado ainda. Depois fui numa entrevista numa casa de grades verdes e falaram que poderiam começar um processo pra ir pra outro país. Mas que dependia se um país aceitasse. O ACNUR disse que o único país do Mundo que aceitaria uma pessoa com minha condição é o Brasil. Se tu falar sim, podemos continuar com o teu processo. Se tu falar não, tu vai ficar no Equador por tua conta. Eu falei para ela: como assim? Ela falou que não tinha garantias lá, que não podia fazer mais nada. Eu só chorava. Ela me disse que era minha decisão. Tinha uma psicóloga junto. Eu pedi um momento para falar com ela: como assim, o que vou fazer? Daí ela começou a falar, sobre mudar de país, começou a lavagem [...] não a lavagem, mas começou a falar que eu não

tinha outra opção, não tinha outra opção. Eu disse que sim, não tinha como. Daí depois eu entrei em pânico e disse: não quero ir para lá! Cheguei ao quarto do hotel e pensava: o que eu vou fazer? Eu pensei vou ligar pra eles, vou ligar e vou dizer que não. Eu liguei e disse pra ela: não. Ela disse: volta aqui e vamos conversar. E eu disse: então tá, vamos conversar. E disse pra ela: então, a única coisa que eu quero é que seja rápido. [...] isso foi em fevereiro de 2011. E cheguei aqui só em julho. Foi um processo, eu entrava em choque. Na última parte do processo que eles falam pra onde que tu vai. Sim, eu sabia que era Brasil, mas Brasil pra onde?

O temor inicial de Victor que consistia em aceitar ou não o reassentamento no Brasil se converte em um novo tipo de apreensão, ser ou não aceito por um país que era apresentado como um tipo de salvação para sua vida:

imagina para mim, tinha medo de não ser aceito. Eu estava isolado na montanha e a pessoa da OIM<sup>11</sup>, que organizava a viagem, disse: para voar você tem que ter duas malas de 30 quilos cada uma. Ela falou como se fosse uma viagem de férias. E eu disse: olha, eu estou aqui isolado e eu só tenho uma mala, como vou fazer? E ela: não sei. E pensei vou falar com HIAS, imagina, como que eu ia conseguir mala? Mas aí, uma pessoa do SJR que ajudou, que conseguiu a mala para mim. Ele me deu apoio, ele sempre ia lá pra saber como eu estava, comprava frutas pra mim.

O processo de reassentamento da família de Maria foi de emergência, mas mesmo assim foram entrevistados pela missão brasileira. Conta que não tiveram opção de escolher o país, já que sendo de emergência a “opção” era o país que estivesse disposto a recebê-los. Já o processo de Violeta foi diferenciado, pois a Argentina foi colocada como alternativa antes do Brasil:

primeiro queriam nos mandar para Argentina, para La Plata. Mas a Argentina não dava nenhuma resposta, daí o Brasil mandou a resposta. É uma coisa tão estranha, algo que você não quer. Quando se quer ir viajar, você está preparado. Ou quando escolhe ir morar no Canadá, você está preparado. Mas nós não. Um dos meus filhos não queria ir, todos tinham namoradas. Tinham uma vida. A namorada desse meu filho me ligava e queria que eu dissesse por que, por que se estava acabando com o namoro deles. Eu não sabia o que dizer, não podia. Ele fugiu do hotel e imediatamente o ACNUR nos tirou de lá. Sem ele, ele não atendia o celular. Quando ele chegou na casa da namorada, ela avisou que tinham procurado por ele e ele se deu

---

<sup>11</sup> A OIM – Organização Internacional das Migrações é quem custeia as viagens dos refugiados para os países de reassentamento.

conta de que as coisas eram de verdade, que não era brincadeira. Ele voltou. Ele chorou muito.

Após o episódio em que dispararam tiros contra Ernesto perto de sua casa, foi iniciado o seu processo de reassentamento:

a minha solicitação de reassentamento foi feita através de um funcionário da ONU, que conheci em Quito, que foi quem agilizou para eu conseguir sair do Equador. Meu caso foi de urgência, assim que não tinha possibilidades de escolher para onde ir e a opção mais imediata era o Brasil. Uma comissão tripartite me entrevistou e em pouco tempo decidiram conceder-me o status de refugiado no Brasil.

O processo de reassentamento dos entrevistados foi iniciado por conta de ameaças reais contra suas famílias no país de refúgio, o Equador. Assim o sentimento de temor no ciclo do refúgio, seguiu operando e ditando o futuro mesmo em uma situação que se pretendia definitiva. A necessidade do recomeço em um terceiro país, com uma realidade mais diferenciada em termos linguísticos e culturais do país de refúgio, confere à viagem ao Brasil como o início de mais uma jornada. No próximo ponto, será discutida especificamente a chegada ao Brasil e a acolhida da ONG de reassentamento.

### 3.10 CHEGADA AO BRASIL E A RELAÇÃO ESTABELECIDADA COM A INSTITUIÇÃO DE ACOLHIDA: CONFIAR OU NÃO?

O processo de reassentamento traz consigo diversas questões a serem enfrentadas pelos refugiados, especialmente no que diz respeito ao primeiro ano:

a jornada da migração forçada e o primeiro ano de reassentamento em um país linguística e culturalmente diferente refletem um momento transitório e fundante em termo de lugar (geográfico e social) e da possibilidade de reconstrução de um plano de vida e um "lugar", pois estão sendo negociadas as maneiras de relacionar-se com o passado e com as identidades sociais. (RIANO-ALCALÁ, p. 421, 2008) (tradução nossa).



Victor é enfático quando resume tal processo: *“a chegada é um choque. Justamente por confiar, que estou aqui hoje. Então não posso mais confiar.”* Sobre o tipo de atenção recebida pela ONG e a relação estabelecida com os brasileiros, reflete:

eu sempre vou falar que a equipe da ASAV é uma equipe que faz muitas coisas, que não podem estar o tempo todo acompanhando as pessoas. Até porque eu sei que não sou a única pessoa, cada um tem que entender. Mas o ruim de tudo isso é que as pessoas aqui são muito fechadas e têm muita curiosidade para saber de ti. Como eu vou falar, algumas pessoas ficam bem, outras não, quando sabem que sou refugiado.

A chegada de Maria é descrita de maneira esperançosa:

outra história começando, nos esperavam no aeroporto com sorrisos e abraços de boas-vindas. De novo com a incerteza, mas com a diferença de que estava acompanhado de tranquilidade e apoio governamental. Deram-nos a documentação. As aulas de português foram curtas e não adequadas.

Violeta rememora os fatos da saída até a chegada, além de algumas constatações sobre as características da população local:

a demora foi que aceitasse, depois que aceitaram, viajamos depois de cinco dias, por conta do passaporte. E viajamos dia 17 de maio de 2010 às seis da tarde. Todas as pessoas que olhamos, achamos que eram parecidos conosco. Era uma confusão, psicologicamente isso mata as pessoas. Todas as pessoas pareciam colombianos, vocês são muito parecidos com nós. Lá no Equador éramos bem diferenciados, eles eram mais indígenas, com o cabelo bem liso. Bem morenos, negrinhos, baixinhos. Bem diferentes de nós. Aqui no Brasil não. Daí todos que olhamos desconfiávamos, mas quando falavam português víamos que não eram colombianos.

A descrição da chegada ao aeroporto já dá sinais de que o “clima de medo”, que durante a vida em Guayaquil parou de operar, com a segunda situação de perseguição voltou mais forte para Violeta e sua família. Os sentimentos que permearam a viagem de vinda são descritos por ela:

ficava com muito medo, tive muita dor de cabeça no avião. Fomos ao Peru, depois São Paulo, depois aqui. Quando chegamos aqui, não sei dizer o que sentia. Nem na minha cama me sentia bem. Todas as camas são diferentes, mas até hoje não nos sentimos bem na cama. Porque é uma mudança, uma mudança de um dia estar bem e outro dia não estar. E ainda até hoje não nos sentimos a vontade na cama, a sua cama devia ser agradável. No trabalho nós vivemos bem, vivemos bem, mas são outras coisas, sabe? Quando vim para o Brasil estava fazendo um tratamento, pois queria ter um filho com o meu esposo, e sabe que desde que cheguei aqui não pensei mais nisso. Todos os sonhos são roubados tão fácil, sabe? Como se todos os sonhos desaparecessem. Eu não lembro que sensação sentia vindo para o Brasil, como confusa. Sentíamos-nos todos não apropriados nos primeiros dias. Não sei como explicar, essa sensação não sei. Como quando você tem sonhos, sabe? Parecia que estava sonhando. Meu esposo crê em reencarnação, então é como destino, sabe?

O momento em que estas coisas foram ditas na entrevista de Violeta, não contava com a participação do marido ou filha no ambiente. A impressão é que isso serviu para que fossem ditas coisas que precisavam de elaboração, como um desabafo. Violeta é a esposa e a mãe, tem que ser forte e demonstra que não quer incomodar os demais membros da família com problemas. Então, tal momento serviu para que falasse realmente o que se passa por sua cabeça e coração. Além de ter sido um momento importante em que sonhos já esquecidos foram reavivados.

Ernesto comenta sobre sua chegada e os primeiros meses de vida no Brasil:

minha chegada ao Brasil foi boa me senti um pouco mais tranquilo, apesar de não ter uma absoluta confiança, dadas às experiências anteriores. Meus primeiros meses foram principalmente de adaptação, tentei ao máximo me adaptar a mudança cultural e linguística. Os documentos demoraram um pouco, mais tinha documentos provisórios. Fiz umas aulas de português que me serviram um pouco, embora, não eram suficientes para uma adaptação linguística que se fazia.

A chegada em um terceiro país é permeada por diversos sentimentos, desde a esperança até a desconfiança. Os entrevistados demonstram estar cientes de que é uma terceira tentativa de viver com tranquilidade, no entanto, pode ser tão transitória quanto as demais. O sentimento de medo que carregam ao mesmo tempo os mobiliza e os faz buscar possibilidades para seguir vivendo, mas também os deixa cansados. Fazendo-os questionar até quando terão forças para continuar

buscando uma vida calma e tranquila? Como na Colômbia e no Equador, os entrevistados tiveram que se deparar tanto com a relação com seus compatriotas e todas as benesses e dificuldades que isso trouxe, quanto com as instituições do Estado e suas falhas nos direitos mais básicos. A experiência no Brasil com tais questões será o tema do próximo ponto.

### 3.11 EM BUSCA DE TRANQUILIDADE: A RELAÇÃO COM OUTROS COLOMBIANOS NO BRASIL E COM AS INSTITUIÇÕES DO ESTADO

O trecho da entrevista de Victor sobre essa temática fez com que ele tocasse em diversas questões, como segurança, trabalho, relação com outros colombianos, vida social, além de uma importante reflexão sobre sua nacionalidade:

sinto-me mais seguro porque agora estou bem mais longe. E como eu trabalho longe de casa, me sinto seguro, pois é um lugar fechado, mas não vai ser meu lugar para sempre. Mas a gente tem que fazer escolhas, pra tu te sentir tranquilo. Mais do que para as outras pessoas, mas contigo mesmo, tem que ter a capacidade de fazer escolhas pra tua vida. De colombianos, só conheci a pessoa que me entrevistou<sup>12</sup> e um colega da empresa. Um dia estava numa *lan house* e ouvi uma pessoa colombiana falar e eu fiquei bem quieto. E eu nem consigo fazer uma vida social com as pessoas daqui, eu perco quatro horas do meu dia me deslocando para o trabalho, mais oito trabalhando e fazer as coisas da casa. E no sábado, que seria o dia que poderia sair, eu tenho que ficar fazendo as coisas da casa. Então minha vida social, praticamente não existe. Fora um fato que aconteceu, um amigo na frente de várias pessoas disse que eu era refugiado e não quis mais sair com eles. Fora que as pessoas sempre ligam colombianos com drogas. Estava pensando em mudar de nacionalidade, falar que sou de outro país seria mais fácil pra mim. Aquela coisa dos colombianos, que sou traficante, faço parte da FARC, por que estou fugindo. E, ainda mais no mundo *gay*, que é muito fechado, mundo pequeno. Se a informação é mal manejada, é um problema para uma pessoa como eu. Eu fico mais sozinho então. Mas a minha vida não pode ser isso.

Victor se sente seguro, mas ao mesmo tempo explica sobre uma possível entrada de colombianos facilmente no Brasil e demais países da América do Sul e seu temor diante disso:

---

<sup>12</sup> Victor foi entrevistado por uma doutoranda em Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nascida na Colômbia.

eu vi uma notícia que o Uribe, o ex-presidente da Colômbia, que combateu esses grupos e todos querem a cabeça dele, ele ia dar uma conferência na Argentina num teatro bem importante. E encontraram no teatro uma bomba, foram os funcionários da limpeza que encontraram. O pessoal que estava fazendo a limpeza encontrou a bomba lá. Depois disso tive medo, porque eles podem atravessar a fronteira. Imagina que todo o povo da América Latina pode viajar e entrar nos países. Quando eles falaram que eu vinha pro Brasil, também falei que tinha medo disso, por causa da proximidade. E também que colombianos virem pro Brasil era muito fácil. Eu tenho medo por causa disso.

Maria diz que se sente segura no Brasil, que não se sente ameaçada, mas que tem bem presente que tudo pode acontecer. Sobre a aproximação com outros colombianos, demonstra possuir uma visão positiva sobre isso, atentando sempre a origem das pessoas: *“sempre sabendo bem sobre a procedência, posso sempre brindar com uma palavra de ânimo sem problemas”*. Sobre sua nacionalidade é um pouco temerosa em revelá-la: *“meu coração grita Colômbia! Mas a razão prefere evitar dar a resposta”*.

Violeta conheceu outros refugiados reassentados colombianos no Brasil, mas procura ter uma relação distante:

umas pessoas nos convidaram para ir a casa deles, pensamos em ir mais depois desistimos. Não nos sentimos à vontade, não sentimos uma segurança. Têm outros colombianos que conhecemos aqui, mas não temos muito contato. Estava bem no Equador e aconteceu tudo aquilo e não queremos isso de novo.

Sobre as questões trabalhistas no Brasil, Violeta faz uma crítica:

agora estamos sobrevivendo. Agora trabalhamos com costura em casa, mas é um problema, porque aqui ninguém gosta de costurar. Ofereci-me para ensinar, mas nada. Aqui o problema é o Governo, eles colocam leis muito duras. Para os trabalhadores são boas, mas para os patrões não. Para assinarmos carteira é muito custoso. Eu conheço uma senhora que tem trinta empregadas. Das trinta, cada dia faltam cinco, quatro, seis. Nas segundas-feiras falta quase a metade e colocam atestados. Qual é o problema? É que vão ao SUS e lhes dão atestado, me dói aqui, me dói ali e ganham atestado.

Assim a empresa quebra. Se em todas as segundas-feiras faltam muitas, quebra. Na Colômbia a gente paga por produção. Se você trabalha, ganha, se não trabalha, não ganha.

Já Ernesto é bastante objetivo e franco sobre sua relação com outros colombianos:

sou um pouco cuidadoso com meu relacionamento com colombianos. Agora conheço alguns, tenho pouco relacionamento com eles. Eles não conhecem qual é minha real situação. Quando me relaciono com eles, a minha relação é de outro tipo, nunca falo os motivos pelos quais estou aqui.

Acerca da nacionalidade, Ernesto diz: *“sempre que me perguntam qual é minha nacionalidade, respondo que sou colombiano, não me incomodo com isso.”* Tal declaração pode ser interpretada tendo em mente que a sua vinculação à luta social no país de origem buscava uma Colômbia melhor. Assim, seu amor pelo país de origem justifica sua trajetória.

Após a chegada, o momento inicial de ambientação e reconhecimento do local, os questionamentos sobre a transitoriedade ou não da situação são feitos. O próximo ponto irá abordar a vida no Brasil e o futuro dos entrevistados.

### 3.12 A VIDA EM SOLO BRASILEIRO: TRANSITÓRIA OU DEFINITIVA?

A vivência de um ciclo tão turbulento, por conta da perseguição no país de origem pode fazer com que as vítimas desse processo tenham dificuldades em se estabelecer no local pretensamente permanente.<sup>13</sup> Tal permanência é incorporada por Victor, como demonstram suas palavras:

---

<sup>13</sup> A princípio, com o apoio do ACNUR, não há possibilidade de uma nova mudança de país. Isso só seria justificado, se houvesse perseguição no país de reassentamento.

agora eu estou aqui no Brasil, eu tenho que fazer com que a minha vida no Brasil seja como eu quero, seja da maneira que eu quero. Então, esse ponto que vai acabar digamos que é importante, porque tenho que mudar meu pensamento, tenho ver como vou fazer pra viver nesse mundo que agora faz parte da minha vida. O mais importante é conseguir fazer as coisas que eu quero. Trabalho com algo que deixou de ser minha área há muito tempo. Todo dia eu penso: força, força, força pra conseguir o que eu quero. Pelo menos até hoje tentei fazer tudo certo. Queria ter uma prova no Brasil de experiência, então com a carteira de trabalho assinada consegui isso. Aprender um pouco mais o português [...] fui avançando nisso também. Mas pra falar o português tem que falar, tem que ter uma vida social. E isso infelizmente até hoje não tive. No trabalho não falo, na rua não falo. E quero buscar outras coisas, outro trabalho. Eu não sou uma pessoa conformista, não sou conformista.

Victor sabe que sua vida precisa ser reconstruída no Brasil, no entanto, não nega a saudade de quem ficou para trás:

falo com a minha mãe pelo telefone. Ela mora na Colômbia. Eu queria que ela viesse, já que estou sozinho, quando eu tiver com um emprego melhor ela pode vir. Para ela vai ser mais difícil ainda a questão do idioma e para mim já é difícil, mas pra uma pessoa mais velha é pior. Eu quero estar numa situação boa, pra poder responder por tudo. Eu sou de uma família grande, meus irmãos estão todos casados. No dia das mães, aniversário dela, para mim é ruim, muito ruim.

A fala de Maria sobre a vida no Brasil é centrada na finalização de um ano de assistência financeira do Programa de Reassentamento e na tranquilidade que conquistaram no Brasil:

no fim da assistência financeira do programa não estava muito tranquila, tinha trabalho que dava para sobreviver. Mas não era suficiente, pois o nível de vida na minha cidade é alto, como mãe solteira com filhos. Os vizinhos sempre nos levavam a nossa casa comidas, roupas. E isso é muito, na verdade, a ajuda das pessoas solidárias que nos conhecem e sabem como é o nosso dia-a-dia. Algumas vezes no trabalho, nosso desempenho é diferenciado e algumas pessoas se sentem ameaçadas, de que vamos tirar seus lugares. Mas temos que nos virar. Sinto-me melhor psicologicamente, mas não são. Mas isso acredito que nunca estarei. Estamos muito tranquilos aqui, graças a Deus não existem ameaças. Não temos sensação de medo, mas na vida tudo é possível, isso eu tenho bem presente. O bendito temor, o medo sempre vai existir.

Violeta mescla em sua fala medo e confiança na vida no Brasil:

um dia recebemos uma ligação de alguém que queria falar com a minha filha aqui, era alguém de um jornal. Mas sabe que essa pessoa foi bem ruim para falar. E ficou perguntando se havia mais colombianos aqui e não deu mais explicações. Sentimos-nos como se tivesse retrocedido, como se tivessem nos encontrado. Até hoje meu filho não se recuperou de ter que deixar o Equador e não é porque o Brasil tem lhe tratado mal, não. Não eram sonhos, não eram ilusões que tínhamos. Temos que seguir adiante. Quando me disseram que havíamos sido selecionados para o Minha Casa, Minha Vida<sup>14</sup>, eu senti tanta felicidade. Porque eu queria algo para eles, que eles lutem por eles, por um futuro, sabe? A nossa vida é aqui, minha filha vai casar.

O fim da assistência financeira do Programa de Reassentamento também foi pauta da fala de Ernesto sobre a vida no Brasil:

não consegui ficar tranquilo depois que se acabou a ajuda financeira do programa. Afortunadamente minha situação era diferente à de outras pessoas que dependem dessa ajuda, pois sou uma pessoa sozinha e não tenho responsabilidade aqui com outros, não tenho família pela qual tenha que responder. Isso me deixou um pouco mais tranquilo, embora continuassem muitas dificuldades econômicas.

Sobre uma possível continuidade das ameaças, reflete:

aqui não tenho sentido ameaças até agora afortunadamente. Porém não seria impossível que sofra um novo tipo de ameaça contra minha vida, finalmente minha perseguição é por parte do Estado Colombiano e é de caráter político, diferente de outros casos e de outras situações de pessoas que tem que sair do país. Estou um pouco mais tranquilo, não sinto ameaças próximas, porém não quer dizer que esteja plenamente tranquilo. As ameaças que encontro aqui são de outro tipo que as que existiam na Colômbia.

Ernesto fala também sobre as oportunidades que tem aqui e de como seu caso pode ser tomado com uma exceção diante a história de outros refugiados:

meu caso é particular, até agora tenho contado com boas oportunidades e direitos, embora parecesse que essas mesmas oportunidades e direitos não

---

<sup>14</sup> A família foi contemplada com uma residência pelo Programa Federal “Minha Casa, Minha Vida” na cidade de reassentamento.

sejam aplicáveis para outras pessoas que estão aqui no Brasil em condição de refúgio. Ser refugiado é um estigma e não é o mesmo que ser um cidadão, portanto se é excluído de muitos direitos e oportunidades, como acontece com muitos refugiados. Afortunadamente não tenho me sentido excluído e discriminado. Tenho uma boa relação e colaboração com meus colegas e sou tratado com igualdade de direitos e oportunidades que meus outros colegas. [...] Confio nas pessoas daqui, tenho muitas boas amizades que têm me ajudado muito, gosto da cultura e do jeito do brasileiro, é uma cultura interessante. Sinto-me um pouco melhor, estou retomando minha vida, continuando com minhas perspectivas, não estou de uma maneira plenamente feliz, mas estou mais tranquilo. Não estou numa cadeia nem morto que era o que me esperava caso tivesse ficado na Colômbia.

As reflexões acerca da vida no Brasil reúnem um misto de esperança no futuro e um senso de realidade bastante grande, isto é, o conhecimento que acumularam acerca do local de reassentamento faz com que consigam projetar seus futuros sem idealizações, sabendo os limites do que esperar e garantindo a resolução de problemas de ordem prática. Logo, a adaptação em outro país não exclui de sobremaneira o esquecimento da terra natal e todos os sentimentos que envolvem tal situação. O próximo ponto abordará de que forma os entrevistados enxergam a Colômbia e o que pensam sobre seus futuros.

### 3.13 A COLÔMBIA QUE SOBREVIVE NA MEMÓRIA E NO CORAÇÃO: SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS FUTURA

A condição de refugiado não prevê, em curto prazo ao menos, uma possibilidade objetiva de volta a terra de origem. Assim, a projeção de suas vidas enquanto refugiados e refugiados reassentados, não é pautada por uma idealização de volta ao país de origem. Conforme JARAMILLO (2008b), *“a construção do futuro não contempla o retorno. A atitude predominantemente é uma negativa a voltar ao lugar de origem, diante do temor a uma repetição da experiência vivida.”* (JARAMILLO, p. 165, 2008b) (tradução nossa). No entanto, mesmo que a experiências tenham sido extremamente dolorosas, a idealização de uma volta à terra natal está presente na fala dos refugiados, muitas vezes como uma forma de ter forças para continuar vivendo. Quanto ao caso colombiano, a situação no país



segundo a avaliação dos entrevistados não parece dar sinais de modificação e melhora. Assim, as falas sobre tal tema são bastante focadas na realidade. Isso pode ser observado na argumentação de Victor sobre a situação política do país:

acho que não vai se acalmar. A Colômbia não vai mudar, está pior de quando eu saí, por causa do novo governo. Agora não tenho esperança. A pessoa que está no poder agora era ministro do Uribe e disse que iria continuar com as políticas, o país vai continuar sendo igual. Mas ele não tem feito isso. Ele se candidatou e todos que votariam no Uribe, que não pôde se reeleger de novo, votaram nele. Mas ele faz tudo como Uribe não faria.

A fala de Maria também é pautada nessa linha de raciocínio:

as últimas notícias que tenho da Colômbia é que tudo segue igual. Uns tempos aparentam calmos e logo de novo voltam os ciclos, os sequestros, as mortes, chantagens e assim. Sempre dói, porque se tem esperança que um dia termine esta guerra sem sentido. Gostaria de voltar se possível, mas meus filhos têm suas raízes aqui e nem recordam os vestígios da nossa bela, mas atropelada Colômbia. Então, irei de visita, de férias. Que chique, não?

O relato de Violeta e sua família também são direcionados para a construção da vida no Brasil e uma desesperança com os rumos do país de origem:

estamos inteirados, falamos sempre com a minha mãe. Sabe que conseguimos mandar torpedos internacionais agora? Bem bom! Minha mãe tinha saído de Bogotá e ido para outra cidade, agora voltou a Bogotá, pois tem uma loja de roupas e quer vendê-la. Quer pegar o dinheiro e vir para cá. [...] Estamos esperando sair as casas do Programa Minha casa, Minha vida para minha mãe vir. Meu esposo ganhou apartamento já, mas não podemos costurar lá. Então pedi para trocar por uma casa. A filha do meu marido vai vir também, tem 15 anos e mora num povoado muito pequeno e ele quer que ela venha. Nunca vai acabar o conflito. Sei que isso existe, minha mãe tem 58 anos e é desde que mataram meus avós. Cada vez mais se prolifera gente ruim, isso não vai mudar. Eles querem civilizar-se, mas na realidade eles só organizam melhor o crime.

Ernesto ainda se refere à perseguição à sua família como algo bastante presente:

minha família até pouco tempo, de certa forma era perseguida e vigiada, através de escutas telefônicas tentando saber minha localização. Parece que a situação agora é distinta, parece que a perseguição e escutas diminuíram, embora ainda exista pra mim muita incerteza com minha família. Recebo notícias por meio da informação dos jornais na internet, me atualizo um pouco sobre a situação política. Não tenho nenhum contato com amigos de lá, só tenho me comunicado com minha mãe e muito pouco, por razões de segurança tanto para mim como para eles. E o que sei é que situação política e social não muda, se aprofunda cada vez mais, cada vez com mais custos humanos. É extremadamente lamentável. Caso tenha uma mudança política e social na Colômbia, estaria disposto a voltar sempre e quando essa possibilidade seja real, por enquanto vejo pouco provável essa possibilidade.

As experiências e memórias relatadas pelos entrevistados e mesmo os planos de reconstrução de suas vidas sempre indicam que há um ponto em comum que mobiliza todas as decisões tomadas: o medo. As narrativas demonstram que a continuidade do medo é fruto das experiências diretas com terror e as ameaças sofridas, como verificou ALCALÁ (2008) em sua pesquisa. Assim, tal “clima” socialmente construído acaba por ser um mobilizador das trajetórias dos entrevistados. Dessa maneira, o medo que em algumas situações paralisa, também possui uma dimensão positiva, isto é, faz com que os indivíduos sigam em frente e busquem novas oportunidades com o objetivo de salvar suas vidas. Nas considerações finais, serão retomadas outras questões que são pertinentes para a reflexão acerca da temática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A definição clássica de refugiado contida na “Convenção de 1951” explicita que será considerado refugiado o indivíduo que possua um “bem fundado temor de perseguição”. Isto é, para ser um refugiado é necessário que o indivíduo não apenas tema a perseguição, mas que tal sentimento seja deveras fundamentado e justificado. Assim, verifica-se que o medo é reiterado pelos mais diversos marcos legais que dão conta de tal situação. Ser refugiado pressupõe ter medo. A ideia de que a definição universal é baseada em uma emoção foi identificada por RIAÑO-ALCALÁ e VILLA (2008) e, quando transposta para a análise dos reassentados no Rio Grande do Sul, reafirma sua pertinência. O questionamento que fica é de como se maneja com um instrumento tão formal e burocrático, que para sua aplicação pressupõe a presença quase que permanente na vida desse indivíduo de uma emoção tão complexa? Assim como o trabalho de MONDRAGÓN-RÍOS (2007) acerca do conflito no departamento de Chiapas, no México, se verifica no caso colombiano elementos similares. Dentre eles a centralidade da construção e da administração do medo na vida das populações locais.

Os questionamentos que guiaram essa investigação foram construídos ao longo de seis anos de contato direto da pesquisadora com os refugiados colombianos reassentados no Rio Grande do Sul, como socióloga do Programa de Reassentamento Solidário ASAV/ACNUR. A identificação do medo presente nas falas e ações dessas pessoas foi demonstrando que havia alguma ligação nem um pouco sutil, entre a vida em um conflito prolongado instalado em seu país e os processos de constituição dos indivíduos socialmente. Que sim, suas trajetórias eram pautadas e direcionadas pela presença como pano de fundo de um conflito social, passível de temor em maior ou menor grau, conforme a posição desse indivíduo nos espaços social e geográfico. Ademais, que a saída do país de origem e o percurso ao longo de outros dois países, era mobilizado por um constante medo. Assim, ser reassentado em um terceiro país, não é garantia de que esse indivíduo vá desconsiderar suas experiências pregressas e, que muito menos, irá deixar de ter uma convivência com estas. Não é a distância geográfica que é central para temer ou não a nova realidade, mas sim a continuidade de uma proximidade com os fantasmas do passado. Seria uma solução, se é que se pode utilizar essa palavra, a

elaboração psíquica de tais traumas? Isso já fica a cargo de profissionais da psicologia e áreas afins constatarem.

Cabe à sociologia e as demais áreas das ciências sociais, se preocupar o quê de social está envolvido e representado nesses complexos processos. Não se está abordando migrações com motivações econômicas, por exemplo, mas sim situações em que a violência e o medo da morte, em última análise, são fatores centrais para definir a saída do território ameaçador. Dessa forma, o caráter processual e relacional da análise é fundamental para a compreensão de tal fenômeno. Nesse sentido, buscar no processo de socialização dos indivíduos, onde há o início da formação de um *habitus* que será constituído e reconstituído ao longo de suas trajetórias e que possibilita identificar o papel que a migração desempenha na vida dessas pessoas através de suas estratégias e ações práticas de fuga, pareceu frutífero para a abordagem proposta. O medo que é presente na vida de todos os indivíduos seja a qual grupo social se pertença, nesse contexto toma proporções importantes, se tornando parte da dinâmica da vida social.

As hipóteses condutoras foram observadas nas falas dos reassentados. Os indivíduos que são expostos a situações de conflito prolongado demonstram ter adquirido ao longo do processo de socialização a formação de disposições para migrar, isto é, as temáticas relacionadas a conflito, violência e migração são cotidianamente disseminadas nos diferentes espaços e grupos em que estes interagem. Isso propicia que a violência que é sistematicamente impetrada contra as populações e seus ecos na vida social permita que um medo coletivo seja desenvolvido. Tal medo, nem sempre direcionado a instituições, grupos ou atores específicos, mas muitas vezes difuso contra tudo e todos, influenciando, assim, na trajetória de vida desses indivíduos. O medo acompanha seus percursos, levando-o aonde for. Tal emoção segue operando e os indivíduos reproduzem nas sociedades de acolhida, atitudes e reações pautadas em suas experiências pregressas.

Como já mencionado, o medo acompanhou todo o desenvolvimento da pesquisa. Afirma-se isso na medida em que a própria amostra de entrevistados foi impactada pelo temor de falar e expor sua situação, mesmo estando claro que nenhum dado pessoal seria revelado. Assim, a pesquisa de campo dessa dissertação pode ser classificada como de caráter exploratório. A pesquisadora fazendo parte da equipe da agência implementadora do reassentamento facilitou a aproximação por um lado, por conta da relação de confiança já construída, mas pôde ter dificultado no momento de algumas coisas serem ditas, especialmente no momento em que a elaboração de críticas fossem realizadas.

Dentro do grupo de entrevistados algumas situações puderam ser observadas. Nem todos contaram seu histórico de perseguição de maneira detalhada, dedicando a maior parte de suas falas sobre as experiências no país refúgio e reassentamento. Alguns falaram por horas, elevando o momento de entrevista a quase que uma escuta de si próprio com o objetivo de seguir elaborando suas histórias. Outros se limitavam a responder os questionamentos com uma ou duas frases bastante objetivas e racionais. Quem sabe se por medo que a emoção tomasse conta? Assim, tinham que ser questionados acerca de cada detalhe.

Percebeu-se também, que o engajamento político de Ernesto e o conhecimento que tem sobre a situação colombiana, lhe propiciou uma clareza maior sobre ao que temer. Seu agente perseguidor era o Estado, por conta de sua luta política e, assim, pode-se afirmar que seu medo é bastante direcionado. A fala dos demais entrevistados demonstra um medo mais difuso, tudo pode ser ameaçador, sejam os atores envolvidos e mesmo as instituições.

O objetivo não era esgotar a discussão, mas sim buscar elementos que pudessem permitir que o medo fosse compreendido de uma maneira mais ampla. No entanto, uma amostra que permita uma maior diversidade de perfis, pode contribuir para a criação de tipologias de indivíduos fruto de uma situação de conflito prolongado e suas atitudes diante de situações ameaçadoras. A ampliação da amostra em termos de número de reassentados entrevistados, incluindo diferentes locais de procedência, de países de primeiro refúgio e, mesmo de países de reassentamento, permitirá apreender com maior clareza uma diversidade maior de elementos que permeiam o ciclo do deslocamento forçado. Chegando ao ponto, de

quem sabe, ocorrer a construção de categorizações para esses medos e, mesmo, de tipologias atrelando perfil do indivíduo refugiado e tipos de medos presentes em sua trajetória.

O trabalho de campo demonstrou que o ambiente de refúgio nem sempre garante uma tranquilidade, pois agrega ao medo já existente, outros tipos de temores como o medo ao outro, ao estrangeiro, ao diferente. Assim, o percurso do refúgio pode adicionar medos à vida daquela pessoa que já se encontra em situação vulnerável. Não ser compreendido, seja no sentido linguístico ou simbólico, no tocante das suas necessidades é um tipo de exclusão central, que pode influenciar na integração desse indivíduo nas sociedades de acolhida. A falta de conhecimento dos cidadãos dos países de refúgio sobre o conflito colombiano e, mesmo, sobre o significado de ser refugiado é outro fator que pode mobilizar antigos e novos temores. O refugiado é vítima de algum tipo de perseguição motivado por um conflito instalado, o que é diferente de foragido ou fugitivo. Muitas vezes, o senso comum que desconhece tal tema, reforça uma condição de alzoq à vítima afirmação de preconceitos construídos acerca da Colômbia e do que significa ser colombiano, muitas vezes ligado erroneamente à prostituição, no caso das mulheres e ao tráfico de drogas. Além disso, o tipo de tratamento recebido pelas organizações não-governamentais, nem sempre vai de encontro com a expectativa criada pelo refugiado. Refugiado este que é um indivíduo em constante deslocamento ao longo de sua vida, sedento por reconstruí-la.

O contexto histórico colombiano, de acordo com a longevidade do conflito e suas características próprias que lhe dotam de uma complexidade importante, consegue ser um exemplo bastante ilustrativo de como o medo é constituído socialmente e compartilhado. Como bem define SANCHEZ, VILLA e JARAMILLO (2002) apud RIAÑO-ALCALÁ (2008) quando se referem ao medo como uma emoção que é experimentada individualmente, socialmente construída e compartilhada culturalmente. Assim, temer o conflito é algo naturalizado nesta sociedade e buscar a migração para outro país parece ser uma estratégia já incorporada ao tipo de *habitus* característico dessa população.

A socialização em um “clima de medo”, presente nas diferentes esferas da vida social da Colômbia dos séculos XX e XXI, acaba socializando seus indivíduos em um determinado modelo que torna temas como conflito, violência e deslocamentos recorrentes nas diferentes esferas da vida cotidiana. Sendo assim, mesmo que tal indivíduo troque de cidade, departamento ou país inúmeras vezes, levará em sua memória e reproduzirá reações e atitudes pautadas nas experiências pregressas de quando estava em um ambiente hostil e ameaçador. Dessa forma, buscar refúgio no Equador, que devido ao impacto que sofre do conflito colombiano também pode ser caracterizado como um ambiente difícil para a vida de colombianos, acaba atualizando tal bagagem e reforçando muitas das desconfianças já acumuladas. O reassentamento no Brasil, país que possui características culturais e linguísticas mais diferenciadas se comparado ao Equador, também não auxilia na equalização de tais temores.

Além disso, a passagem de cidadão a membro de categoria prevista pela proteção internacional e, assim, passível de tutelamento por Agências da ONU e Organizações Não governamentais que atuam com esta temática, também contribui para tais dificuldades. Estar à mercê de ações e decisões de terceiros, que muitas vezes podem se valer de ideologias que concebem o refugiado ou o refugiado reassentado como um verdadeiro *homo sacer* (AGAMBEN, 2010) <sup>15</sup>, reforça uma ideia de que os velhos temores acabam não se dissipando ao longo do ciclo de refúgio. O indivíduo que não foi protegido devidamente por seu Estado de nascimento, acaba se tornando nos países de refúgio e reassentamento membro de uma de verdadeira subcidadania. Ou de maneira vulgar, um intruso que deve aceitar e agradecer o que lhe é oferecido e não questionar tais benesses ofertadas.

O conflito colombiano nesse início de século XXI já deu sinais, ora de abrandamento, ora de acirramento. No entanto, o ano de 2011 foi um marco para história recente colombiana na medida em que o governo assinou a chamada “*Ley de Víctimas y de Restitución de Tierras*” <sup>16</sup>. Tal lei prevê medidas judiciais, administrativas, sociais, econômicas, individuais e coletivas em benefício das vítimas do conflito interno. Vítimas essas que buscam ter acessos ao efetivo cumprimento

---

<sup>15</sup> Define o refugiado como um sujeito nu de direitos.

<sup>16</sup> Maiores informações em:

[http:// ww.mij.gov.co/Ministerio/newsdetail/337/1/LeydeVictimasydeRestituciondeTierras](http://ww.mij.gov.co/Ministerio/newsdetail/337/1/LeydeVictimasydeRestituciondeTierras)

de seus direitos em relação à verdade, justiça e reparação com a garantia de que tais violações não sejam repetidas. Parece que os caminhos para um apaziguamento estão sendo buscados, exonerando de culpa e perseguição exatamente àqueles que são as maiores vítimas dos desmandos de grupos e instituições. Quem sabe o caminho para a volta de deslocados internos, migrantes, refugiados, reassentados e tantas outras categorias migratórias existam, esteja sendo traçado?



## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer – poder soberano e vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AHUMADA CASAS, Madelene; TAPIA GÓNGORA, Edwin Manuel. El Valle del Cauca entre puntos de confrontación, crisis humanitaria y la fractura política de la atención al desplazamiento forzado. Consultoría para los Derechos Humanos y el Desplazamiento forzado (CODHES). Bogotá, 2006.

ÁLVARO RODRÍGUEZ, Miriam. De las armas a la desmovilización: el poder paramilitar em Colombia. Revista Internacional de Sociología (RIS). Córdoba, Espana, vol. 67, n 1, pp. 59-82, enero-abril, 2009.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. A situação dos refugiados no Mundo: cinquenta anos de acção humanitária. A Triunfadora – Artes gráficas, Almada, Portugal, 2000.

\_\_\_\_\_. Situación Colombia: Panorama Regional 2011 – Colômbia, Ecuador, Venezuela y Panamá. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/operaciones/situacion-colombia/> Acesso em: 10 fev 2012.

AYDOS, Mariana Recena. Migração forçada – uma abordagem conceitual a partir da imigração de angolanos para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil (1970-2006). Dissertação (Mestrado em Demografia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Demografia. Campinas, 2010.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRENECHE CORRALES, Johana. Refugiados Colombianos no Brasil: interpretações de suas travessias internas. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Campinas, 2007.

BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin; GARKELL. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BAUER, Martin; ARTS, Bas. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados quantitativos. In: BAUER, Martin; GARKELL. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BENAVIDES, Balvina Rodriguez. “Hola Soy Jairo” – Historias de vida de la emigración colombiana en España. Revista Internacional de Ciencias Sociales, Universidade Autonoma de Tamaulipas, Victoria, México, vol XVII, n 1, pp 141-161, enero-julio 2007.

BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. O senso prático. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

BUILES, Gloria Marcela Gómez; ARIAS, Gilberto Maurício Astaiza; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Las migraciones forzadas por la violencia: el caso de Colombia. Revista Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 13 (5), p. 1649-1660, 2008.

DÉJENNOS EN PAZ! – LA POBLACIÓN CIVIL, VÍCTIMA DEL CONFLICTO ARMADO INTERNO DE COLOMBIA. Amnistía Internacional, 2008. <http://www.amnesty.org/es> Acesso em 25 jun 2010.

DELUMEAU, Jean. Uma pesquisa histórica sobre o medo: razões, explicações e conclusões. Revista Multitextos, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 0, n 3 “O medo no Ocidente”, pp. 9.15, 2006.

\_\_\_\_\_. História do medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

ESTRADA MEJÍA, Rafael Ignacio. Desterritorialização e resistências: viajantes forçados colombianos em São Paulo e Barcelona. Tese (Doutorado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Campinas, 2010.

FAZITO, Dimitri. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2002, Ouro Preto.

FACULTAD LATINOAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES (FLACSO). Refugiados Urbanos em Ecuador – Estudios sobre los procesos de inserción urbana de la población colombiana refugiada, el caso de Quito y Guayaquil. Quito, 2011.

GÓMEZ BUILES, Gloria Marcela. Desplazamiento forzado y periferias urbanas: la lucha por el derecho a la vida em Medellín. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2010.

JARAMILLO, Ana María. Contextos explicativos del desplazamiento interno y del refugio de colombianos em Ecuador y Canadá. In.: RIAÑO, Pilar; VILLA, Marta et all. Poniendo tierra de por médio: migración forzada de colombianos em Colombia, Ecuador e Canadá. Corporacion Region. Medellín, pp. 39-72, 2008a.

\_\_\_\_\_. Desplazamiento intrarregional: entre el destierro y la inserción precária. In.: RIAÑO ALCALÁ, Pilar; VILLA, Marta et all. Poniendo tierra de por médio: migración forzada de colombianos em Colombia, Ecuador e Canadá. Corporacion Region. Medellín, pp. 135-172, 2008b.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Habitus* e efeitos de disposição. Uma comparação conceitual. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Emoção da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, vol 5, n 13, pp. 5-14, abr 2006.

LIRA, Elizabeth; CASTILLO, Maria Isabel. Psicología de la amenaza política y del miedo. ILAS – Instituto Latino Americano de Salud Mental y Derechos Humanos. Santiago, Chile. Editorial Cesoc, 1991.

MONDRAGÓN RÍOS, Rodolfo. La producción social del miedo: violência, política y terror em la zona norte de Chiapas, México. Intersticio, Revista Sociológica de Pensamiento Critico, México, vol. 1 (2) 2007, pp. 139-157

NAÇÕES UNIDAS. Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: <[http://www.onu-brasil.org.br/doc\\_refugiados.php](http://www.onu-brasil.org.br/doc_refugiados.php)> Acesso em: 25 jun 2006.

\_\_\_\_\_. Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: <[http://www.onu-brasil.org.br/documentos\\_outros.php](http://www.onu-brasil.org.br/documentos_outros.php)> Acesso em: 24 jun 2006.

\_\_\_\_\_. Declaração de Cartagena de 1984. Disponível em: < [http://www.onu-brasil.org.br/documentos\\_outros.php](http://www.onu-brasil.org.br/documentos_outros.php)> Acesso em: 24 jun 2006.

\_\_\_\_\_. Declaração e Plano de Ação do México para Fortalecer a Proteção Internacional dos Refugiados na América Latina. Disponível em: <http://www.acnur.org/biblioteca/pdf/3016.pdf>> Acesso em: 05 dez 2007.

NIÑO MURCIA, Soledad. Eco del miedo em Santafé de Bogotá e imaginários de SUS ciudadanos. pp.189-212. In: DELUMEAU, Jean; URIBE DE HINCAPIÉ, María Teresa et all. El miedo reflexiones sobre su dimensión social e cultural. Medellín: Corporación Region, 2002.

NUÑEZ, Magda Paola. Contexto de violência y conflicto armado. In.: Monografía Política Electoral del Departamento de Caldas 1997-2007. Misión de Observación Electoral. Bogotá, 2010a.

\_\_\_\_\_. Contexto de violencia y conflicto armado. In.: Monografía Política Electoral del Departamento de Risaralda 1997-2007. Misión de Observación Electoral. Bogotá, 2010b.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DE LAS MIGRACIONES (OIM) – Colômbia. Disponível em: <http://www.oim.org.co> Acesso em: 15 dez 2011.

OSORIO, Amantina. El miedo, la memória histórica y las representaciones sociales de los refugiados colombianos em Québec, pp. 167-200. In: RIAÑO ALCALÁ, Pilar; COLORADO, Martha; DÍAZ, Patricia; OSORIO, Amantina. Migración forzada de colombianos: Colombia, Ecuador, Canadá. Coporación Región, UBC Flacso – sede Ecuador, 2007.

PALACIO VALENCIA, María Cristina; CIFUENTES PATIÑO, María Rocío. El departamento de Caldas: su configuración como territorio de conflicto armado y esplazamiento forzado. Trabajo Social, Revista del Departamento de Trabajo Social, Faculdade de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá, n 7, 2005, pp. 99-110.

PÉCAUT, Daniel. Pasado, presente y futuro de la violencia. Análisis Político, Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales (IEPRI), Universidad Nacional de Colômbia, Bogotá, nº 30, enero-abril, 1997, pp. 1-42.

PETERS, Gabriel. Humano, demasiado mundano: a teoria do habitus em retrospecto. Revista Teoria e Sociedade, Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, n 18.1, jan-jun 2010.

PEIXOTO, João. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. SOCIUS Working Papers. Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2004.

RAVENSTEIN, Ernest G (1885). As leis de migração. In.: MOURA, Hélio A de. Migração Interna: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980.

REGUILLO, Rossana. Los laberintos del miedo. Un recorrido para fin de siglo. Revista Estudios Sociales. Universidad de los Andes. Bogotá, Colômbia, pp. 63-72 enero 2000.

REVELO HERNÁNDEZ, María Fernanda. Conflicto Armado em Nariño: ¿mito o realidade? – Una mirada reflexiva a la situación actual del departamento. Revista Unimar, Universidad Mariana. Pasto, Colômbia, n 51, tercer trimestre 2009, pp. 73-82,

RIAÑO-ALCALÁ; Pilar; VILLA, Marta et all. Poniendo tierra de por médio: migración forzada de colombianos em Colombia, Ecuador y Canadá. Corporación Region. Medellín, 2008.

RIAÑO-ALCALÁ, Pilar. Trayectos y escenarios del miedo y las memórias de las personas refugiadas y desplazadas internas. VILLA, Marta Inés. Lo que va del desplazamiento al refugio. Uma mirada a las políticas de refugio y desplazamiento em Colombia, Ecuador y Canadá pp. 397-432. In.: RIAÑO-ALCALÁ, Pilar; VILLA, Marta et all. Poniendo tierra de por medio: migración forzada de colombianos em Colombia, Ecuador e Canadá. Medellín: Corporacion Region, 2008.

RUFFATO, Marcela de Andrade. Imigração e relações raciais na cidade moderna: a teoria social de Louis Wirth. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANCHEZ MEDINA, Luz Amparo; VILLA MARTÍNEZ, Marta Inés; JARAMILLO ARBELAÉZ, Ana María. Caras y contracaras del miedo em Medellín, pp. 223-245. In: DELUMEAU, Jean; URIBE DE HINCAPIÉ, María Teresa et all. El miedo reflexiones sobre su dimensión social e cultural. Medellín: Corporación Region, 2002.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das Migrações Internacionais. In: XII Encontro Nacional da ABEP 2000. Caxambu, outubro de 2000. GT Migração – Sessão 3: A migração internacional no final do século.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação, 2002, n. 20, pp. 60-70.

THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. The Polish Peasant in Europe and America. Chicago, University of Illinois Press, 1918, 1 ed, 1984, reimpresso.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, n. 44, pp. 341-364, 2002.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. Revista de Administração Pública – RAP, vol 40, n 1, jan-fev 2006, pp. 27-53.

URIBE DE HINCAPIÉ, María Teresa. Las palabras de la guerra. Estudios Políticos, Instituto de Estudios Políticos, Universidad de Antioquia, Medellín. nº 25, pp. 11-34, julio-diciembre, 2004.

VAINER, Carlos B. Deslocamentos compulsórios, restrições à livre circulação: elementos para um reconhecimento teórico da violência como fator migratório. In: CARLEIAL, Adelita Neto (org.) Transições Migratórias. Fortaleza, 2002, Edições Ipliance.

VÁSQUEZ, Teofilo. Análise del Conflicto Armado em Cundinamarca 1995-2001. Mesa de Planificación Regional Bogotá-Cundinamarca; Centro de Investigación y Educación Popular-CINEP. Bogotá, 2002.

VILLA MARTÍNEZ, Marta Inés; SANCHEZ MEDINA, Luz Amparo; JARAMILLO ARBELAÉZ, Ana María. Rostros del miedo – uma investigación sobre los miedos sociales urbanos. Medellín: Corporación Region, 2003.

VILLA, Marta Inés. Lo que va del desplazamiento al refugio. Una mirada a las políticas de refugio y desplazamiento em Colombia, Ecuador y Canadá. In.: RIAÑO-ALCALÁ, Pilar; VILLA, Marta et all. Poniendo tierra de por medio: migración forzada de colombianos em Colombia, Ecuador e Canadá. Medellín: Corporación Region, 2008.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o habitus. Revista Educação e Linguagem. Ano 10, nº 16, pp. 63-71, jul-dez 2007.

WAPECHOWSKI, Karin Kaid. Programa Brasileiro de Reassentamento Solidário de Refugiados no Rio Grande do Sul. Projeto Básico. Porto Alegre, 2012.

WILKIS, Ariel. Apuntes sobre la noción de estratégia en Pierre Bourdieu. Revista Argentina de Sociología, noviembre-diciembre, vol. 2, n. 003, 2004, pp. 113-130.

## **ANEXOS**



## ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

NOME:

DATA DE NASCIMENTO:

CIDADE E DEPARTAMENTO DE NASCIMENTO:

VIVEU EM ALGUMA OUTRA CIDADE OU REGIÃO NA COLÔMBIA?

PROFISSÃO:

PAÍS DE PRIMEIRO REFÚGIO E CIDADE:

\* VIDA NA COLÔMBIA: fases da infância, adolescência e vida adulta

- Como você conviveu com a situação da Colômbia? Você vivia em uma região em que o conflito era uma ameaça? Ou você morava numa grande cidade e isso não era uma ameaça?
- O que seus pais e pessoas próximas falavam sobre isso? Ou não falavam?
- O que os meios de comunicação mostravam sobre isso? Ou não mostravam?
- Você sabia alguma coisa sobre o grande número de colombianos (próximos e não tão próximos) que moravam em outros países? Como chegava até você essas informações (por quem e se era dada uma ênfase positiva ou negativa para o fenômeno migratório)? As histórias eram de pessoas que buscavam uma vida melhor ou que tiveram que fugir do país por causa da ameaça da violência? Que imagem você tinha e tem desses “personagens”?
- Havia um “clima de medo” na sua cidade? Como isso se manifestava?
- Você sabe qual “força” dominava sua região? Guerrilha, paramilitares, exército ou outra?
- Você sabe se sua região era “zona roja” (maior perigo) no conflito?
- Que tipo de figuras, pessoas ou instituições lhe amedrontavam? (exemplo: guerrilheiros, militares, paramilitares, traficantes, etc)
- Que tipo de situações lhe causavam medo? (exemplo: pagamento de impostos forçados por diferentes agentes, sequestro, assassinato, cooptação para que aderissem a uma determinada força)
- Você confiava nas instituições do Estado colombiano?

- Porque você teve que fugir? Você tinha alguma outra opção, por exemplo: ir para outra região da Colômbia?
  - Como foi sua fuga? Você conseguiu levar sua família? Como saiu (por qual meio)?
- 

\* PAÍS DE PRIMEIRO ASILO: Equador ou Panamá

- Como foi sua chegada no país de asilo?
  - Foste acolhido por alguma organização não-governamental (ONG)? Ou esse contato foi estabelecido depois de um tempo? Se teve algum apoio, isso ajudou a lhe dar mais tranquilidade?
  - Como foi seu processo de pedido de refúgio? Seu status demorou para ser aprovado?
  - Você conseguiu um trabalho no país de asilo ou teve que ficar escondido?
  - Você sentia que tinha igualdade de direitos e oportunidades, como os cidadãos nacionais?
  - Continuaste sendo perseguido no país de asilo? Por quem? Como isso aconteceu?
  - Se não continuaste sendo perseguido, continuavas com medo de ser perseguido?
  - O país de asilo lhe amedrontava? Se sim, como isso acontecia?
  - Como os nacionais do país de asilo lhe tratavam? Sentias alguma hostilidade a estrangeiros e mais especificamente, à colombianos?
  - Você tinha relações próximas com outros colombianos no país de asilo? Se não, porque? Você achava que alguns colombianos poderiam lhe ameaçar?
  - Como entraste em contato com o ACNUR (Agência da ONU para Refugiados, responsável pelo encaminhamento do refugiado para reassentamento em outro país)?
  - Como foi seu processo de reassentamento? Foste entrevistado pela missão do país de reassentamento? Ou seu processo foi de urgência? Escolheste o país de reassentamento ou devido a urgência por conta de ameaças isso não foi possível?
- 

\* PAÍS DE REASSEMENTAMENTO: Brasil

- Como foi sua chegada ao Brasil? Te sentiste seguro?
- Como foram seus primeiros meses aqui? Fizeste seus documentos e aulas de português?
- Após um ano, com o fim da assistência financeira do Programa de Reassentamento Solidário, ficaste tranqüilo com isso? Tinhas meios para sobreviver?
- Te sentes tranqüilo no Brasil? As ameaças que encontras aqui são similares as que tenha lembrança que teve na Colômbia?
- Em algum momento, tiveste a impressão (ou a certeza) de que alguém do seu país de origem estava lhe perseguindo? Acha que isso seria possível?
- Temes pelo futuro da sua família?
- Você conhece ou gostaria de conhecer outros colombianos que residem no Brasil?
- Se alguém lhe pergunta qual sua nacionalidade, você responde que é colombiano? Se sente à vontade com esse tipo de perguntas?
- Você confia nas instituições do Estado Brasileiro? Acha que é tratado com igualdade de direitos e oportunidades como os demais cidadãos?
- Você confia em brasileiros e têm amigos aqui?
- E no seu trabalho, você sente confiança nas pessoas e acredita que esteja sendo tratado como seus colegas, com igualdade de direitos e oportunidades?
- Como se sente psicologicamente nesse recomeço da vida?
- Que notícias recebes da Colômbia? Como teus parentes e amigos que moram lá relatam a situação atual? E como recebes isso? É doloroso? Assustador?
- Gostarias de voltar para a Colômbia um dia, caso haja uma possibilidade real?